UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (MIH)

MOSAICOS DE PAPEL:
A QUESTÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS E DA ARTE DECOLONIAL, NA TÉCNICA DE COLAGEM

REDENÇÃO – CEARÁ
2024

NIXON GLEYSON MELO DE ARAÚJO

MOSAICOS DE PAPEL:
A QUESTÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS E DA ARTE DECOLONIAL, NA TÉCNICA DE COLAGEM.

Texto apresentado para defesa de dissertação ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Humanidades.

Orientador: Dr. Luís Carlos Ferreira

REDENÇÃO – CEARÁ
2024

NIXON GLEYSON MELO DE ARAÚJO

MOSAICOS DE PAPEL:
A QUESTÃO DAS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS E DA ARTE DECOLONIAL, NA TÉCNICA DE COLAGEM.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) do Programa de Pós-graduação em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Linha de Pesquisa: Educação, Políticas e Linguagens.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Luís Carlos Ferreira (Orientador)

Dr. Carlos Henrique Lopes Pinheiro (Membro Interno – UNILAB)

Dr. Messias Holanda Dieb (Membro Externo - UFC)

Dr. Alexandre Santiago da Costa (Membro Externo - UFC)

Índice de Figuras

Figura 01: Rosana Paulino, Bastidores (1997). Rosana Paulino utiliza a técnica de colagem para abordar temas de identidade e história. Fonte: Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Figura 02: 'Aceita?' (2021), Moises Patricio. Uma assemblagem que mede 140 x 30 cm, retratando questões de identidade e aceitação.

Figura 03: Página do 'Ise Shū' da Dama Ise. Mostra caligrafia kana e desenhos impressos com padrões florais e pavões estilizados. Fonte: Museu Metropolitano de Arte, século XII.

Figura 04: Natureza Morta com Cadeira de Palha (1912), Pablo Picasso. Uma colagem famosa de Picasso, preservada no Museu Picasso em Paris. Fonte: Museu Picasso, Paris.

Figura 05: Fonte (1917/64), Marcel Duchamp. Peça de porcelana com 33,5 cm de altura, réplica autorizada da obra original de 1917. Fonte: Eskenazi Museum of Art, Bloomington.

Figura 06: Merz Column (1923), Kurt Schwitters. Representação da obra de Schwitters, conhecida por suas colagens e assemblagens.

Figura 07: Fotomontagem do Concurso (1952), Peter Smithson. Uma fotomontagem que explora a intersecção entre arquitetura e arte.

Figura 08: 'Estudo Neoconcreto' (1959), Lygia Clark. Escultura de 10 cm de altura, realizada com a técnica de colagem sobre papel cartão.

Figura 09: Pergunta provocada na oficina. Imagem capturada durante uma oficina pedagógica, documentando o processo educativo. Arquivo pessoal.

Figura 10: Materiais e ambiente . Fotografia que mostra os materiais utilizados e o ambiente da oficina. Arquivo pessoal.

Figura 11: Participantes da oficina Registro dos participantes envolvidos na oficina pedagógica. Arquivo pessoal.

Figura 12: Os participantes da oficina Outra foto dos participantes, destacando a interação e colaboração durante a oficina. Arquivo pessoal.

Figura 13: Obra de Tiago. Uma peça criada por um dos participantes da oficina. Arquivo pessoal.

Figura 14: Obra de um participante. Imagem de uma obra de arte feita por um participante da oficina. Arquivo pessoal.

Figura 15: Obra de um dos participantes. Outra obra de arte criada durante a oficina, mostrando a diversidade de técnicas e materiais. Arquivo pessoal.

Figura 16: Obra de uma das participantes. Peça finalizada por uma participante da oficina, refletindo suas explorações de identidade através da colagem. Arquivo pessoal.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AF - África do Futuro

ALA - Associação Latino-Americana

ANPAE - Associação Nacional de Política e Administração da Educação

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC - Ministério da Educação

ONG - Organização Não Governamental

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PNE - Plano Nacional de Educação

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

SARESP - Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

USP - Universidade de São Paulo

RESUMO

ARAÚJO, Nixon Gleyson Melo de. **MOSAICOS DE PAPEL**: a questão das identidades étnico-raciais e da arte decolonial na Técnica de Colagem. Dissertação de mestrado Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. 2023.

Nesta dissertação, investiga-se a intersecção entre arte, cultura e identidade, com foco na técnica da colagem e sua relevância no contexto decolonial. A pesquisa visa discutir as questões das identidades étnico-raciais com estudantes de graduação da UNILAB, utilizando a técnica de colagem "Mosaico de Papel". A colagem, que integra diferentes materiais para criar uma obra única, é abordada aqui como uma forma de expressão que revela múltiplas identidades culturais e sociais. Este estudo qualitativo, do tipo investigação-ação, foi conduzido no semestre de 2023.1 através de uma Oficina Pedagógica inserida no componente curricular "Samba, Capoeira e Manifestações Culturais Africanas e Afro-Brasileiras dos Lugares", destinado a estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia. Os participantes foram provocados a responder à pergunta "Qual é a sua cor?" utilizando a técnica do "Mosaico de Papel" para a criação de produções artísticas individuais. A coleta de dados incluiu registros no Diário de Campo e captura de imagens fotográficas, documentando as impressões e observações do pesquisador sobre o desempenho e desenvolvimento da proposta didática. A análise das colagens, fundamentada nos conceitos de Barbosa (2010), Hall (2003), Echeverria (2009) e Quijano (2005), permitiu uma reflexão profunda sobre a formação de identidades culturais e sociais no contexto decolonial. Os resultados revelaram que a arte da colagem serviu como uma poderosa ferramenta para a autoexploração e a expressão das identidades étnico-raciais dos participantes. A escolha dos materiais e cores nas colagens refletiu as percepções dos estudantes sobre suas identidades, variando de representações simbólicas a narrativas pessoais complexas. Os participantes manifestaram suas autopercepções de forma diversa, com alguns destacando a introspecção e a paciência necessárias no processo criativo, enquanto outros utilizaram a colagem para reconectar-se com memórias e aspectos culturais de suas infâncias. A colagem emergiu como um meio eficaz para explorar e articular as nuances das identidades étnico-raciais, desafiando as narrativas estabelecidas e promovendo uma maior compreensão da diversidade humana. Em contextos historicamente marcados pelo colonialismo, esta pesquisa s ugere que a arte, especialmente a colagem, pode funcionar como um meio de resistência e transformação, desafiando narrativas hegemônicas e amplificando vozes anteriormente marginalizadas. Ao engajar os estudantes em uma prática artística que espelha suas próprias experiências e identidades, a oficina não apenas facilitou um espaço de introspecção e expressão criativa, mas também contribuiu para um diálogo mais profundo sobre identidade, cultura e pertencimento.

Palavras-chave: Arte decolonial; Relações étnico-raciais; Identidades; Mosaico de Papel;

RESUMEN

ARAÚJO, Nixon Gleyson Melo de. **MOSAICOS DE PAPEL**: la cuestión de las identidades étnico-raciales y el arte decolonial en la Técnica de Collage. Disertación de maestría, Universidad de Integración Internacional de la Lusofonía Afro-Brasileña. 2023.

En esta disertación, se investiga la intersección entre arte, cultura e identidad, con un enfoque en la técnica del collage y su relevancia en el contexto decolonial. La investigación tiene como objetivo discutir las cuestiones de las identidades étnico-raciales con estudiantes de pregrado de la UNILAB, utilizando la técnica del collage "Mosaico de Papel". El collage, que integra diferentes materiales para crear una obra única, se aborda aquí como una forma de expresión que revela múltiples identidades culturales y sociales. Este estudio cualitativo, de tipo investigación-acción, se llevó a cabo en el semestre 2023.1 a través de un Taller Pedagógico incluido en el componente curricular "Samba, Capoeira y Manifestaciones Culturales Africanas y Afro-Brasileñas de los Lugares", destinado a estudiantes del curso de Licenciatura en Pedagogía. Los participantes fueron provocados a responder a la pregunta "¿Cuál es tu color?" utilizando la técnica del "Mosaico de Papel" para la creación de producciones artísticas individuales. La recolección de datos incluyó registros en el Diario de Campo y captura de imágenes fotográficas, documentando las impresiones y observaciones del investigador sobre el desempeño y desarrollo de la propuesta didáctica. El análisis de los collages, fundamentado en los conceptos de Barbosa (2010), Hall (2003), Echeverría (2009) y Quijano (2005), permitió una reflexión profunda sobre la formación de identidades culturales y sociales en el contexto decolonial. Los resultados revelaron que el arte del collage sirvió como una poderosa herramienta para la autoexploración y la expresión de las identidades étnico-raciales de los participantes. La elección de materiales y colores en los collages reflejó las percepciones de los estudiantes sobre sus identidades, variando desde representaciones simbólicas hasta narrativas personales complejas. Los participantes manifestaron sus auto percepciones de manera diversa, con algunos destacando la introspección y la paciencia necesarias en el proceso creativo, mientras que otros utilizaron el collage para reconectarse con recuerdos y aspectos culturales de su infancia. El collage emergió como un medio eficaz para explorar y articular las sutilezas de las identidades étnico-raciales, desafiando las narrativas establecidas y promoviendo una mayor comprensión de la diversidad humana. En contextos históricamente marcados por el colonialismo, esta investigación sugiere que el arte, especialmente el collage, puede funcionar como un medio de resistencia y transformación, desafiando narrativas hegemónicas y amplificando voces previamente marginadas. Al involucrar a los estudiantes en una práctica artística que refleja sus propias experiencias e identidades, el taller no solo facilitó un espacio de introspección y expresión creativa, sino que también contribuyó a un diálogo más profundo sobre identidad, cultura y pertenencia.

Palabras clave: Arte decolonial; Relaciones étnico-raciales; Identidades; Mosaico de Papel;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 14
CAPÍTULO 1 - A DECOLONIZAÇÃO DA ARTE PARA UMA ARTE DECOLONIAL..... 19
CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE(S) NA PERSPECTIVA CULTURAL DA ARTE DECOLONIAL..... 29
CAPÍTULO 3 - ALTERIDADE(S) NA PERSPECTIVA CULTURAL DA ARTE DECOLONIAL 39
3.1 - INDÍCIOS DA ARTE DECOLONIAL COM COLAGEM, DE ROSANA PAULINO 45
CAPÍTULO 4 – (DES)COLAGEM E A ARTE PICTÓRICA E DA COMPOSIÇÃO: 54
CAPÍTULO 5 – PERCURSO METODOLÓGICO: QUAL SUA COR? OFICINA MOSAICOS DE PAPEL COM ESTUDANTES DA UNLAB 72
CAPÍTULO 6 - ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES: IDENTIDADES E COLAGENS..... 85
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 112

REFERÊNCIAS..... 119

INTRODUÇÃO

A arte, ao longo dos tempos, tem servido como um reflexo da sociedade, capturando e moldando as sutilezas e complexidades da era em que foi criada. Ela não apenas encapsula a alma de um período, mas também tem o poder de influenciar, formar identidades culturais e, consequentemente, remodelar a sociedade em si. Esta dissertação aprofunda a interação entre ar te, cultura e identidade, com uma ênfase particular na técnica da colagem e sua pertinência no cenário decolonial.

A colagem, uma técnica artística que amalgama diferentes materiais e imagens para conceber uma composição unificada, tem suas raízes fincadas profundamente na trajetória artística. Porém, além de ser uma mera técnica de expressão artística, é um reflexo das intrincadas camadas da sociedade. Ao optar por materiais alternativos, como papel reciclado e recortes de jornais, a colagem não só propaga uma visão ecológica e de releitura, mas também instiga os artistas a inovar, empregando os recursos ao seu dispor de forma inventiva.

Em contextos coloniais, onde frequentemente a visão do colonizador é imposta, a arte, e especialmente a colagem, surge como um bastião de resistência. Ela confronta as narrativas preestabelecidas e eleva vozes que foram silenciadas ou marginalizadas por muito tempo. Nesse panorama, a representação artística torna-se um pilar na construção e expressão da identidade.

A era da globalização, com sua fusão de culturas, introduziu desafios intrincados relacionados à autenticidade, pertencimento e representação. Dentro desse mosaico cultural, a arte se posiciona não somente como um meio de expressão, mas também como uma ferramenta de introspecção e questionamento. A técnica da colagem, em especial, é um espelho do mundo contemporâneo, refletindo um conglomerado de influências, identidades e vozes. Ela desafia os artistas a tecer uma narrativa coesa a partir da diversidade, tornando-se assim um símbolo deste tempo.

O prisma decolonial proporciona uma visão crítica para avaliar a arte e a cultura. Em um mundo ainda assombrado pelas marcas do colonialismo, torna-se imperativo questionar e desafiar as narrativas hegemônicas. A arte e, em particular, a colagem, oferece um palco para es sa contestação. Ao mesclar elementos de diversas origens, a colagem tem a capacidade de questionar, desafiar e reconfigurar noções preconcebidas de identidade e cultura.

Nesse sentido, essa pesquisa se posiciona no cruzamento entre arte e identidade no cenário decolonial. Ao desvendar a técnica da colagem, busca-se compreender como os artistas contemporâneos estão empregando esta forma de arte para navegar, questionar e

redefinir sua posição em um mundo que ainda carrega as sombras do colonialismo. Através deste estudo, nos aprofundaremos nas raízes e evolução da colagem, exploraremos sua relevância no panorama artístico contemporâneo e debateremos sua habilidade singular de encapsular e comunicar complexidades culturais e identidades em constante fluxo.

A escolha deste objeto de estudo não é casual; ela emerge da confluência entre a trajetória pessoal do mestrando-pesquisador e um profundo interesse nas manifestações culturais e identitárias através da arte. O fascínio pela técnica de colagem "Mosaico de Papel", em especial, e seu potencial de expressar e explorar as complexas questões das identidades étnico-raciais, ancoram esta pesquisa no contexto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em Redenção – CE, complexifica as questões identitárias devido à sua missão de promover a integração cultural entre países lusófonos e por acolher uma comunidade estudantil diversa, incluindo brasileiros e muitos estudantes africanos. A UNILAB serve como lócus ideal para a pesquisa sobre identidades étnico-raciais, dada sua rica diversidade cultural e o simbolismo histórico de sua localização, a primeira cidade a abolir a escravidão no Ceará. Esse estudo escolhe este ambiente para explorar como as identidades são expressas através da arte de colagem "Mosaicos de Papel", uma metodologia que permite capturar e refletir sobre as complexas dinâmicas de identidade em um contexto decolonial. O foco da UNILAB em práticas educacionais inclusivas e sua história tornam-na um local privilegiado para estudar como as práticas artísticas podem fomentar uma compreensão mais profunda das múltiplas identidades culturais e sociais de seus estudantes. A arte, aqui, transcende a mera arte para atuar como veículo de investigação e expressão das dinâmicas sociais e culturais que moldam a experiência dos estudantes negros na universidade. As obras de Rosana Paulino, um marco na arte decolonial brasileira, como inspiração busca-se não apenas uma análise acadêmica, mas uma conexão íntima com as narrativas e resistências embutidas nesses trabalhos artísticos.

Este estudo se propôs, portanto, desentranhar as camadas de significado encontradas na intersecção entre arte, identidade e sociedade. As questões levantadas – como os estudantes negros da UNILAB representam suas identidades étnico-raciais através da colagem, quais traços identitários emergem mais fortemente em suas obras, e como a discussão sobre cor se manifesta no uso de diferentes materiais servem como um prisma através do qual observamos a complexidade e a riqueza das experiências de vida destes jovens. Ao analisar como estes estudantes manifestam sua autopercepção e discutem questões de cor e identidade nas colagens produzidas, este trabalho aspira não apenas a contribuir para o campo acadêmico da arte e da educação, mas também a refletir sobre o papel da universidade como espaço de

afirmação cultural e de diálogo entre diferentes perspectivas. Em última análise, o estudo busca ampliar o entendimento das formas pelas quais a arte pode servir como um meio poderoso de ex pressão pessoal e transformação social.

A base teórica procede de Barbosa (2010), Hall (2003), Echeverria (2009), Quijano (2005),dará condições para refletir sobre um mosaico de identidades culturais e sociais, necessárias a um contexto decolonial cuja lente crítica nos permitirá examinar a arte e a cultura. Os conceitos de Barbosa, Hall, Echeverria, Quijano, convergem na construção de um entendimento complexo sobre identidades culturais e sociais em um contexto decolonial, enfocando a arte e a cultura como campos de expressão, resistência e redefinição. Barbosa destaca a arte-educação como um meio de valorizar a diversidade cultural; Hall vê as identidades como construções contínuas marcadas pela diferença; Echeverría propõe uma modernidade alternativa que resiste ao modelo capitalista europeu; Quijano introduz a "colonialidade do poder" como um sistema de controle que persiste além do colonialismo formal. Juntos, esses pensadores fornecem um quadro teórico rico para entender a multiplicidade e a complexidade das identidades em uma perspectiva decolonial, destacando a arte e a cultura como espaços vitais para a negociação de poder e identidade

Sendo assim, a metodologia usada na pesquisa qualitativa é do tipo investigação-ação, através de rodas de conversas, cuja coleta dos dados da pesquisa será promovida por meio da Ofi cina Pedagógica "*Mosaico de Papel*", proposta a ser realizada na componente curricular "*Samba, Capoeira e Manifestações Culturais Africanas e Afro-Brasileiras*", com estudantes do curso de Licenciatura de Pedagogia, do semestre letivo 2023.1, da UNILAB, campus Acarape, CE

Como parte das atividades, os estudantes foram provocados a responder por meio da técnica da colagem a questão *"Qual a sua cor?"* com a apresentação de produção artística individual. A pergunta fomentou indagações acerca de suas identidades e subjetividades que, nesta oficina, a colagem explorou como um canal de comunicação, por meio do qual os estudantes poderiam externalizar e manifestar seus sentimentos e percepções acerca das questões discutidas.

A metodologia contou com a observação seguida de registros fotográficos e escritos num Diário de Campo, por ser um instrumento de registro das vivências na pesquisa, subsidiou importantes momentos do trabalho. A análise interpretativa da atividade de colagem, foi baseada nas referências que dialogam com as categorias arte, cultura e identidades.

Rosana Paulino, renomada artista brasileira, desempenha um papel fundamental como i nspiração na oficina "Mosaicos de Papel: Qual é a sua cor?" realizada na UNILAB. Paulino é c onhecida por suas obras que exploram a identidade étnico-racial e a história das mulheres negras no Brasil, utilizando técnicas de colagem e outras formas de expressão visual para desafiar narrativas coloniais e patriarcais. Sua abordagem artística decolonial e a capacidade de entrelaçar histórias pessoais com temas sociais mais amplos forneceram inspiração potente para a construção dessa pesquisa e composição da oficina. Ao incorporar materiais reciclados e símbolos que ressoam com suas próprias experiências culturais, os participantes foram encorajados a refletir sobre suas identidades inspirados na arte de Paulino. A escolha de Paulino como figura inspiradora não é apenas uma homenagem ao seu impacto no cenário artístico brasileiro, mas também um convite aos estudantes para que vejam suas próprias histórias e identidades refletidas e valorizadas no processo criativo. Sua inspiração ajudou a moldar a oficina como um espaço onde a arte não só representa, mas também celebra a complexidade e a riqueza das identidades étnico-raciais dos estudantes da UNILAB.

No estudo, a organização dos capítulos consiste em:

No Capítulo 1, intitulado de “A decolonização da arte para uma arte decolonial”, a abordagem da decolonização da arte é explorada, ressaltando a necessidade de se analisar as relações de decolonialidade e os vínculos étnico-raciais que se manifestam nas criações artísticas. A arte é percebida não somente como uma manifestação arte, mas também como um potente instrumento de contestação e renovação social.

No Capítulo 2, denominado de “Identidade(s) na perspectiva cultura da arte decolonial”, ficamos imersos na rica e multifacetada cultura brasileira. A vibrante tapeçaria de cores, raças, gêneros e crenças é minuciosamente examinada, evidenciando a coexistência harmoniosa de diversas perspectivas e entendimentos do mundo. A celebração da diversidade étnica e cultural é posta em destaque, sendo vista como essencial para a compreensão da multifacetada identidade brasileira.

No Capítulo 3, então, chamado de “Alteridade(s) na perspectiva cultura da arte decolonial”, tratamos da relação entre alteridade e identidade é desvendada no contexto das manifestações artísticas. A identidade é analisada à luz de como uma comunidade se percebe e se reconhece, enquanto a alteridade enfatiza as diferenças culturais que dão forma a essa identidade.

O Capítulo 4, identificado como “(Des)colagem e a arte pictórica e da composição” está dedicado à técnica da colagem, apresentando-a como uma expressiva forma de arte. A

colagem é revelada como um método versátil e em constante evolução de representação artística, inaugurando novas possibilidades de expressão e interpretação.

No Capítulo 5, intitulado “Percuso Metodológico: Qual sua cor? Oficina Mosaicos de Papel com Estudantes da UNILAB”, descreve-se como foi a implementação prática da pesquisa através de oficinas de colagem que engajaram os estudantes em uma reflexão profunda sobre identidade étnico-racial. Utilizando materiais reciclados e contextualizada na UNILAB, esta dissertação explorou como os estudantes interpretaram e expressaram suas identidades por meio da arte, integrando a prática artística com os conceitos da teoria decolonial.

Finalmente, no Capítulo 6, intitulado “Análise das Observações: Identidades e Colagens”, aprofundou-se na análise das observações realizadas com os participantes das oficinas. Este capítulo buscou entender como os estudantes articularam suas identidades e como a técnica de colagem funcionou como uma ferramenta para a expressão e exploração de suas percepções sobre cor e identidade. Através dessa análise, foi possível capturar a complexidade das experiências dos estudantes e a influência do contexto decolonial na formação de suas identidades.

Nas Considerações Finais, os insights obtidos ao longo dos capítulos são sintetizados, re fletindo sobre a intersecção entre arte, identidade e cultura dentro de um quadro decolonial. Esse segmento destaca a arte como uma ferramenta vital para a transformação social e pessoal, enfatizando a importância de práticas educacionais que integram a arte para fomentar uma compreensão mais profunda e empática das diversas identidades culturais. Além disso, sublinha-se o papel crucial da universidade e dos educadores na facilitação dessas experiências, promovendo uma abordagem inclusiva e reflexiva no ensino das artes e das ciências humanas.

Em resumo, a Introdução estabelece a importância do estudo da colagem como uma prática artística significativa em contextos decoloniais, ressaltando seu papel não apenas como uma forma de arte, mas também como um meio essencial para o diálogo cultural, a autoexpressão e a crítica social. Espera-se que, através deste estudo, seja possível contribuir para um entendimento mais amplo das dinâmicas de identidade e cultura, fornecendo insights v aliosos para a prática educacional e artística contemporânea.

CAPÍTULO 1 - A DECOLONIZAÇÃO DA ARTE PARA UMA ARTE DECOLONIAL

A proposta de trabalharmos as relações de decolonialidade e os vínculos étnico-raciais que se manifestam nas criações artísticas da artista contemporânea, Rosana Paulino, nos inspiram e desafiam a realçar as discussões sobre identidade, racismo e a representação de indivíduos afrodescendentes, e instigando, desta forma, uma conversa crítica e reflexiva sobre a colonialidade imbricada tanto na arte quanto na estrutura social. Nesse contexto, é intenção deste capítulo, investigar os componentes, simbolismos e técnicas empregados por Paulino em seus trabalhos, para entender como estes colaboram para um entendimento decolonial da arte. Com esta análise, aspira-se demonstrar o papel crucial da arte como um instrumento robusto de contestação e renovação social, oferecendo novos prismas e interpretações que incentivam a desagregação de preconceitos e a redefinição das concepções sobre relações étnico-raciais e legados coloniais.

Assim, a relação da arte e educação tratada no estudo, parte de uma arte decolonial. que nasce do nosso primeiro contato com a ideia de decolonialidade, proposta por Aníbal Quijano, que apresentam uma realidade transcendida de um processo histórico brutal de dominação produzido ao longo dos anos e séculos vem se renovando em diferentes categorias e perpetuando condições não igualitárias e opressoras em diferentes aspectos, seja no âmbito econômico, material, cultural ou moral. O uso do termo decolonial se contrapõe à “colonialidade”, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao “colonialismo”, já que o termo descolonização é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais.

Essas relações opressoras de poder chegaram a influenciar e colonizar nossas identidades e subjetividades como um benefício à adesão silenciosa e reprodutora das expressões artísticas, sociais e culturais, de modo que o processo de assimilação da subjetividade latino-americana fosse entendido como "deixar de ser o que não somos", nas palavras de Quijano (2005, p.25). Explorando mais a fundo as ricas camadas dos conceitos introduzidos por Walter D. Mignolo (2017) e outros pensadores decoloniais, mergulhamos numa análise mais detalhada da "colonialidade" e sua repercussão nas estruturas contemporâneas de poder, conhecimento e ser.

Nesse sentido, Mignolo (2017) destaca como a colonialidade se mantém enraizada nas sociedades atuais, não apenas replicando as hierarquias de poder estabelecidas durante o colonialismo, mas também perpetuando uma visão de mundo centrada no Ocidente que marginaliza e desvaloriza conhecimentos e culturas não ocidentais. Este fenômeno evidencia

a necessidade de uma ruptura através da "decolonialidade", um processo que vai além do reconhecimento dessas estruturas, promovendo ativamente a valorização e reintegração de saberes e perspectivas anteriormente suprimidos.

A decolonialidade, então, se apresenta como uma estratégia fundamental para desconstruir a lógica opressiva da colonialidade, propondo um "giro decolonial" que visa a descolonização do saber, do ser e do poder. Este movimento aspira não apenas a contestar as estr uturas existentes de dominação, mas também a inaugurar espaços para a pluralidade de mundos, conhecimentos e existências. Nesse contexto, a obra de Catherine Walsh (2017) assume uma importância particular, enfatizando a pedagogia decolonial como uma ferramenta para transformar as práticas educacionais e sociais, promovendo um verdadeiro diálogo intercultural e a valorização das epistemologias do Sul[1].

A decolonialidade proposta por Mignolo (2017) e ampliada por Walsh (2017) nos desafia a repensar e reconstruir ativamente nossas compreensões e interações com o mundo, reconhecendo a coexistência de múltiplas realidades e formas de conhecimento. Este esforço não é apenas teórico, mas profundamente prático, exigindo de nós um compromisso com a transformação das relações de poder, a reavaliação de nossas bases epistemológicas e a promoção de uma sociedade global verdadeiramente inclusiva e diversificada.

Adicionalmente, os conceitos de "colonialismo" e "colonialidade" elucidados por Edward Said (2007) e Mignolo (2017) nos oferecem uma compreensão abrangente rica de como as dinâmicas de poder colonial moldaram e continuam a influenciar as relações globais. Said, com seu conceito de "orientalismo", e Mignolo (2017), ao discutir a persistência da colonialidade, ambos destacam a urgência de reconhecer e desmantelar essas estruturas de poder para alcançar uma sociedade mais justa.

Portanto, ao aprofundar nosso entendimento desses conceitos e ao nos engajarmos ativamente no processo decolonial, somos convidados a participar de uma transformação radical das estruturas sociais, culturais e epistêmicas que definem o mundo contemporâneo. Este é um chamado à ação para reimaginar e reconstruir nossas realidades coletivas de maneiras que respeitem e celebrem a rica tapeçaria de conhecimentos, culturas e identidades que compõem o mosaico humano.

[1] Conceito desenvolvido por autores como Aníbal Quijano e Walter Mignolo, que busca desafiar a hegemonia do conhecimento eurocêntrico, propondo a valorização e inclusão dos saberes e práticas do Sul Global. Esta perspectiva critica a forma como o colonialismo e o eurocentrismo marginalizaram e subalternizaram outros modos de conhecimento. A epistemologia do sul reconhece e legitima os conhecimentos indígenas, afro-diaspóricos e outras tradições culturais que foram sistematicamente excluídas pelas epistemologias dominantes. Ela promove uma visão pluralista, onde os conhecimentos locais e tradicionais são valorizados, criando um diálogo mais equitativo entre diferentes formas de entendimento e interpretação da realidade.

O termo colonial refere-se a um conceito utilizado para qualificar qualquer tipo de prática que reproduza e encoraje processos de dominação por parte da Colônia. De acordo com Quijano (1992), estes processos são formalmente entendidos como estruturas de dominação política, econômica, social e cultural que uns povos exercem sobre outros e que operam sob dinâmicas sociais reproduzidas em formas de exploração, discriminação, opressão e subordinação dos dominados. Como ordem e acontecimento histórico-político explícito, a colonização, correspondente ao período colonial, que terminou nos finais do século XIX nas Américas e após a Segunda Guerra Mundial em alguns países de África e da Ásia.

No entanto, o desaparecimento histórico do colonialismo não fez qualquer mudança na estrutura de dominação subjacente à colonização, que, nos termos de Quijano, se designa por matriz do poder colonial. O colonialismo como fenômeno histórico precedeu e deu origem à colonialidade como matriz de poder, mas a colonialidade sobreviveu ao colonialismo. Nesse sentido, o colonialismo diz respeito a uma "relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes" (Quijano, 1992, p.437) que pode parecer assunto do passado, mas que insistimos na mudança de olhar de superação dos modelos e padrões instituídos para que uma nova arte surja desse processo de desconstrução.

A colonialidade refere-se a um conjunto sistemático de relações assimétricas de conflito, dominação e exploração à escala global entre poderosos e subjugados, com impacto em diferentes níveis de poder em várias dimensões (sexual, política, econômica, cultural, intersubjetiva, epistêmica, entre outras) da vida sócio-histórica heterogénea das pessoas e comunidades envolvidas nessas relações (Quijano, 1992). Por isso, molda e relaciona-se com as nossas formas de saber e de ser. É precisamente esta relação que dá origem aos conceitos de “colonialidade do saber” e “colonialidade do ser”.

Na perspectiva do conhecimento, a colonialidade do saber refere-se às formas de controle epistêmico por imposição de critérios de validação que definem o que é ou não é conhecimento na cultura da modernidade. Enquanto na perspectiva ontológica, as formas associadas de dominação do poder colonial se concentram no sujeito, na pessoa e, não por acaso, à colonialidade do ser. Enquanto o colonialismo está vinculado de dominação social, política e cultural que os europeus exercem sobre os países e povos que conquistaram ao redor do mundo, a colonialidade diz respeito a compreensão da permanência da estrutura de poder colonial até os dias de hoje, mesmo séculos após o fim das colônias e os processos de independência das mesmas.

Atualmente, essa matriz vai além de moldar nossas dinâmicas de poder. Considerando que o poder está presente em todas as nossas interações sociais, a colonialidade fundamenta nossa maneira de interpretar o mundo e nossa própria existência. Isso indica que, apesar dos avanços alcançados nas lutas de independência colonial, ainda temos um longo caminho para su perar a colonialidade. Os estudos decoloniais motivam então a ideia de que a colonialidade do poder/conhecimento está integrada em todas as formas da nossa constituição social e, consequentemente, determina, entre outras coisas, os nossos critérios de validação e aceitação do permitido, do dizível, do pensável, do imaginável, do representável, do exprimível e do existente.

Em outras palavras, a colonialidade configurou e impôs os modelos éticos, epistêmicos, estéticos, ontológicos e semânticos que usamos para dar sentido à nossa experiência com a natureza, com os outros e com nós mesmos. A determinação desses critérios de validação perpetua e é impulsionada pelo controle social por parte dos que estão no topo da hierarquia da pirâmide de matriz colonial. Percebe-se que a decolonialidade é, então, uma forma de distanciamento, reconstituição, crítica, ruptura, mas também como um sentimento de horror e desencanto face à colonialidade. Além disso, pode ser entendida como um projeto concebido para aquelas esferas sociais onde múltiplas formas de poder colonial são identificadas, e nas quais a necessidade – ou melhor, a urgência – de uma virada decolonial em relação a essas formas se torna imperativa.

No processo de transição entre a análise dos conceitos de colonialidade, decolonialidade e descolonização para a exploração da arte decolonial de Rosana Paulino, emerge um elo essencial que une teoria e prática, pensamento e expressão. Esse nexo, profundamente enraizado na compreensão da persistência da colonialidade nas estruturas contemporâneas e na urgência de uma ruptura decolonial, nos convida a contemplar a arte não apenas como manifestação estética, mas como um ato potente de resistência e proposição de mundos alternativos. Através deste prisma, a obra de Paulino se apresenta não só como um testemunho da experiência afro-brasileira sob a sombra longa do colonialismo, mas também como uma insurgência contra as narrativas supressoras e uma reafirmação da multiplicidade e riqueza de identidades e histórias até então marginalizadas.

Este diálogo entre o macro - as estruturas coloniais de poder que moldam nossa realidade - e o micro - as expressões artísticas individuais que desafiam e reinterpretam essas es truturas - oferece uma base coerente e profunda para a discussão subsequente sobre a arte decolonial. Aqui, as criações de Rosana Paulino emergem como exemplares da capacidade da arte de questionar, desconstruir e reinventar as narrativas impostas pelo colonialismo,

destacando a arte como uma esfera crítica de descolonização do saber e do ser. Portanto, a transição para uma análise mais detalhada da arte de Paulino é natural e necessária, estabelecendo um terreno fértil para a compreensão de como a arte decolonial atua como um veículo para a transformação social, cultural e epistêmica.

Neste cenário, a relação entre arte e educação, especialmente sob a ótica decolonial, assume um papel crucial. A arte decolonial, nasce da crítica à colonialidade e busca ativamente a descolonização de nossas maneiras de ver, entender e estar no mundo. Ao incorporar a arte de Rosana Paulino nesta discussão, enfatizamos não apenas seu papel como uma crítica à colonialidade, mas também a sua contribuição para a edificação de espaços onde novas formas de conhecimento, identidade e resistência possam florescer. Assim, prepara-se o terreno para uma discussão enriquecedora sobre a arte decolonial de Paulino, demonstrando como ela se insere e expande o diálogo sobre descolonização na arte brasileira, e como, através dela, podemos vislumbrar os contornos de uma sociedade que se reinventa na busca por equidade e justiça.

A obra de Catherine Walsh ilumina o caminho para compreender a decolonialidade não apenas como uma crítica ao legado persistente do colonialismo nas estruturas de poder, conhecimento e ser, mas também como um convite à ação para reimaginar e reconstruir nossas realidades coletivas de maneiras que respeitem a diversidade de saberes e existências. Walsh (2018) argumenta que a colonialidade molda profundamente as dinâmicas sociais, econômicas e culturais nas Américas, insistindo na necessidade de uma práxis decolonial que engaje com epistemologias outras, particularmente aquelas de povos indígenas e afrodescendentes, para alcançar uma verdadeira transformação social e epistêmica (Walsh, 2018).

No contexto da arte contemporânea, como exemplificado pelo trabalho de Rosana Paulino, a pedagogia decolonial e a interculturalidade crítica oferecem lentes poderosas através das quais podemos examinar e valorizar as expressões artísticas como formas de resistência contra a lógica dominante da colonialidade. O enfoque de Walsh na importância das lutas sociais e políticas dessas comunidades na América Latina ressoa profundamente no objetivo deste capítulo de investigar como a arte pode atuar como um veículo para contestação e renovação social (Walsh; Mignolo, 2016).

Ao analisar os componentes, simbolismos e técnicas empregados por Paulino, incorporamos a perspectiva de Walsh sobre a "colonialidade do saber" e a "colonialidade do ser" para desvendar como a arte decolonial desafia e propõe alternativas às estruturas de poder colonial que ainda permeiam nossa sociedade. A arte de Paulino, então, emerge como um

espaço crítico para o diálogo intercultural e a prática decolonial, alinhando-se com a visão de Walsh de que a educação e a práxis pedagógica devem ser transformadas para promover sociedades mais justas e equitativas (Walsh, 2017).

A interseção entre os estudos decoloniais de Walsh e a arte decolonial de Paulino destaca a arte como um meio essencial para explorar e expressar a resistência decolonial. Ao fazer isso, não apenas reafirmamos a relevância da decolonialidade como crítica e prática, mas também reconhecemos a arte como um campo fértil para a manifestação de saberes e resistências que desafiam as narrativas e estruturas coloniais. Este capítulo, portanto, não apenas contribui para o entendimento da decolonialidade no contexto latino-americano, mas também celebra a arte como uma forma poderosa de engajamento social e epistêmico, em linha com os chamados à ação de Walsh para acadêmicos, educadores e ativistas.

Nos debates recentes em torno da arte temos encontrado trabalhos que identificam o eurocentrismo, muitas vezes, em obras curatoriais internacionais nas quais o reconhecimento da arte dos povos oprimidos, da diversidade e da periferia se dá no campo de uma disputa cultural e política. Em outras palavras, curadores e críticos não reconhecem a arte para além da arte eurocêntrica, usada há muito tempo como parâmetro do belo e do significativo. A ideia de uma arte da diversidade carrega, em si, a busca de uma autoafirmação cultural e política presente nos curadores e críticos que são desafios pela superação e atualização de uma lógica artística que rompe com velhas hierarquias. Nessa perspectiva, falamos da descolonização da arte, de sua importância de reconhecer e afirmar o que é a arte, na perspectiva dos povos oprimidos e todo o peso político que nossa produção artística representa culturalmente dentro e fora do Brasil e na América Latina. Daí a importância de problematizar uma arte em seus diferentes sentidos: teleológico, temático, situacional, personificador e conceitual.

A arte decolonizadora de que falamos tem a ver com uma arte que reflete a subjetividade latino-americana e tem caráter emancipatório. Por sua vez, a filosofia dos povos ocupa uma posição diferenciada em relação à filosofia tradicional, e para compreendê-la, é fundamental pensar o sujeito. Com base nisso, a nova arte como uma categoria filosófica deve permitir ao sujeito tomar consciência de si mesmo e, por sua vez, problematizar as artes periféricas é essencial para compreender as diversas subjetividades e construir a modernidade.

Ao mesmo tempo, aliamos essa arte ao conceito de pós-colonialismo explicado como uma arte compreendida através da reflexão epistemológica, crítica e política. Esta abordagem a rtística mostra como a arte pode avançar no fazer de um artista pós-colonial como na forma expressiva de construção de significado de criação e resistência aos sistemas de expressão

patriarcais e opressores coloniais, sobretudo, como forma de questionar e refazer as formas de ver o mundo e as realidades.

A contribuição de Mignolo (2017) para o contexto e conceitos da arte no contexto da mudança decolonial gira em torno da reconstituição da filosofia da arte e dos fenômenos estéticos canonizados. Segundo Mignolo, a arte é um campo no qual o significado é (re)enquadrado, (re)distribuído e torna-se (ou não) inteligível, (in)perceptível, (in)visível, (in)audível, (in)tocável, por meio de nossos sentidos, percepções e desejos. Mignolo (2017) argumenta que a arte não pode ser compreendida apenas como uma questão de apreciação da bel eza ou da criação artística, mas também envolve três dimensões interligadas: epistêmica, crítica e política. A primeira, dimensão epistêmica refere-se ao conhecimento produzido e compartilhado através das experiências artísticas, indo além das perspectivas eurocêntricas e ocidentalizadas. Reconhece-se a diversidade de formas de conhecimento estético presentes em diferentes culturas e tradições, desafiando a hegemonia de um único cânone estético. Enquanto a dimensão crítica envolve uma reflexão e questionamento das estruturas de poder e dominação presentes nos discursos estéticos. Questiona-se os critérios de valor estabelecidos, as hierarquias impostas e as narrativas que excluem ou marginalizam certas expressões artísticas. Por fim, a dimensão política destaca o poder transformador da arte. Reconhece-se que as práticas artísticas podem ser instrumentos de resistência, subversão e emancipação, permitindo que vozes subalternizadas sejam ouvidas e suas experiências sejam valorizadas.

A mudança decolonial na arte, em Mignolo (op.cit), envolve uma abordagem crítica e po liticamente engajada, que busca descentralizar os conhecimentos e estruturas artísticas dominantes e abraçar a diversidade de expressões artísticas em sociedades plurais e interconectadas. Desta forma, a arte decolonial surge como epistemologia, crítica e política de resistência à opressão, como força reflexiva em oposição – senão subversão – aos critérios de s entido que configuram a experiência social aninhada à sensibilidade colonial como recriação ou reprodução da estrutura de dominação da colonialidade.

Se as ideias que valorizamos e tornamos inteligíveis a criação, a representação e a abertura de sentido expressas nas obras de arte se transfiguram numa performance de matriz colonial, então, a arte enquanto prática social de expressividade, não seria mais do que a perpetuação da colonialidade. A perturbação dos modelos dominantes implica pensar a arte como algo mais do que uma abstração e como uma prática histórica condicionada pelas instituições em relação à classe, raça e gênero de seus produtores e mais, a arte inserida como e xpressão da experiência humana enquadrada no campo do sentimento.

Sendo assim, consideramos que a prática artística e os seus resultados como manifestações concretas de artivismo[2], ou seja, como uma prática expressiva que mistura arte e ativismo, orientam para a subversão das estruturas de poder que implicam formas de dominação. No coração da virada decolonial na arte brasileira, encontramos um esforço consciente para desfazer as amarras do colonialismo, tanto no âmbito do saber quanto do ser. Es te movimento se apoia na revalorização das ricas tradições culturais, históricas e epistemológicas das populações indígenas e afro-brasileiras, que, por muito tempo, foram relegadas às margens ou eclipsadas por discursos dominantes. Neste contexto, a arte surge como um território vibrante para a afirmação de identidades diversas, oferecendo um palco para a articulação de vozes antes silenciadas ou distorcidas.

Caracterizada por seu dinamismo e interseccionalidade, a arte decolonial brasileira se destaca por transitar fluidamente entre gêneros, disciplinas e culturas, refletindo assim a complexidade da sociedade brasileira. Nesse tecido social multifacetado, artistas como Rosana Paulino se sobressaem por utilizar a arte não apenas como forma de expressão pessoal, mas como um instrumento de questionamento e transformação. Paulino, em particular, emprega sua arte para explorar temas profundamente enraizados na diáspora africana e na experiência feminina negra, posicionando-se como uma voz crítica que desafia convenções e promove uma compreensão mais inclusiva da arte e da cultura.

A crítica direcionada às instituições de arte e ao mercado, um componente chave da virada decolonial, busca desconstruir a lógica capitalista e eurocêntrica que muitas vezes define esses espaços. Ao privilegiar práticas artísticas colaborativas e acessíveis, a arte decolonial se opõe às tendências excludentes do mercado, argumentando em favor de uma valorização mais autêntica e socialmente engajada da arte. Este posicionamento enfatiza a necessidade de repensar como a arte é criada, compartilhada e valorizada, com o intuito de promover equidade e inclusão.

Assim, no coração da virada decolonial, está a visão de que a arte pode ser uma força motriz para a descolonização, desafiando as estruturas de poder estabelecidas e imaginando futuros alternativos. Ao abraçar a diversidade e a multiplicidade de narrativas e experiências, a arte decolonial não apenas reflete sobre a sociedade, mas também atua como agente de mudança e emancipação. Incorporar a obra e a trajetória de Rosana Paulino neste debate

[2] Combinação de "arte" e "ativismo", referindo-se ao uso da arte para promover mudanças sociais e políticas. No Brasil, artistas como Rosana Paulino, Paulo Bruscky e Cildo Meireles são notáveis por sua contribuição ao artivismo. Rosana Paulino, em particular, utiliza suas obras para abordar temas de raça, gênero e ancestralidade, destacando a experiência das mulheres negras no Brasil. Suas instalações e esculturas questionam narrativas históricas e promovem a visibilidade das vozes marginalizadas.

ressalta a capacidade da arte de provocar reflexão, inspirar diálogo e fomentar transformação social, reforçando o papel essencial da arte decolonial na construção de um Brasil mais justo, pl ural e autenticamente representativo de todas as suas vozes.

O caráter subversivo não só possibilita o trânsito para novas formas de configuração e e mergência de significados correspondentes a propósitos e modelos sociais alternativos ao hegemônico e opressivo, como também consegue confrontar a configuração e emergência de significados hegemônicos através, por exemplo, da performance, da paródia, da simulação, da encenação. São estas formas novas que nascem das lutas encarnadas no artivismo resistente, subversivo e transgressivo contra o hegemónico-opressivo e o colonialismo, que acabam por ter impacto nas práticas coloniais. A subversão das formas coloniais de significado, quando não implica a eliminação ou a negação dessas formas, assume uma posição de resistência face a elas e induz formas alternativas de experiência e significado.

A arte não se refere às formas de inteligibilidade do que chamamos de expressões artísticas, bem como a compreensão dos seus efeitos em diferentes esferas sociais, no entanto, veremos que uma arte decolonial visa a compreensão e construção da realidade social a partir d a integração entre o teórico-crítico e o performativo. Em outras palavras, a arte decolonial visa a união da análise/crítica/história da arte, bem como da prática artística e da própria teoria. No âmbito desta integração são implantados novos modelos ou paradigmas que, por um lado, intervêm e subvertem os modelos estéticos coloniais hegemónicos e, por outro lado, desenvolvem procedimentos, técnicas, conceitos, categorias de análise e representação a partir de e com as próprias expressões artísticas decoloniais.

É verdade que as práticas artísticas não são monolíticas, pelo contrário, são plurais e diversas, respondem a objetivos e necessidades políticas heterogêneas. Por esta razão, vale a pena perguntar se tais práticas artísticas podem incorporar categorias coloniais e neoliberais e, nesse sentido, encorajar e ser encorajadas por uma arte colonial-neoliberal. Quer isto seja ou não possível, a questão permite-nos refletir que, em vez de visar uma visão da arte decolonial generalizada e abstrata, é importante especificar um horizonte de propósitos sociais (por exemplo, condicionados por questões como: que tipo de sociedade queremos ser?). Se este horizonte desenhar um modelo de uma realidade social decolonial, o objetivo será não só a articulação de uma arte decolonial, mas também a intervenção artística decolonial da arte.

Este capítulo procurou, assim, apresentar uma discussão abrangente sobre a decolonização da arte e a emergência de uma arte decolonial como mecanismo crítico e transformador nas sociedades contemporâneas. Através da análise da obra de Rosana Paulino e dos conceitos fundamentais propostos por teóricos decoloniais, este texto enfatiza a

importância de reconhecer e valorizar a pluralidade de vozes, saberes e expressões artísticas que desafiam as estruturas coloniais de poder e conhecimento. A arte decolonial surge, portanto, como um campo fértil para a reimaginação de realidades, promovendo um diálogo intercultural enriquecedor e contribuindo para a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE(S) NA PERSPECTIVA CULTURAL DA ARTE DECOLONIAL

É sabido que o Brasil é um país é complexo e culturalmente diverso cuja coexistência de um povo está na sua tez pela multiplicidade de cores, raças, gêneros, religiosidades, maneiras de ser, pensar e fazer nas suas diferentes concepções culturais e compreensão do mundo.

A Constituição Federal de 1988 determina, no Art. 3º, inciso XLI, que "constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação". De forma a reconhecer a composição multicultural e o direito à autodeterminação da sua autoidentidade, admitimos a necessidade de preservação da cultura e a compreensão da visão de mundo das pessoas.

A preocupação com a identidade individual e coletiva de grupos marginalizados, como em especial o povo negro, é um tema de extrema relevância e vem ganhando cada vez mais destaque na sociedade e no cenário jurídico. Essas leis são fundamentais para garantir a segurança jurídica e promover políticas públicas que visem a preservação das suas características culturais e a promoção de igualdade de direitos.

Schwarcz (2015) discute a construção da identidade nacional brasileira em oposição às diversas identidades étnicas presentes no país e destaca que a valorização da diversidade étnica é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a ciência no Brasil estava voltada para a busca da identidade nacional, muitas vezes negando ou marginalizando a diversidade étnica existente. Ela também enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar as múltiplas narrativas que compõem a história brasileira. Para Schwarcz, a ideia de uma identidade nacional homogênea, muitas vezes promovida no passado, não só é simplista, mas também perigosa, pois ignora as contribuições e experiências de grupos étnicos diversos que ajudaram a moldar a nação.

Schwarcz (2015) argumenta que a verdadeira riqueza do Brasil reside em sua diversidade e que a construção de uma identidade nacional deve ser inclusiva e representativa de todas as suas facetas. Ela defende uma reavaliação crítica da história e da ciência no país, propondo uma abordagem que celebre a multiplicidade de vozes, culturas e tradições. Ao fazer isso, Schwarcz acredita que podemos caminhar em direção a uma sociedade onde a igualdade e o respeito mútuo prevaleçam, e onde cada indivíduo, independentemente de sua origem étnica, possa se sentir verdadeiramente parte integrante da nação brasileira.

As leis que se voltam para a valorização da identidade desses grupos são um avanço importante rumo à valorização da diversidade étnica e cultural do país pois estabelecem direitos específicos, como a demarcação de terras indígenas e quilombolas, o reconhecimento de seus conhecimentos tradicionais e a garantia de sua participação nas decisões que afetam suas comunidades.

Assim, as normativas e legislações proporcionam segurança jurídica e contribuem para a preservação das tradições e paradigmas culturais desses grupos ao reconhecer a construção da identidade brasileira como um todo e promover políticas públicas que respeitem a diversidade e garantam a inclusão, caminhamos para uma sociedade mais inclusiva, equitativa e justa.

É fundamental compreender que a preservação da identidade desses grupos não apenas promove uma maior valorização da diversidade cultural do país, mas também contribui para a construção de um país mais justo e igualitário, onde todos possam desfrutar de seus direitos e s erem reconhecidos em sua singularidade. Não obstante, o reconhecimento legal das populações, social e culturalmente, vulneráveis, no contexto global pode ser refletido nas sociedades multiculturais ou constituídas da diversidade cultural. Assim, a corrente do multiculturalismo[3] reconhece ainda um como um desafio prioritário, o reconhecimento da identidade e a acomodação das diferenças culturais de determinados grupos e, não por acaso, a população negra brasileira.

No Brasil, muitos arranjos constitucionais e legais têm sido feitos na tentativa de resolver os problemas das consideradas minorias, apostamos na inclusão dos conceitos de multiculturalismo e identidade para dar conta das questões desafiadoras da pesquisa e que celebra a difícil tarefa de efetivar e verificar o cumprimento da legislação, sem perder de vista, que nesse contexto, nos referimos às culturas e identidades culturais.

Nesse sentido, temos de um lado, o debate inacabado dos conceitos que configuram o paradigma da diversidade e, de outro, o reconhecimento das etnias e grupos que possam alcançar o reconhecimento da diferença na igualdade e, assim, dar lugar a novos paradigmas que distanciem o gay, o indígena, o negro, etc. — como pessoa, paradigma e conceito — dos sentidos pejorativos pela superação e aproximação como iguais na sociedade.

[3] A escolha do termo multiculturalismo e não multiculturalidade deve-se aos seguintes motivos: o prefixo multi, no dicionário, indica muito, numeroso. A multiculturalidade implica um conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar: trata-se de várias culturas no mesmo patamar. Para Stuart Hall, seria um movimento de ideias que buscam um tipo de consciência coletiva para a pluralidade das experiências culturais (HALL, 2006) Para o sociólogo precisamos pensar o homem pós-moderno como um sujeito fragmentado baseado em diferentes identidades culturais. Diferente dos modernos que estavam centrados numa existência cultural imutável.

Refletir sobre os conceitos que são usados cotidianamente e de formas tão variadas não implica de forma alguma que se criem dogmas, nem tampouco verdades únicas, exclusiva, mas nos permite especificar os usos e os sentidos utilizados em determinados contextos, de forma que não sejam atribuídas as características fixas dos conceitos. Dessa forma, o termo identidade é um conceito utilizado na contemporaneidade que exige muita responsabilidade e cuidado ao ser situado historicamente e politicamente nesse trabalho.

Adiantamos que também é, então, a confirmação da promessa sobre as capacidades, hábitos, talentos e habilidades de seu portador e constitui-se como descoberta de uma nova dimensão em uma realidade já estabelecida. Em termos mais simples, o reconhecimento do outro como nosso igual e, ao mesmo tempo, do que somos e do que significamos gera em nós um sentimento de pertencimento, de identidade.

Tomamos o termo identidade baseado no conhecimento, reconhecimento e apropriação da memória histórica e de um passado comum que pode ser (re)construído ou (re)inventado, conhecido e apropriado às referências com presença permanente no imaginário individual e coletivo. A identidade individual e coletiva surge da existência, na qual está implícita a essência histórica que não pode ser definida e nem definitiva por agentes externos.

A identidade constitui uma autopercepção, um autorreconhecimento, uma representação atribuída a partir da perspectiva subjetiva dos atores em relação à sua localização no espaço social. Ao “dar-se” uma identidade, o indivíduo existe para si e para os outros. Mas esta definição de identidade não implica dar-lhe nuances substancialistas, pois esse conceito emerge e afirma-se como tal, na sua interação com os “outros”. Sendo assim, vemos que “a identidade é construída através das ações que nós, seres humanos, realizamos e às quais atribuímos uma relação e um sentido” (Waldman, 2000, p 317).

Ao explorar a complexidade da identidade, reconhecemos que esta se constrói em relação ao "outro", evidenciando seu caráter relacional. Essa construção não se limita a um processo estático; é, na verdade, profundamente dinâmica, caracterizada pela pluralidade e pela constante transformação. Antonio da Costa Ciampa nos oferece uma perspectiva valiosa ao afirmar que a identidade é essencialmente movimento e metamorfose (Ciampa, 1984, p.74). Cada interação, seja ela dentro de um grupo ou entre grupos distintos, remodela a identidade, destacando sua singularidade ou enfatizando os laços comuns que unem uma coletividade. Assim, entendemos que a identidade se adapta e evolui a cada novo encontro, refletindo a interação contínua do indivíduo com os outros e com ele mesmo. Esse entendimento nos leva a apreciar a identidade não apenas como um reflexo de características estáticas, mas como uma e ntidade viva, sujeita a constante reinterpretação e renovação.

Neste contexto dinâmico e relacional da identidade, a arte emerge como um vetor fundamental na construção e expressão dessas identidades em movimento. A identidade, especialmente no contexto da arte decolonial, transcende a simples representação, transformando-se numa arena vibrante onde cada obra e gesto criativo refletem e ao mesmo tempo moldam as multifacetadas dimensões do ser. Aqui, a arte não se limita a espelhar a realidade; ela se torna um agente ativo na construção e reconfiguração da identidade, oferecendo um espaço singular onde o diálogo entre o eu e o outro se manifesta através de cores, formas e texturas inovadoras. No ato de criar, o artista embarca numa jornada de autoexploração e expressão, navegando nas águas turbulentas da identidade que é, simultaneamente, pessoal e coletiva, íntima e universal. Assim, através da arte, a identidade é incessantemente reinventada, desafiando fronteiras preestabelecidas e explorando novos territórios de representação e compreensão do eu em relação ao mundo que nos rodeia.

Este paradigma da arte como mediadora na reinvenção contínua da identidade ressalta o poder da expressão artística não apenas em refletir a realidade vivida, mas em atuar como um laboratório para a experimentação e descoberta de novas formas de existência e entendimento mútuo. Ao considerarmos a arte decolonial, esta perspectiva ganha ainda mais profundidade, pois enfatiza a capacidade da arte de questionar narrativas hegemônicas e de celebrar a diversidade de vozes e experiências que compõem o tecido social, reforçando a ideia de que a identidade é um processo contínuo de transformação e diálogo.

A dinâmica intrincada da identidade, vista através das lentes de Antonio da Costa Ciampa, revela um espetáculo contínuo de movimento e metamorfose, desafiando a noção de e stase e singularidade. Ciampa (1984) nos leva a perceber a identidade não como uma fortaleza imutável, mas como um rio em constante fluxo, onde "cada encontro tem o potencial de desviar seu curso, introduzindo novas nuances em sua corrente" (p. 21). Essa visão sublinha o caráter evolutivo da identidade, enfatizando que cada interação social é uma oportunidade para a redefinição do self.

No universo da arte decolonial, essa fluidez encontra um terreno fértil para expressão. Aqui, a arte transcende o papel passivo de mera representação para se tornar uma força ativa no diálogo sobre quem somos e quem podemos ser. A arte decolonial, portanto, se apresenta não apenas como um espelho da sociedade, mas como um agente de mudança, desafiando narrativas estagnadas e propondo novas formas de compreensão mútua. Nesse processo criativo, o artista se engaja em uma profunda exploração da identidade, navegando pelas águas da autoexpressão e da autodescoberta. Stuart Hall (1996) capta essa essência ao afirmar

que "a identidade emerge no entrelaçamento da narrativa do self com a narrativa da comunidade" (p. 4), sugerindo que a arte é uma ponte entre o individual e o coletivo.

Contribuições de Tomás Tadeu da Silva e Antônio Flávio Moreira ampliam a compreensão de como a sociedade e a cultura moldam a identidade. Silva (1999) reflete sobre a identidade como "um palimpsesto cultural, sobre o qual as experiências sociais inscrevem e r eescrevem constantemente suas marcas" (p. 45). Moreira (2002), por sua vez, destaca a identidade como "um diálogo entre o passado cultural e as possibilidades futuras" (p. 112), enfatizando a interação entre tradição e inovação na formação do self.

Clifford Geertz, em sua análise interpretativa da cultura, nos oferece uma lente através da qual podemos observar a complexa trama de significados que forma a base da nossa identidade. Para Geertz (1973), "a cultura é o tecido de significados no qual o ser humano está envolto" (p. 89), uma definição que ressalta a influência pervasiva da cultura na moldagem de nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Assim, ao examinar a arte decolonial através das perspectivas de Silva, Moreira, Hall e Geertz, percebemos um convite ao questionamento, à experimentação e ao diálogo. A arte decolonial emerge como um espaço vibrante de resistência e reconstrução, onde as identidades são tanto celebradas em sua diversidade quanto questionadas em sua formação. Esse diálogo contínuo entre a arte e a identidade nos lembra que "a construção do self é um processo nunca completo, sempre em aberto às possibilidades de reimaginação" (Silva, 1999, p. 77).

Através dessa tapeçaria de vozes e perspectivas, a arte decolonial nos desafia a repensar as fronteiras da identidade e a reconhecer a riqueza que reside na multiplicidade e na diferença, construindo pontes de entendimento em um mundo fragmentado.

Há elementos que por sua própria natureza favorecem a formação e reprodução de redes que desenvolvem elementos de representação simbólica fortemente mediados pela cultura, a partir dos quais se reforçam os laços sociais internos e se constroem “identidades coletivas”, que incluem aqueles que compartilham traços identitários semelhantes e excluem aqueles que não compartilham.

A construção da identidade coletiva está ligada à definição do que é "próprio" e do que é "alheio" e, portanto, remete a uma subjetividade na qual estão presentes sistemas de valores o u visões de mundo. A cultura encontra-se assim, na base de toda identidade, embora não constitua em si o fenômeno da identidade. A pertença ao grupo confere ao indivíduo traços identitários próprios e, ao mesmo tempo, quando os indivíduos se identificam solidamente

com o grupo, este adquire uma identidade coletiva, consolidada na medida em que o grupo possui atributos e uma evolução comum que o diferencia dos outros.

Diante desse fenômeno, definimos o que somos baseado no grupo ao qual pertencemos; este é o sentido da vida, tanto no ser como no fazer, o que nos permite entender que a identidade é determinada a partir de grupos, raças, línguas, religião, ideologia e crenças, ou seja, culturas e valores partilhados. Não decidimos por nós mesmos quem somos, o fazemos por meio da interação social, da luta e do reconhecimento de nossa existência na relação com os ~~pelos~~ outros. Nesse sentido, a história do homem na sociedade é a história da eterna adaptação da pessoa ao seu ambiente e dos seres humanos em sua interação com outros da mesma espécie.

Dado que as identidades étnicas resultam na construção de categorias que marcam a pertença a “nós” e aos “outros”, é a partir da organização enquanto grupo étnico que se distinguem traços culturalmente distintivos e não o contrário, uma vez que os traços que são tomados em conta não são a soma das diferenças “objetivas”, mas apenas aquelas que os próprios atores consideram significativas.

Quando se faz referência ao fato de que os elementos culturais descritíveis não são completamente determinantes para a delimitação das formas de organização social, não se pretende deixar de lado os fatores internos de cada um na construção da identidade, mas reafirmar que é a decisão de seus atores sociais que determina a ideia de pertencimento e, portanto, de quais devem ser os elementos culturais que alimentam as filiações. Essa ideia de pe rtencimento ocorre de forma inconsciente e automática no cotidiano do grupo, sendo evocada em momentos particulares de sua história, geralmente, naqueles em que é necessário diferenciar-se de outros grupos ou em momentos de crise. Nas sociedades pluralistas esta condição de crise é a situação normal, crónica e constante, o que leva a que as representações as sociadas às tensões sociais sejam mais comuns do que nas sociedades estratificadas culturalmente homogêneas.

As categorias assumidas pelos membros do grupo para se identificarem entre si são elaboradas a partir da necessidade de distinção com os demais com quem se relacionam. Para e xplicar esta viragem entre o "dentro" e o "fora" de um coletivo, Oliveira (1992) propõe o conceito de "identidade contrastante", segundo o qual a afirmação do “nós” só é possível pela oposição e negação dos outros enquanto grupo organizado e como cultura:

> Neste sentido, o etnocentrismo, enquanto sistema de representações, é a verificação empírica da emergência da identidade étnica no seu estado mais "primitivo". A construção de uma imagem do “outro” serve como reflexo do “n ós”, mas essa imagem, sendo o que o “nós” “não é”, tem um valor relativo.

> Esta consciência etnocêntrica, portanto, assenta-se em valores e assume-se como uma ideologia. (Oliveira, 1992, p. 93)

Nesse jogo de representações, a construção da identidade no nível individual parte dos parâmetros definidos pelos modelos culturais prescritos ou impostos pelo grupo no processo de socialização. Nela, o sujeito se constrói na medida em que representa os "outros" com os quais se relaciona em seu meio imediato, o que é seguido pela construção imaginária de um outro generalizado, como forma de construção de uma identidade.

Esta identidade individual serve de referente à identidade étnica, concretiza-se e explicita-se com as marcas que o grupo, em determinados momentos da sua história, considera como referentes para a sua construção (Oliveira, 1992).

A própria prática concreta tem um valor mais ideológico pois define quando um sujeito está cumprindo as regras estabelecidas pela autoridade estabelecida em seu grupo. Da mesma forma, o indivíduo pode construir uma nova identidade imitando práticas daqueles com quem nem sempre se identificou, de modo que um novo senso de marca identitária seja construído.

Decerto que estamos diante de uma identidade em construção, um processo sem fim e, como tal, é construída sobre contingências, nunca formando um sistema coerente. No caso, um conceito estratégico e posicional em que o discurso atrai estratégias subjetivas por meio de suas regras de formação e modos de expressão.

As identidades são múltiplas, fluidas e temporárias consequência da modernidade tardia, compartilhada em discursos, práticas e posições, muitas vezes em oposição e entrelaçamento uns com os outros, reforçados pelo processo de globalização. Em Hall (2006) temos:

> Uso «identidade» para me referir ao ponto de encontro, o ponto de sutura entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos «interrogar», falar-nos ou colocar-nos no nosso lugar enquanto sujeitos sociais de discursos particulares e, de outro, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos passíveis de serem “ditos”. Assim, as identidades são pontos de adesão temporária a O que precede vem dizer que na linguagem só há diferenças. Além disso, uma diferença geralmente supõe termos positivos entre os quais ela se estabelece: mas na linguagem só há diferenças sem termos positivos”. (Hall, 2006, p.13)

Considerando a abordagem da identidade no contexto da arte decolonial, vemos a representação como parte fundamental da vida individual e coletiva, da mesma forma, na vida cotidiana das sociedades em que as culturas e as artes se expressam.

A cultura também mostra nuances de uma ambiguidade conceitual que pode ser sentida pela imprecisão que se reflete de duas maneiras: em primeiro lugar, na complexidade

do labirinto semântico que levou ao estado de indefinição dos termos que damos conta neste estudo, entre eles, "cultura". Dito de outra forma, ouvimos falar do termo assumindo um entendimento ao fazer uso dele no ambiente social no qual fazemos uso dos conceitos no dia a dia. Em segundo lugar, porque o sentido a que se refere o termo "cultura" está ligado às perspectivas teórico-conceituais e usos do termo.

É a partir dessa multiplicidade de conceitos que nossa análise fluida e provisória nos permitirá compreender, desvendar e refletir sobre o conhecimento existente para propor novas premissas de maior coerência, entre as perspectivas teóricas e a realidade social, capaz de reconhecer uma sociedade diferente e igual, à medida em que se reconhece diversa.

Em contextos de tensões entre diferentes entidades culturais como na condição colonial, o grupo dominante impõe não só os jogos de representação da realidade mas também das identidades dentro dela. Mais do que se tratar de um discurso consciente de auto percepção positiva, trata-se da construção de uma imagem do "outro" que cria uma figura substancial do que se considera a negação do ser para prescrever que o dever é sobre o que se deve ser. Em tal sentido, a identidade que define um "nós" europeu é construída em contraste com todos aqueles considerados "não-europeus" (Said, 1990: 26).

A imagem do outro, nesse sentido, não é o outro como tal, mas um reflexo do "nós" com um valor relativo, o que em algum momento o "nós" pode ser aquele que um dia partiu e que nunca mais virá a ser. Em suma, esses jogos de imagens sobre o "nós" orienta as formas como no A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é um exemplo vivo de como a educação pode ser uma força poderosa para a promoção da multiculturalidade e da interculturalidade. Fundada com o propósito de fortalecer a integração entre os países de língua portuguesa, a UNILAB se destaca por seu compromisso em acolher e valorizar a diversidade cultural.

A internacionalização da UNILAB é um de seus pilares fundamentais, proporcionando um ambiente onde estudantes de diferentes países da CPLP, como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Portugal, convivem e aprendem juntos. Esta convivência diária cria uma rica tapeçaria de experiências e perspectivas que enriquecem o ambiente acadêmico e social da universidade.

O contexto multicultural da UNILAB não é apenas um reflexo da sua população estudantil diversificada, mas também um elemento central em sua abordagem pedagógica. A ins tituição promove ativamente projetos e programas que incentivam a interação cultural e a inclusão de múltiplas vozes. Nos currículos dos cursos, a história e as culturas dos países da

CPLP são integradas, permitindo que os estudantes explorem e compreendam suas próprias identidades culturais enquanto se engajam com as dos outros.

A presença de estudantes internacionais na UNILAB vai além de simplesmente aumentar a diversidade; ela cria um espaço onde as identidades culturais podem ser expressas e valorizadas de maneira autêntica. As atividades extracurriculares, os eventos culturais e as celebrações de diversas tradições são partes fundamentais da vida universitária, fomentando um ambiente de respeito e apreciação pela diversidade.

No entanto, a internacionalização também traz desafios. A integração de estudantes de diferentes contextos culturais exige estratégias inclusivas que acomodem diversas necessidades e expectativas. A UNILAB, ao enfrentar esses desafios, desenvolve práticas pedagógicas que não só reconhecem a diversidade, mas também a celebram. Isso inclui desde a adaptação de métodos de ensino até a promoção de atividades que incentivem a coesão social e a inclusão.

A influência da multiculturalidade da UNILAB também se manifesta nas expressões artísticas e culturais dos seus estudantes. A arte produzida dentro da universidade muitas vezes reflete essa diversidade de influências, criando obras que são tanto locais quanto globais. A técnica da colagem, por exemplo, explorada neste capítulo, é uma metáfora perfeita para essa junção de diferentes pedaços culturais em uma nova e coerente narrativa.

A UNILAB, em sua essência, exemplifica como uma instituição de ensino pode servir como um microcosmo de uma sociedade multicultural. Sua missão de integrar estudantes de diversos países lusófonos oferece um modelo prático de como a educação pode promover a compreensão intercultural e o respeito mútuo. Através de suas práticas pedagógicas inclusivas e de seu compromisso com a diversidade, a UNILAB se posiciona como uma força transformadora que molda identidades multiculturais e prepara seus estudantes para um mundo cada vez mais interconectado.

Este capítulo explorou a importância da multiculturalidade e da arte decolonial na construção de identidades culturais. A UNILAB, com seu ambiente educativo internacional e fo co na integração dos países da CPLP, proporciona um contexto único onde essas ideias podem ser vividas e exploradas na prática. A experiência educativa na UNILAB não só enriquece a compreensão dos estudantes sobre suas próprias identidades, mas também promove uma profunda apreciação pela diversidade cultural.

Ao refletir sobre a multiculturalidade e a identidade na UNILAB, vemos como a educação pode ser um poderoso catalisador para a transformação social e cultural. A arte e a educação, quando integradas de forma inclusiva e intercultural, têm o potencial de criar

sociedades mais justas, equitativas e empáticas. A UNILAB exemplifica este potencial, mostrando que, através da valorização da diversidade e da promoção da inclusão, podemos construir um futuro onde todas as vozes são ouvidas e todas as identidades são respeitadas. s rela cionamos com os “outros”.

CAPÍTULO 3 - ALTERIDADE(S) NA PERSPECTIVA CULTURAL DA ARTE DECOLONIAL

Considerando as diferentes manifestações artísticas que, historicamente, moldaram diferentes culturas, aprofundamos a relação entre a alteridade e identidade (nós-outros) como uma forma de identidade e alteridade cultural.

A definição de identidade está relacionada à forma como uma comunidade, cultura ou s ociedade se reconhece através de rituais, costumes e práticas culturais, incluindo manifestações plástico-artes. Nesse contexto, Bloj (2001) nos lembra que ao falarmos de identidade nos referimos a uma noção que diz respeito ao modo como os sujeitos e os grupos sociais se reconhecem em uma determinada espacialidade e temporalidade e, ao mesmo tempo, como consequência de sua alteridade" (Bloj, 2001, p.32).

Diante da percepção da unidade comunitária como um "nós", é preciso identificá-la em relação a um outro em traços que caracterizam a identidade de determinada sociedade e o que nos permite reconhecer o que há de relação comigo, num processo de inclusão dessa alteridade. Nesse caso, as diferenças culturais promovem a concepção identitária das sociedades. A pesquisadora Garro (2003) nos fala sobre o assunto:

> A identidade pode ser definida como "a percepção coletiva de um "nós" relativamente homogêneo (grupo interno) em oposição aos "outros" (grupo externo), com base no reconhecimento de características, posições e traços compartilhados (que também funcionam como sinais ou emblemas), bem como uma memória coletiva comum (Garro, 2003, p 13).

A definição de identidade e a dinâmica do "nós" e do "outro" em um binômio de exclusão e interpretação social são elementos-chave para entender como diferentes culturas interagem e se relacionam entre si. A forma como um grupo se identifica coletivamente e como percebe a alteridade pode moldar as relações sociais e influenciar a interpretação de expressões artes e culturais.

Ao examinar textos que abordam a arte de diversas formas culturais, podemos analisar como a identidade coletiva é construída, como as diferenças estão presentes nessas expressões artísticas e como a relação entre o "nós" e o "outro" é estabelecida. Essa análise pode revelar processos de inclusão e exclusão, formas de construção das identidades individuais e coletivas e suas transformações ao longo do tempo.

É importante reconhecer que a compreensão da identidade coletiva não é única e estática, mas sim complexa e em constante evolução. Diferentes perspectivas e interpretações p odem existir dentro de um mesmo grupo cultural, assim como influências mútuas entre culturas podem gerar novas formas de expressão arte que transcendem fronteiras pré-

estabelecidas. Daí, o estudo da arte e da identidade cultural nos permite explorar a diversidade e a dinamicidade das relações sociais e culturais.

A interação entre diferentes culturas, especialmente aquelas que foram historicamente marginalizadas e o Ocidente, inevitavelmente provocou mudanças na paisagem arte global. A assimilação e integração de tradições artes de povos, como os africanos, por sociedades ocidentais não só enriqueceu o repertório artístico e cultural ocidental, mas também levou à comercialização de certos elementos culturais. Esta comercialização, muitas vezes voltada para o consumo turístico, levanta questões sobre a autenticidade e a preservação da essência dessas tradições. Assim, enquanto a fusão cultural pode ser vista como uma celebração da diversidade e uma prova da natureza mutável da arte, também é crucial reconhecer e questionar o impacto potencialmente problemático da comercialização e apropriação cultural.

A concepção de Jiménez sobre a complexidade inerente às culturas tidas como "primitivas" sugere que, frequentemente, os observadores ocidentais podem não capturar totalmente a profundidade ou os matizes dessas tradições devido às suas diferenças intrínsecas. Ele alerta sobre o potencial de mal-entendido quando tentamos encaixar uma expressão artística em uma moldura arte diferente daquela de sua origem. Essencialmente, avaliar uma manifestação cultural usando o mesmo ponto de referência utilizado para outra pode ser problemático e descontextualizá-la. A abordagem correta exige reconhecer e valorizar cada cultura em seus próprios termos, evitando simplificações ou interpretações errôneas:

> Sobre que quero chamar a atenção é para a operação de descontextualização qu e, necessariamente, consciente ou inconscientemente, realizamos em objetos e representações de outras esferas culturais quando os incorporamos, em nossa própria esfera, à estética (Jimènez, 1996, p.53)

O autor enfatiza a tendência, tanto consciente quanto inconsciente de se descontextualizar expressões artes de culturas diferentes ao adaptá-las ao nosso próprio entendimento cultural. Ao fazer isso, existe o risco de interpretar e avaliar estas expressões sob uma lente cultural que pode não ser adequada ou justa. Ele destaca como o Ocidente frequentemente adota uma postura analítica diante da arte de outras culturas, que pode resultar em generalizações ou interpretações equivocadas.

Por exemplo, Octavio Paz (1992) comenta como o olhar ocidental moderno, acostumado a interpretar manifestações como máscaras africanas e fetiches polinésios sob uma mesma perspectiva arte, auxiliou na compreensão da antiga arte mexicana. Para Paz, a interpretação ocidental de várias culturas pode ser vista positivamente. Entretanto, o ponto de d estaque é o método que utiliza uma única perspectiva para avaliar diversas manifestações artísticas.

Certamente, Octavio Paz investiga o impacto do encontro cultural e a marginalização do "outro" no contexto da reinterpretação da América pelo Ocidente. Em "O Labirinto da Solidão", discute a colisão de sistemas de crenças, mundivisões e conceitos de identidade. Paz postula que, enquanto os colonizadores europeus enxergavam os nativos americanos como "outros" e, por vezes, inferiores, também ocorria um intercâmbio cultural.

Em suas palavras, a descoberta da América desafiou as convenções do Velho Mundo. A tríade dominante – que poderia se referir a conceitos estabelecidos em triplos, como tempos, eras e humores – foi interrompida pela adição de um novo elemento, o quarto, representando a América e o desconhecido.

Esta discussão ressalta a intricada relação entre diversas culturas e períodos. Quando a cultura presente se debruça sobre o passado, existe o risco de interpretá-lo usando critérios atuais, que podem não ser pertinentes ou justos às manifestações artísticas de épocas anteriores. Essa abordagem permite explorar como diferentes culturas interpretam e reinterpretam eventos passados. A apreciação e análise de expressões artísticas e culturais de outros tempos requer um certo distanciamento, uma vez que a compreensão e as referências atuais podem ser diferentes daquelas que existiam no contexto original. Portanto, ao estudar o passado, precisamos estar conscientes das lentes através das quais o estamos observando, reconhecendo que nossa perspectiva é moldada pelas exigências e características do tempo presente.

O perigo da descontextualização ao utilizar instrumentos teóricos ocidentais para avaliar ou medir formas culturais diferentes consiste em uma abordagem que pode levar a uma compreensão limitada e distorcida das expressões artes de outras culturas, resultando em interpretações imprecisas e simplistas. Desse modo, ao aplicar teorias ocidentais a formas culturais distintas, há o risco de impor estruturas de pensamento e padrões de avaliação que podem não levar em conta as particularidades e os valores intrínsecos daquela cultura específica. Isso pode levar à subestimação, à marginalização ou à apropriação indevida das expressões artísticas e culturais de outras comunidades.

É importante ter consciência do histórico de descontextualização e apropriação cultural que ocorreu no passado, especialmente quando se trata do entendimento e da análise de expressões artes de minorias étnicas ou culturais, como a arte negra. A temporalidade e a espacialidade concordantes podem agravar ainda mais o problema, especialmente se não houver uma abordagem crítica e sensível às questões culturais e históricas envolvidas.

Ao estudar a arte do passado, é essencial adotar uma postura contextualizada e respeitosa, levando em consideração as perspectivas e as vozes dos próprios produtores

culturais. Isso implica na prática de uma escuta ativa e na valorização das interpretações e dos significados que essas formas culturais têm dentro de seus próprios contextos sociais, históricos e culturais.

Com isso, devemos ser cautelosos ao estudar arte de culturas diferentes que reconheçam os perigos da descontextualização e valorizem abordagens contextualizadas e culturalmente sensíveis. Isso nos permite desenvolver uma compreensão mais precisa e enriquecedora das diversas formas de expressão arte que existem no mundo. Por sua vez, a abordagem ingênua e aberta ao estudar formas artes de culturas diferentes é essencial para evitar estereótipos e distorções na análise. A exploração de novos e diferentes instrumentos teóricos pode ser enriquecedora para o estudo das expressões culturais, desde que sejam aplicadas com sensibilidade e respeito.

Nesse sentido, uma perspectiva ingênua e pura da arte, pode gerar a necessidade de desafio e questionamento acerca de ideias preconcebidas, normas culturais hegemônicas e formas estabelecidas de análise arte. Isso permite uma abordagem mais inclusiva e aberta à diversidade de expressões culturais que valorizem dinâmicas internas das próprias comunidades, considerando os contextos históricos, sociais e culturais em que essas formas artes surgiram.

Do mesmo modo que a objetividade na análise arte é sempre um desafio, uma vez que n ossa percepção é influenciada por nossas próprias experiências e referências culturais. No entanto, ao manter uma postura aberta, sensível e reflexiva, podemos nos aproximar de uma compreensão mais autêntica e significativa das formas culturais diferentes, evitando a imposição de critérios estereotipados e estabelecidos.

Então, é importante buscar meios novos e diferentes, além do uso exclusivo de instrumentos teóricos ocidentais para realizar o estudo das formas artes de culturas diferentes. Uma abordagem ingênua e pura, livre de estereótipos e preconceitos, nos ajuda a cultivar uma compreensão mais profunda e respeitosa da diversidade arte que existe no mundo.

Estabelecer um vínculo na qual o "nós" busca investigar as alteridades confiando em processos sociais, implica em um processo comparativo entre os dois. Assim, a arte de uma sociedade marcada pela alteridade de um "nós" como identidade social e cultural, é essencial par a se conhecer as redes sociais e os contextos socioculturais que permeiam a produção cultural e as formas artes específicas desse grupo.

A compreensão das representações artes de uma sociedade ou cultura, é fundamental para analisar como essas formas são moldadas pelas dinâmicas sociais, históricas e culturais

particulares. O mesmo vale para a contextualização sociocultural que oferece *insights* valiosos sobre os significados, valores e práticas que influenciam a produção arte de um grupo.

Nesse sentido, o conhecimento sobre o contexto sociocultural, as motivações, intenções e simbolismos presentes nas obras e produtos estéticos pode nos aproximar de uma compreensão mais profunda das expressões artes e permitir apreciá-las em seu devido contexto. Isso nos ajuda a evitar julgamentos superficiais ou estereotipados e valorizar a complexidade e a riqueza da diversidade cultural.

Por esse motivo que, para entender a arte de uma sociedade como uma alteridade em relação a um "nós" específico, é necessário ir além das formas artes em si e buscar conhecer as r edes sociais, os processos de produção cultural e os contextos socioculturais em que essa arte se desenvolve. Esse olhar contextualizado contribui para uma compreensão mais abrangente e informada das representações artes de um grupo.

O estudo das diversas artes do mundo deve ser realizado de maneira aberta, variada e crít ica, levando em consideração uma ampla gama de critérios e posições que validem e analisem as expressões artes de forma mais inclusiva e reflexiva. É importante evitar julgamentos baseados em critérios artísticos autoritários para, então, reconhecer a diversidade de valores, práticas e contextos culturais que moldam as diferentes artes.

A análise dessas artes e o papel do dado histórico pode ser considerado relativo, pois fornece uma base de informações para a construção da crítica arte. No entanto, é essencial que a crítica vá além dos meros fatos históricos e explore as complexidades das culturas, enfocando suas dimensões sociais, políticas, econômicas e simbólicas. Dessa forma, diferentes disciplinas podem contribuir para a compreensão mais ampla das artes consideradas alteridades do Ocidente.

Nisso, é *mister* reconhecer que as culturas não podem ser reduzidas a um único ponto de vista ou disciplina. Para análises mais abrangentes e precisas, é necessário um diálogo interdisciplinar que incorpore diferentes perspectivas antropológicas, sociológicas, dos estudos culturais entre outros – pois essas disciplinas podem fornecer ideias valiosas sobre os vários pontos das culturas em estudo, permitindo uma compreensão mais holística e sensível às nuances das artes em questão.

As artes consideradas alteridades do Ocidente devem ser avaliadas sob o véu de várias disciplinas, considerando diferentes pontos de vista e critérios e evitando a imposição de padrões autoritários. Essa abordagem enriquece nosso entendimento das diversas culturas e contribui para uma apreciação mais profunda e informada das suas manifestações artes.

Dessa maneira, é crucial que os estudos sobre diferentes artes do mundo sejam validados por meio de uma abordagem crítica e não sejam simplesmente assimilados como absolutos paradigmas críticos elaborados a partir do ponto de vista ocidental predominante. A interpretação das expressões artes de diferentes culturas, indica o quanto devemos estar atentos às dinâmicas de poder e às hierarquias implícitas nos sistemas de valor ocidentais tradicionais. A abordagem crítica nos permite questionar os padrões preestabelecidos e encontrar espaço para avaliar e valorizar as artes de forma mais justa e inclusiva.

Um exemplo relevante nesse sentido é o trabalho da artista brasileira Rosana Paulino. Sua prática artística, que envolve colagens e outros meios, aborda questões relacionadas à identidade. Ao explorar essa temática, desafia as narrativas dominantes e amplia nossa compreensão das experiências e perspectivas de grupos marginalizados.

A colagem, como meio artístico, fornece um potencial poderoso para a expressão e reconfiguração de narrativas, possibilitando a criação de novos significados e a desconstrução de paradigmas estabelecidos. Essa forma de expressão artística pode ser particularmente significativa quando ampliamos nosso olhar para além do cânone artístico ocidental e incluímos múltiplas vozes e perspectivas.

Portanto, ao relacionar e nos inspirar com o trabalho de Rosana Paulino e seu uso da colagem, podemos destacar a importância de questionar e expandir os paradigmas críticos estabelecidos, reconhecendo a diversidade de artes e perspectivas do mundo. Dessa forma, podemos promover uma apreciação mais inclusiva e contextualizada das diferentes expressões artes e valorizar as contribuições de artistas e culturas que foram historicamente marginalizadas ou sub-representadas.

3.1 - INDÍCIOS DA ARTE DECOLONIAL COM COLAGEM, DE ROSANA PAULINO

Nesse processo de construção teórica, a obra da artista visual Rosana Paulino[4] pode ser interpretada como uma das instâncias que se move no sentido da intervenção artivista para a arte decolonial.

[4] Rosana Paulino é uma artista brasileira nascida em 1967 em São Paulo. Ela é bacharel e doutora em Artes Plásticas pela ECA / USP, e também possui especialização em gravura pelo London Print Studio, em Londres. Sua obra aborda questões sociais, étnicas e de gênero, com um foco particular nas mulheres negras da sociedade brasileira e nas várias formas de violência que essa população enfrenta devido ao racismo e ao legado da escravidão. A pesquisa e produção de Paulino são de extrema importância para a arte brasileira, pois ela reconstrói imagens, memórias, histórias e mitologias, explorando o impacto da memória nas construções psicossociais. A arti sta introduz diferentes referências, entrelaçando sua história pessoal com a história fenomenológica do Brasil, conforme construída no passado e que ainda persiste nos dias atuais. A obra de Rosana Paulino está presente em importantes coleções institucionais tanto no Brasil quanto internacionalmente.

Desta forma, entende-se que não só a intervenção artivista decolonial cabe apenas aos artistas, mas pode ser pensada como o produto de uma intervenção autônoma e libertadora, pensada como o produto de ações coletivas em voltada para que qualquer pessoa do corpo social empenhada na luta decolonial.

Em Rosana Paulino, o esforço de análise em suas obras não será apenas um exercício de compreensão da arte numa perspectiva estético-decolonial mas servirá de pano de fundo para as reflexões e processo criativo na execução das oficinas e construção das colagens como exercício de intervenção decolonial da arte. Ao fazê-lo, veremos que este exercício transcende o domínio da reflexão decolonial, para ser um exemplo de uma "práxis decolonial em construção" (Mignolo, 2019, p.20).

Artivismo decolonial: Rosana Paulino[5]

Na pesquisa, as obras de Rosana Paulino apresentam uma leitura disruptiva, chocante e transgressora dos parâmetros com que a lógica da colonialidade interpretou o corpo. Nas obras de matiz decolonial é possível reconhecer uma subversão semiótica do olhar ocidental e mas também, podemos acrescentar o quanto suas obras geram fricções epistémicas[6] com as nossas formas ocidentais de registar o corpo feminino. Os corpos representados nas obras da artista incitam a uma multiplicidade de designações, testemunhos, memórias e modos de vida encarnados nos próprios corpos.

No perfil disruptivo das suas obras, compreendemos que o corpo é mais do que um objeto de encontro; é antes um livro no qual as formas de existência e de vida são escritas com a sua própria linguagem, e cuja linguagem mina a partir do interior os significados aninhados na estrutura colonial, através de novas percepções e significados.

Ela é representada pela Galeria Mendes Wood DM e suas obras podem ser encontradas na Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu AfroBrasil, entre outros. Além disso, suas obras também estão presentes em coleções internacionais, como o University of New Mexico Art Museum, Museu de Artes de Buenos Aires, The Frank Museum of Art e Otterbein University.

[5] Nascida em 1967, em São Paulo. Bacharel em gravura pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, com especialização em gravura pelo London Print Studio e doutorado em Poéticas Visuais pela ECA/USP. A artista possui obras em importantes museus e tem participado ativamente de diversas exposições tanto no Brasil como no exterior.

[6] Desafios ou conflitos no domínio do conhecimento. Isso pode envolver desacordos sobre o que conta como conhecimento, diferentes metodologias de pesquisa, ou tensões entre diferentes sistemas ou tradições de conhecimento. Por exemplo, em contextos interdisciplinares, onde diferentes disciplinas acadêmicas colaboram, p ode haver "fricções epistêmicas" devido a diferentes abordagens ou entendimentos sobre o que é considerado evidência válida ou metodologia apropriada.

Figura 01: Rosana Paulino, Bastidores (1997). Rosana Paulino utiliza a técnica de colagem para abordar temas de identidade e história. Fonte: Museu de Arte Moderna de São Paulo.

A série "Bastidores" da artista Rosana Paulino é conhecida por sua intervenção nas imagens, explorando a modificação dos significados através de linhas. Paulino utiliza o fio como elemento central, torcendo, puxando e modificando o formato dos rostos retratados nas im agens. Essa intervenção busca criar uma nova narrativa, transformando objetos banais em elementos de violência e repressão.

Um aspecto significativo do trabalho da artista é a representação de bocas que não gritam, assim como olhos costurados e fechados para o mundo. Esses elementos simbólicos expressam a condição de opressão e marginalização vivenciada por certos grupos sociais. Através dessa abordagem, Rosana Paulino traz à tona questões relacionadas à violência, repressão e desigualdade presentes na sociedade. A citação abaixo faz parte da tese de doutorado de Rosana Paulino, na qual ela explora suas técnicas de intervenção e a importância de suas obras como forma de reflexão sobre as realidades vividas. Através desse processo de costura e modificação visual, a artista busca criar uma poética visual impactante e denunciar as injustiças sociais:

> Linhas que modificam o sentido, costurando novos significados, transformando um objeto banal, ridículo, alterando-o, tornando-o um elemento de violência, de repressão. O fio que torce, puxa, modifica o formato do rosto, produzindo bocas que não gritam, dando nós na garganta. Olhos costurados, fechados para o mundo e, principalmente, para a condição no mundo. (Paulino, 2011, p. 88).

A obra de Rosana Paulino realmente apresenta metáforas que abordam as condições dos afrodescendentes e as representações midiáticas que reforçam ideais de beleza universais. Essas metáforas questionam não apenas o status social dos afrodescendentes, mas também a forma como seus corpos são domesticados e padronizados.

Um aspecto importante do trabalho de Paulino é a negação da sexualização e da escravização dos corpos das mulheres negras. Através de suas colagens e intervenções nas imagens, a artista busca revelar o que acontece nos bastidores, nas esferas domésticas e

íntimas da vida dessas mulheres. Nesses espaços, tanto a violência como a opressão são escondidas e silenciadas.

Ao explorar essas temáticas, Rosana Paulino convida o espectador a refletir sobre o impacto das estruturas sociais e midiáticas na construção das identidades e nas vivências das mulheres negras. Ela desafia os estereótipos e padrões estéticos impostos, celebrando a beleza única das mulheres negras e seus cabelos naturais, como o "pixaim" mencionado.

Ao unir colagens e elementos visuais à sua narrativa, Paulino cria um diálogo entre a realidade vivida e as representações midiáticas, questionando e subvertendo os estereótipos dominantes. Seu trabalho busca dar voz e visibilidade às experiências das mulheres negras, revelando as complexidades e as lutas que ocorrem nos bastidores de uma sociedade controladora.

Esta oscilação do pêndulo entre passado-presente-futuro na obra de Paulino constitui uma possibilidade latente de revitalização de significados, uma vez que as transições dinâmicas geradas por um constante olhar para trás e para a frente renovam a herança hermenêutica e geradora de significados das nossas experiências sociais.

Esta emergência de novos significados através da intervenção do corpo constitui um dos fundamentos da libertação decolonial. Este ir e vir dialético, do passado para o futuro e do futuro para o passado, através da erupção do corpo feminino que deixa a sua marca no território, não permanece nas mesmas coordenadas: emula o movimento de um pêndulo cuja base também está em movimento, tornando cada ir e vir diferente. Cada deslocação alimenta novas interpretações no presente, ao mesmo tempo que projeta possibilidades no quadro de um futuro imaginado e livre. Assim, estas intercepções geram progressivamente subversões ou, pelo menos, efeitos parasitas que enfraquecem com persistência e continuidade a rigidez das hegemonias hermenêuticas patriarcais do passado.

A sutura violenta das bocas das mulheres nas obras de Rosana Paulino de fato provoca uma reflexão sobre novas artes decoloniais. Ao cobrir as bocas e corpos das mulheres com "linhas alternativas", a artista nos convida a repensar as formas tradicionais de expressão e a explorar novas possibilidades.

A expressão artística da colagem desempenha um papel importante no trabalho de Paulino. Através da combinação de diferentes elementos e imagens, ela cria narrativas visuais complexas e multifacetadas. A colagem permite a recontextualização e a mistura de elementos diversos, abrindo espaço para a invenção e a criação de novas vozes.

Nesse sentido, as obras de Rosana Paulino nos desafiam a questionar as normas estabelecidas e a explorar outras perspectivas e interpretações. Ao romper com as

representações tradicionais e ao subverter as expectativas, ela busca promover uma maior inclusão e visibilidade para as vozes marginalizadas e subalternizadas.

Através da colagem, a artista cria uma linguagem visual que vai além das palavras, permitindo múltiplas camadas de interpretação e abrindo espaço para o surgimento de novas narrativas e significados. Essa abordagem artística nos convida a repensar o poder das imagens e a questionar as representações dominantes, buscando formas alternativas de expressão e compreensão do mundo ao nosso redor. Estamos diante de um compromisso com novas texturas hermenêuticas inscritas nos corpos, diferentes das texturas materiais. Nos convida à concepção de texturas alternativas que permitam as transformações e, ao mesmo tempo, as representações desses corpos em consonância com - e fazendo justiça a - a visão não-colonial que as mulheres não-ocidentais têm do erótico, do estético e do erótico, do estético e do espiritual. Na medida em que a arte constitui uma das formas de expressividade social, é também constitutiva dos sistemas epistémicos e dos espaços de experiência dos povos.

Isto significa que as novas conceitualizações adquiridas através do discurso artístico proposta por Paulina e outras artísticas levam-nos à apreensão e ao reconhecimento de formas al ternativas de compreender o mundo, bem como a uma relação prática, apesar da distância, entre o nosso espaço e o seu próprio espaço de experiência. A integração da obra de Paulino no nosso sistema sistémico e no nosso espaço de experiência conduz-nos, assim, a par e passo, a uma reconceptualização da nossa filosofia arte.

Por outro lado, encontramos na expressividade da artista uma obra consonante com o projeto enquadrado naquilo a que Walter Mignolo chama a "opção decolonial", que considera fundamental:

> “ A opção decolonial revela as estruturas ocultas de autoridade, conhecimento e ser que foram imposta globalmente pelo colonialismo moderno. Este processo não é apenas uma recusa do colonialismo, mas uma resistência ativa contra a hegemonia do pensamento ocidental, promovendo uma revalorização e reconhecimento das epistemologias subalternizadas. A decolonialidade desafia a dominação continuada das "Epistemologias do Norte", trazendo à tona saberes e seres que foram marginalizados ou invisibilizados. Assim, através da arte e do pensamento decolonial, busca-se afirmar modos de conhecimento e formas de vida que ressurgem como potentes alternativas ao modelo dominante, mostrando que estas práticas não apenas existem, mas são essenciais para a compreensão de uma realidade global mais inclusiva e justa.” (Mignolo, 2018, p. 88-90).

A obra de Rosana Paulino certamente serve a diversos propósitos sociológicos. Por um lado, ela denuncia e critica as estruturas coloniais e as formas de exclusão que surgem a partir

delas. Por outro lado, sua arte abraça o objetivo político e positivo da descolonização arte, buscando ampliar o espectro da diversidade epistêmica e ontológica.

As obras de Paulino nos levam em uma dinâmica de vai e vem, que vai desde o reconhecimento e a conscientização das exclusões geradas pela hermenêutica patriarcal, até uma forma de artivismo feminista e corporificado. Essa abordagem permite que corpos historicamente excluídos se transmutem em vozes elevadas, que desafiam as normas estabelecidas e ampliam o espaço para a diversidade de experiências e conhecimentos.

Na obra de Rosana Paulino, percebe-se quase silenciosamente a forma como as hermenêuticas não ocidentais foram tradicionalmente obliteradas e silenciadas pela ameaça das epistemologias tradicionais. Através de suas técnicas de colagem, a artista combina diferentes elementos e imagens, criando um diálogo entre culturas e ampliando nossos horizontes de conhecimento.

A colagem como técnica artística permite a fusão de diferentes culturas e artes, desafiando as estruturas de poder impostas pelas epistemologias tradicionais. Ela nos convida a questionar e reavaliar as formas de conhecimento hegemônicas, abrindo caminho para outras perspectivas e tradições de modo a reconhecer e valorizar as vozes silenciadas.

Dessa forma, a técnica de colagem usada por Rosana Paulino contribui para a descolonização arte ao romper com as representações tradicionais e ao trazer à tona a riqueza da s hermenêuticas não ocidentais, tornando-as visíveis e levando-nos em direção a uma maior diversidade epistêmica e ontológica.

Esses discursos têm influência na forma como a orientação sexual, a identidade de género, a diferença racial ou de classe e a religião são concebidas nos corpos que as incorporam. Os conhecimentos relacionados com a transgressão dos corpos e das suas relações, a sua arte e as suas expressões, a heterogeneidade de perspectivas e a desegemonização das corporeidades através do artivismo decolonial são tanto um instrumento político contra a colonialidade; ao mesmo tempo, evidenciam (do ponto de vista da sociedade civil) os elementos que constituem os nossos próprios preconceitos coloniais.

A sutura, a surpresa, a falta de previsibilidade, não só alimentam a criatividade, as novas questões e a inquietação, como também são o trampolim para novas formas de interiorização de perspectivas, ou seja, para uma arte decolonial, num processo gradual que consome os nossos velhos preconceitos. e nos aproxima de novas formas de vivenciar e experienciar o mundo com os nossos corpos e os corpos dos outros.

Vivemos em torno da busca inacabada de compreender o outro. A partir disso, nasce a proposta de buscar um novo paradigma que contribui para a compreensão daquele semelhante

que vemos como estranho ou distante de nossa realidade. Especificamente, a integração da alteridade na concepção de etnicidade passa pelo entendimento de que como processos históricos que respondem a dinâmicas sociais, que aceitam grupos diversos como sociedades dinâmicas e adaptativas.

A relevância da etnicidade e da alteridade como uma nova abordagem para o estudo e in tegração da sociedade e dos grupos que a compõem surge da tarefa pendente que foi deixada para trás por muitos anos: a unidade de todo o povo com base no reconhecimento das diferenças, mas a igualdade que a lei e o território. Embora se reconheça a viabilidade dessa abordagem, também se enfrenta grandes desafios como a falta de reconhecimento da identidade e dos direitos, para o qual um pressuposto fundamental é ir aos próprios grupos e reconhecer sua inserção nos processos transformadores e revolucionários que revitalizam e reivindicam seu movimento, sua identidade, sua cultura não apenas em teoria.

No nosso dia a dia e para fins de transformação social, a etnicidade e a alteridade são desafios ambiciosos, mas também alternativas viáveis. Embora teoricamente representem um gr ande problema, como fala Devalle (1992, p 39):

> "As representações da alteridade são uma faca de dois gumes. Embora passíveis de questionamento no campo científico, apresentam-se como elementos difíceis de combater em seus usos no campo prático, uma vez internalizados e generalizados." (Devalle, 1992, p 39)

A etnicidade se concretizará a partir do conhecimento e reconhecimento da identidade d os povos, como uma representação específica da identidade coletiva e da identitária que se refere especificamente ao pertencimento a um grupo, a partir da assimilação desse saber ocorrerão transformações da diferença pela igualdade e da igualdade pela diferença, estabelecendo o padrão para o reconhecimento da diversidade cultural e abrindo as portas para a incorporação na sociedade multicultural global. Como dito por Barth (1969, p 147):

> "Em vez disso, provavelmente significa que em alguns momentos, em algumas ocasiões, diz-se: "Essa é minha identidade étnica. Este é o grupo ao qual desejo pertencer." Também cultivam-se alguns sinais particulares que assinalam que essa é a sua identidade. Isso certamente significa que foram aprendidas algumas coisas que mostram uma continuidade cultural da tradição das prévias gerações da população indígena. Porém, essas ideias e habilidades, esse conhecimento, certamente não esgotam aquilo que foi aprendido, a cultura que uma pessoa controla." (Barth, 1969, p 147)

A preocupação com a questão da diversidade étnica existe em todas as esferas do planeta, mas, então, por que as desigualdades ainda existem? Os problemas que os grupos diversos ainda enfrentam são de natureza multifatorial e, consequentemente, multidisciplinares. Propõe-se que seja por meio da própria sociedade e da proposta de

identidade étnica aqui estabelecida. É evidente que o problema não se resolve por decreto, não são as leis que falham, não há necessidade de ratificar os acordos, mas sim a falta de vontade par a os aplicar, implementar e exercê-los de forma consistente.

Todo povo tem o direito de existir, respeitando sua identidade e cultura; e suas opiniões devem ser consideradas na elaboração de políticas públicas em matéria de cultura. Só assim conseguiremos um Estado em que os habitantes tenham certeza quanto ao clima de tranquilidade e respeito ao desenvolvimento social, que é o ideal de todo cidadão. Se fizermos uma interpretação harmônica de algumas das inúmeras disposições, declarações e normas contidas em dois instrumentos jurídicos que impactam todos os grupos diversos da sociedade.

A liberdade é o elemento essencial da cultura, em particular, a liberdade de escolher os valores que se acredita que deve defender e a existência a que se acredita que devem aspirar. A educação é o ponto de partida do desenvolvimento formativo que nos permite assumir como nossos os valores que a nação escolheu para si e só assim compreender a função transformadora da sociedade enquanto a cultura serve como caminho para o conhecimento e reconhecimento do homem pelo homem.

Os diversos grupos que compõem a sociedade devem respeitar seu direito (individual e coletivo) de serem atores na sociedade, ou seja, considerar quem são, o que determinam para o alcance da adoção de elementos externos à sua cultura particular e quais de seus elementos identitários devem evoluir; mas sempre dentro da comunidade e em seu próprio ambiente físico.

A identidade está no centro de todas as culturas e representa o modo particular de ser, a modulação própria e singular das variantes universais de cada cultura no eixo do tempo e na dimensão do espaço. Levando em conta as reflexões aqui expressas e as abordagens sobre identidade e etnicidade discutidas, é necessário estabelecer políticas e ações governamentais e sociais para preservar os elementos culturais e identitários dos vários grupos e é ainda mais essencial estabelecer políticas sociais voltadas ao atendimento das demandas de todos.

Sendo diferentes, fazem parte de uma sociedade onde todos partilhamos elementos comuns que nos permitem reconhecer a igualdade. Reconhecendo o outro, o estranho como diferente, mas o mesmo é paradoxal, a construção do novo paradigma partirá da superação de tal utopia.

No contexto das discussões sobre alteridade e identidade cultural, a obra de Rosana Paulino emerge como um exemplo preeminente de como a arte decolonial pode articular e desafiar as narrativas dominantes. Paulino, uma das artistas mais influentes do cenário contemporâneo brasileiro, utiliza sua prática artística para explorar as camadas complexas das

identidades étnico-raciais e para questionar as estruturas de poder que historicamente têm marginalizado as vozes afro-brasileiras.

A técnica de colagem, amplamente empregada por Paulino, é um meio poderoso de representar a diversidade e a fragmentação das identidades. Suas obras são composições ricas e multifacetadas que integram uma variedade de materiais, como fotografias, tecidos e objetos co tidianos. Esses elementos, quando combinados, formam narrativas visuais que refletem as interseções entre histórias pessoais e coletivas. A colagem, com sua capacidade de unir elementos díspares em uma composição coesa, espelha as experiências de muitas comunidades afro-brasileiras, onde a identidade é formada a partir de múltiplas influências culturais e históricas.

Um exemplo significativo dessa abordagem é a série “Bastidores” (1997). Nesta obra, P aulino utiliza o bordado e a costura para sobrepor imagens de mulheres negras em tecidos de gaze. A escolha de materiais e técnicas não é acidental; ao bordar essas figuras em um tecido del icado e transparente, Paulino convida os espectadores a contemplar a invisibilidade e a vulnerabilidade das mulheres negras na sociedade. Ao mesmo tempo, o ato de bordar – tradicionalmente associado ao trabalho doméstico e feminino – é recontextualizado como uma forma de resistência e reconfiguração da identidade. Esta série desafia as representações estereotipadas e cria um espaço onde as histórias e as identidades dessas mulheres podem ser vis tas e valorizadas.

Além disso, Paulino explora criticamente os legados do colonialismo em suas instalações. Em obras como “Assentamento” (2013), ela examina o impacto duradouro da escravidão e da diáspora africana no Brasil. Utilizando elementos como o barro, que simboliza a terra e as raízes culturais, Paulino aborda temas de perda, memória e ancestralidade. Essas ins talações não apenas convidam à reflexão sobre como a história colonial continua a moldar as identidades afro-brasileiras, mas também servem como atos de memória coletiva e de resistência contra o apagamento histórico.

A inclusão de Rosana Paulino como um estudo de caso dentro deste capítulo ilustra como a arte decolonial pode ser um veículo para explorar e expressar a alteridade. Sua obra exemplifica como a arte pode ser usada para confrontar as narrativas hegemônicas e para celebrar a riqueza e a diversidade das experiências culturais afro-brasileiras. Ao integrar elementos visuais e temáticos que abordam a identidade e a alteridade, Paulino cria um espaço onde as vozes marginalizadas podem não apenas ser ouvidas, mas também celebradas.

A exploração da alteridade na arte de Rosana Paulino reforça a ideia central deste capítulo: a de que a arte decolonial é uma ferramenta poderosa para desafiar as construções hegemônicas de identidade e para promover uma compreensão mais inclusiva e diversificada da s experiências culturais. Paulino, através de suas colagens e instalações, oferece uma crítica visual e visceral às narrativas coloniais, ao mesmo tempo em que celebra a complexidade e a res iliência das identidades afro-brasileiras.

A inclusão de sua obra no debate sobre alteridade não apenas enriquece a discussão teórica, mas também demonstra como a prática artística pode funcionar como um campo de resistência e transformação social. Ao posicionar a arte como um meio para confrontar e reconfigurar as identidades culturais, Paulino contribui significativamente para a compreensão da arte decolonial e para a valorização das vozes e histórias que ela busca representar.

Rosana Paulino nos lembra que a arte tem o poder de questionar, desafiar e transformar. Suas obras são um testemunho da capacidade da arte decolonial de iluminar as complexidades da identidade e de oferecer novas perspectivas sobre o passado e o presente. Em última análise, sua prática artística nos convida a reconsiderar e reimaginar as narrativas de identidade e alteridade em nosso mundo contemporâneo.

CAPÍTULO 4 – (DES)COLAGEM E A ARTE PICTÓRICA E DA COMPOSIÇÃO:

Voltamos nossa atenção para a técnica que servirá como procedimento um métodológico de representação artística amplamente reconhecido e versátil: a colagem [7] . Exploramos a colagem não apenas como uma forma de expressão visual, mas como uma totalidade artística que se desdobra diante de nossos olhos. Ao mesmo tempo, essa forma de expressão permanece aberta a interpretações em constante renovação e a uma infinidade de possibilidades de ajustes. As formas e as quantidades que compõem a colagem são elementos e m constante evolução e transformação, revelando-se como um campo fértil para a criatividade artística. Conforme Bernardo (1985):

> "De acordo com o dicionário da Tate Gallery, colagem é o termo utilizado tanto para a técnica quanto para o resultado de um trabalho que inclui pedaços de papéis, fotografias, tecidos, entre outros materiais, arranjados em uma superfície de suporte. A colagem pode ainda incluir outras mídias, como pintura e desenho, além de conter elementos tridimensionais. (Bernardo, 1985, p 15)

Abordamos a arte da colagem como uma forma de expressão visual de notável riqueza e complexidade. O nosso enfoque ao apresentar essa técnica está intrinsecamente ligado à busca por uma compreensão mais profunda e significativa. Evitamos aderir a uma perspectiva superficial, preferindo adentrar nos aspectos intrincados que permeiam os elementos constituintes da colagem, que englobam formas, materiais, cores e texturas. O propósito subjacente a esta investigação transcende a mera apreciação da superfície visual das obras colagistas. Em vez disso, estamos empenhados em explorar as ideias que residem nas entrelinhas de cada fragmento que compõe uma colagem, revelando, assim, as diversas camadas de significado que estão entrelaçadas nesse intricado processo criativo.

Empenhamo-nos em explorar a evolução da arte da colagem em nosso percurso metodológico, investigando o contexto histórico e o aparecimento dessa técnica artística. Compreenderemos as motivações subjacentes à seleção, organização e disposição dos fragmentos que constituem a colagem, revelando as intenções por trás desse processo criativo. Ao longo desta discussão, examinaremos as categorias de ações que moldam a base teórica da colagem. Esta compreensão nos capacitará a aplicar os princípios da colagem a diversos casos de estudo encontrados nas artes contemporâneas, onde a representação é resultante da justaposição de uma multiplicidade de elementos.

Voltaremos nossa atenção para alguns dos nomes mais proeminentes na história da arte da colagem, como Georges Braque, Pablo Picasso, Hannah Höch, Kurt Schwitters e Roland Barthes. Mergulhamos no contexto brasileiro da colagem, destacando figuras notáveis como Lygia Clark, Lygia Pape, Tarsila do Amaral e Hélio Oiticica, cujas contribuições desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento e enriquecimento da técnica de colagem no país.

No cenário artístico do Brasil, a técnica da colagem desponta como uma forma de expressão eloquente, transgredindo os limites de sua composição material para refletir a multifacetada tapeçaria cultural de uma sociedade. Esta expressão artística, que une fragmentos de distintas realidades para criar novas interpretações e significados, encontra no Brasil um terreno fértil para a reinvenção e recriação. A partir do século XX, tanto artistas quanto pensadores têm abordado a colagem não meramente como uma técnica, mas como um canal potente para investigações e declarações culturais, sociais e políticas, estabelecendo um diálogo profundo entre a expressão artística e o pensamento crítico.

A colagem na história da arte brasileira se entrelaça intimamente com o modernismo, especialmente marcada pela Semana de Arte Moderna de 1922, que significou uma quebra com as influências europeias e a busca por uma identidade artística brasileira. Artistas como Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, enriquecidos por experiências internacionais, passaram a incorporar nas suas obras elementos cotidianos brasileiros, utilizando a colagem para capturar as texturas, cores e formas peculiares da realidade local, a colagem também refletiu um olhar eurocêntrico e elitista, levando a releituras que, por vezes, não capturavam adequadamente a complexidade e as realidades do país, especialmente no que diz respeito às questões de racismo e opressão.

Essa técnica proporcionou aos artistas brasileiros um veículo de expressão sem precedentes, permitindo-lhes construir narrativas visuais que comunicam diretamente com o público, através da combinação de materiais diversos — de recortes de jornais e fotografias a te cidos e objetos do dia a dia —, capturando a essência do Brasil com suas contradições e riquezas culturais.

Durante o regime militar brasileiro, a colagem adotou uma nova dimensão de resistência. Artistas empregaram essa técnica para denunciar o autoritarismo, a censura e a repressão, muitas vezes de maneira subliminar, como estratégia para contornar a vigilância do Estado. A colagem, com sua habilidade de entrelaçar símbolos e mensagens de forma enigmática, emergiu como uma forma poderosa de expressão política.

No contexto contemporâneo, a colagem no Brasil continua a se reinventar, adotando influências digitais e proliferando pelo ciberespaço. Artistas modernos utilizam programas de e dição de imagem para criar colagens digitais que, tão impactantes quanto suas contrapartes físicas, refletem sobre as questões prementes da sociedade brasileira, abordando desde o ambientalismo até os direitos LGBTQIA+ e a identidade afro-brasileira, demonstrando a versatilidade e resiliência da colagem como forma de arte.

No atual panorama brasileiro, a colagem se reinventa continuamente, mergulhando no u niverso digital e se expandindo pelo ciberespaço. Artistas contemporâneos como Élle de Bernardini[8], que explora questões de gênero e sexualidade através de suas obras, utilizam programas de edição de imagem para produzir colagens digitais que confrontam e dialogam com temáticas sociais relevantes. Outra artista destacada neste cenário é Moisés Patrício[9], cujas obras se debruçam sobre a cultura e a espiritualidade afro-brasileira, incorporando elementos v isuais que refletem a identidade afro-brasileira com profundidade e sensibilidade.

Figura 02: 'Aceita?' (2021), Moises Patricio. Uma assemblagem que mede 140 x 30 cm, retratando questões de identidade e aceitação..

[8] Élle de Bernardini (Itaqui, Rio Grande do Sul, 1991) é uma artista visual, performer e bailarina. Seus trabalhos frequentemente utilizam a própria figura da artista ou outras estruturas que remetem ao corpo humano como suporte. As obras de Bernardini, incluindo suas colagens, criam experiências sensoriais que desafiam as restrições à liberdade de gênero e promovem a reflexão sobre identidade e expressão. As colagens de Bernardini são notáveis por integrar elementos visuais que exploram a fluidez de gênero e as interseções entre corpo, identidade e arte, utilizando uma mistura vibrante de texturas e materiais. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa640305/elle-de-bernardini. Acesso em: 26 de abril de 2024. Verbete da Enciclopédia.

[9] Moisés Patrício, nascido em 1984 em São Paulo, é um artista multifacetado que trabalha com visualidades, fotografia e performances. Sua arte profundamente enraizada na cultura afro-brasileira, explora temas de ancestralidade e espiritualidade atr avés de uma variedade de mídias, incluindo colagens, que são ricas em simbolismo cultural. Nestas, ele integra imagens e objetos que dialogam sobre identidade, memória e a resistência das comunidades negras. Patrício é reconhecido por capturar el ementos tanto sagrados quanto do dia a dia, destacando a rica complexidade e beleza da diáspora africana no contexto brasileiro. Disponivel em https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa423917/moises-patricio. Acesso em: 26 de abril de 2024. Verbete da Enciclopédia.

Além deles, Gisela Motta e Leandro Lima trazem para a colagem uma perspectiva inovadora que interage com o ambientalismo, utilizando imagens e texturas que evocam a relação entre ser humano e natureza de maneira crítica e poética. Esses artistas, entre outros, demonstram a rica versatilidade e a resiliência da colagem como forma de arte, capaz de engajar-se com as mais variadas questões da sociedade brasileira contemporânea

Neste panorama, a contribuição de Rosana Paulino se destaca, oferecendo uma perspectiva única sobre a interseção de arte, identidade e questões sociais. A obra de Paulino, p rofundamente enraizada em investigações sobre raça, gênero e a herança colonial brasileira, utiliza a colagem como uma forma de explorar as narrativas históricas e suas repercussões na id entidade negra feminina no Brasil. Sua habilidade em combinar tecidos, imagens e textos em suas colagens abre caminhos para novas formas de compreender a arte como um veículo de questionamento e transformação social.

Essa sinergia entre criação artística, análise crítica e a contribuição singular de artistas c omo Rosana Paulino eleva a colagem a mais do que uma técnica no Brasil; transforma-a em uma expressão de identidade, uma ferramenta de resistência e um comentário sobre a sociedade. Ao fomentar espaços de diálogo e reflexão, a colagem não apenas desafia os limites da arte, mas também enriquece o entendimento da complexa malha cultural brasileira, afirmando seu lugar como uma forma de expressão artística de relevância indelével tanto no cenário nacional quanto internacional. Aprofundando o nosso entendimento sobre a colagem como uma forma de expressão artística repleta de significado e potencial criativo. Não se trata apenas de apreciar a arte das obras, mas também de compreender as ideias subjacentes a elas e o impacto cultural que essa técnica exerceu no cenário artístico global e local. Ressaltando a importância de entender o contexto mais amplo em que a arte é criada e a colagem:

> "O cotidiano sempre foi o substrato da arte, na medida em que não é possível a concretização de qualquer obra de arte sem que o seu contexto histórico, político e social seja levado em conta, ainda que este não seja tema principal da pintura ou da escultura." (Bernardo, 1985, p. 22)

Diante do questionamento sobre se Rosana Paulino poderia ser considerada uma colagista, dada sua abordagem diversificada que abrange gravuras e o uso de vários materiais, é essencial reconhecer a amplitude e a flexibilidade que a colagem, enquanto prática artística, o ferece. A obra de Paulino, profundamente imersa em temáticas de raça, gênero e legado colonial, emprega uma metodologia que dialoga intrinsecamente com o conceito de colagem em sua essência mais ampla. A artista contemporânea se destaca por sua habilidade em tecer juntos diversos elementos, sejam eles físicos, simbólicos ou conceituais, para criar obras que transcendem as fronteiras tradicionais da arte.

A colagem, historicamente, tem sido entendida como a arte de combinar materiais diversos em uma única composição, frequentemente associada ao uso de papel, recortes de revistas, fotografias e outros materiais bidimensionais aderidos a uma superfície com cola. Contudo, a prática contemporânea da colagem expandiu significativamente esse conceito, abraçando uma vasta gama de técnicas e materiais, incluindo elementos tridimensionais e digitais. Neste contexto mais amplo, a obra de Rosana Paulino pode ser vista como uma extensão evolutiva da colagem, na medida em que ela integra diferentes mídias e objetos para explorar e expressar complexas narrativas sociais e históricas.

Paulino, por meio de suas gravuras, tecidos, objetos encontrados e outros materiais, constrói um diálogo visual que desafia e questiona as narrativas estabelecidas sobre identidade, pertencimento e memória. Esta abordagem multidimensional reflete a essência da colagem como um processo de reunião e recontextualização, permitindo que as obras de Paulino comuniquem mensagens poderosas sobre a experiência afro-brasileira e a posição da mulher na sociedade. Sua capacidade de entrelaçar elementos visuais e temáticos em um todo coeso é emblemática da colagem no sentido mais amplo, transformando fragmentos isolados em uma na rrativa visual unificada que é maior que a soma de suas partes.

Considerando a possibilidade infinita que a colagem apresenta, através da combinação de materiais que vão além do papel e da cola, Rosana Paulino emerge como uma colagista no c ontexto contemporâneo. Sua obra não apenas se alinha com os princípios fundamentais da colagem, mas também expande seus horizontes, empregando a técnica como um meio de investigação cultural e social. Deste modo, a inclusão de Paulino no espectro da colagem contemporânea não só é justificável, mas também necessária para uma compreensão abrangente da capacidade desta forma de arte em abordar e refletir sobre as nuances da condição humana e social.

Esta expressão artística de uma perspectiva que se afasta das interpretações convencionais e mecânicas. Em vez de nos limitarmos à observação das composições finais, compreendemos a origem e a evolução da técnica da colagem ao longo da história.Esta abordagem nos permite destacar os elementos fundamentais que caracterizam cada obra de colagem.

Buscamos aqui discernir os primórdios desta técnica como uma forma distinta de expressão artística. Através de uma investigação meticulosa decifrando suas origens e traçamos sua evolução ao longo dos séculos, oferecendo uma interpretação única e pessoal deste fenômeno artístico, que destaca sua relevância e impacto no mundo da arte. A arte da colagem não se limita simplesmente ao ato de "cortar e colar". Em vez disso, é uma

exploração profunda da essência de cada fragmento que se une para criar uma imagem coesa. Est e trabalho se aprofunda na compreensão das motivações subjacentes à meticulosa seleção de materiais, imagens, texturas, cores e formas. Cada escolha é deliberada e tem um propósito, culminando em uma obra que é uma complexa sinfonia visual. Este estudo lança luz sobre a rica tapeçaria de decisões e intenções que dão vida à arte da colagem.

É essencial destacar que esta investigação vai além do que é imediatamente perceptível. Situamos cada colagem dentro do contexto histórico, cultural e artístico em que foi criada, empenhando-nos em entender as nuances, as preocupações e as tendências que influenciaram a criação dessas obras. Exploramos, adicionalmente, como a técnica da colagem interagiu e se relacionou com outros movimentos artísticos e técnicas contemporâneas. Esta abordagem nos oferece uma perspectiva mais ampla e integrada da colagem, reconhecendo-a não somente como uma técnica isolada, mas como uma parte essencial da evolução da arte através dos tempos.

É importante ressaltar que nossa abordagem é uma interação harmoniosa entre o tangível e o intangível, entre os componentes físicos da obra e os significados que eles carregam. Vemos cada fragmento de colagem não apenas como um elemento isolado, mas como uma peça fundamental de um intrincado mosaico artístico. Buscamos montar este mosaico, revelando a riqueza e a profundidade de cada composição.

Ao explorar a colagem sob esta luz, aspiramos a oferecer novos ângulos de apreciação e uma compreensão mais rica e profunda desta forma artística. Nosso desejo é descobrir e destacar as histórias, emoções e nuances que cada pedaço de colagem carrega consigo, sublinhando a versatilidade, o poder e a atemporalidade desta técnica artística notável.

No processo de desenvolvimento do texto, optamos por uma abordagem que se distancia da escrita automatizada, dando prioridade à expressão autêntica e ao diálogo humano com a arte da colagem.

Ao adentrarmos o universo da colagem, não buscamos apenas análises superficiais ou in formações pré-fabricadas, mas sim uma imersão profunda e significativa nas nuances dessa forma de expressão. Desejamos mergulhar nas cores, texturas e fragmentos que compõem cada obra, buscando não apenas o que se revela à primeira vista, mas também as camadas ocultas de significado que residem nas entrelinhas.

A história da colagem se desdobra diante de nós como uma narrativa rica em reviravoltas, influências entrelaçadas e momentos de transformação. Optamos por apresentar essa história de forma não linear, como se estivéssemos navegando por um labirinto artístico, de stacando as ações e artistas que desempenharam papéis essenciais na evolução da colagem.

Reconhecemos, também, a importância de uma base teórica sólida para compreendermos a colagem em toda a sua complexidade. Não se trata apenas de "cortar e colar", mas sim de compreender por que cada escolha de fragmento, cada sobreposição de elementos, cada seleção de materiais e cores são tão cruciais para a expressão artística. Oferecemos um guia que possibilita uma apreciação mais profunda e informada dessa técnica, transcendendo as limitações da inteligência artificial para abraçar a sensibilidade humana

A colagem é mais do que uma técnica; é uma linguagem que dialoga com nossa imaginação e experiências, e é isso que buscamos explorar e compartilhar. Afinal, a verdadeira essência da colagem reside em sua capacidade de transcender as fronteiras das palavras escritas e se comunicar por meio de um mosaico de elementos visuais e emocionais.

Ao explorarmos a colagem, é inevitável que nossa mente associe imediatamente a técnica ao resultado final. No entanto, a aparente simplicidade operacional da colagem como processo criativo frequentemente a transformou em uma ferramenta pedagógica valiosa, estimulando a criatividade e a imaginação em diversas faixas etárias, desde os primeiros anos e scolares até o ambiente universitário, abrangendo uma variedade de cursos e disciplinas. No entanto, essa simplicidade muitas vezes foi explorada de forma superficial, resultando na banalização da colagem como forma de expressão artística.

A técnica da colagem, com suas ações aparentemente simples de "cortar e colar", pode parecer reducionista à primeira vista. No entanto, uma investigação aprofundada da história dessa forma de expressão revela valores subjacentes que nos levam a questionar se essa descrição simplista realmente capta a riqueza e a complexidade da colagem como linguagem art ística.

Para compreender a disseminação da colagem em todas as formas de arte, é essencial revisitar e reorganizar a história dessa expressão artística, destacando as ações que ocorreram no s bastidores e que diferenciaram períodos, trajetórias e necessidades artísticas. Isso nos permitirá apreciar a colagem não apenas como um método de criação, mas como um veículo de expressão rico em significados e possibilidades.

A técnica da colagem pode ser vista como uma forma de síntese, capaz de reunir fragmentos diversos em uma composição final de maneira eficaz e rápida. Além de seu valor na expressão visual, a colagem tem sido usada como uma ferramenta para otimizar o tempo e economizar materiais. Esse processo auxilia na hierarquização da importância dos fragmentos resultantes na imagem final, mantendo-os unidos em uma unidade arte coerente. A síntese aqui se manifesta como a convergência de uma variedade de elementos em uma unidade arte.

Um exemplo notável de colagem como síntese remonta ao Oriente, no século XII, quando calígrafos japoneses começaram a incorporar estampas tingidas e imagens naturais em seus trabalhos, evitando os métodos tradicionais de coloração. Uma das colagens mais emblemáticas desse período é a composição encontrada no "Ise Shu"[10] uma coleção de versos Waka da poetisa Lady Ise.

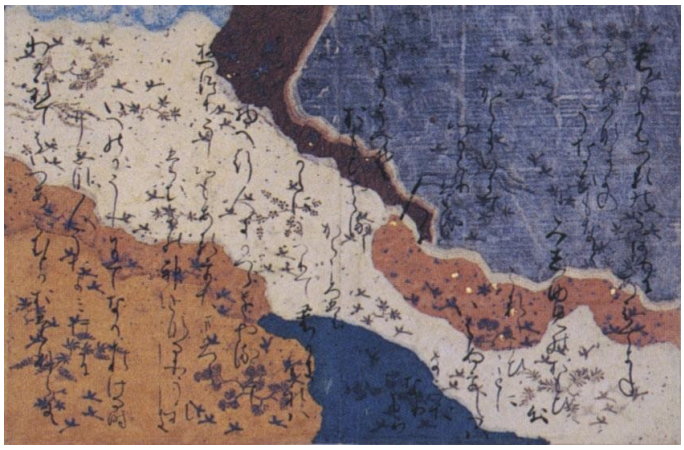


Figura 03: Página do 'Ise Shū' da Dama Ise, mostrando caligrafia kana e desenhos impressos com padrões florais e pavões estilizados. Fonte: Museu Metropolitano de Arte, Ano: Início do século XII.

Da mesma forma, indícios de colagem podem ser observados no contexto ocidental em representações de árvores genealógicas do século XVII. O que inicialmente parecia ser um procedimento quase arbitrário acabou por se transformar, ao longo dos anos, em uma técnica de vanguarda que abrange todas as formas de arte. Essa evolução redefiniu não apenas o pensamento dos artistas, mas também as metodologias de trabalho fundamentadas na imaginação.

Assim, a técnica da colagem não apenas preenche espaços consideráveis em composições finais, mas também desvenda uma capacidade única de unir fragmentos diversos em uma narrativa arte coesa e significativa. É uma linguagem artística que transcende as fronteiras do simples "cortar e colar", e que encontra expressão tanto no Oriente quanto no Ocidente ao longo da história.

A técnica da colagem, ao transcender os limites convencionais que separam a pintura da escultura, abre as portas para uma proliferação notável dessa forma de expressão em diversas manifestações artísticas. Essa abordagem essencial envolve a incorporação de fragmentos de materiais industriais e elementos delicados, como papelão, chapa, arame, cordas, areia, papel, estanho e pregos, entre outros. Quando esses elementos se mesclam ao

[10] "Ise Shu" é uma coleção de versos Waka da poetisa japonesa Lady Ise, cuja origem remonta ao período Heian, especificamente ao século IX. Esta obra literária é renomada por sua influência na cultura japonesa e é notável por seu uso criativo de estampas tingidas e elementos naturais, o que sugere a presença de elementos de collage antes mesmo do termo ser formalmente reconhecido.

óleo, eles culminam em composições artísticas que desafiam as normas estabelecidas, resultando em um corpo de trabalho que redefine a própria natureza da colagem.

O aspecto mais notável desse processo evolutivo é a corajosa experimentação que se manifesta ao agregar recortes de jornais e pedaços de diversos materiais. Nesse contexto, o óleo não é apenas um meio de expressão tradicional, mas também desempenha o papel de agente coesivo, funcionando como elemento unificador. Isso gera uma dinâmica única, em que cada componente da composição contribui para uma síntese que transcende suas partes individuais. A premissa subjacente é a criação de uma unidade com significado e valor próprios, que vai além do significado original de cada fragmento, expandindo as fronteiras da apreciação artística.

O marco inicial desse movimento artístico remonta a 1912, quando Georges Braque adquiriu um rolo de papel de parede que imitava veios de madeira em uma loja em Avignon. A partir dessa aquisição, ele optou por incorporar recortes desse papel, juntamente com tiras de papel e cartão, adicionando alguns traços de carvão. Desse processo, emergiu uma série de trabalhos que seriam conhecidos como "papiers-collés". Essa inovação artística encontrou continuidade quando Braque, ao retornar a Paris, compartilhou o restante do rolo de papel com Pablo Picasso, que, por sua vez, prosseguiu com experimentações gráficas inovadoras. É a partir desse encontro criativo que podemos afirmar que a colage como técnica artística nasceu no contexto ocidental.

Um dos exemplos mais emblemáticos desse período é representado pela obra "Natureza-Morta com Cadeira Empilhada" (1912), que provocou reações de surpresa e desconcerto no cenário artístico da época. Essa peça desafiou convenções estabelecidas ao questionar a percepção do real e do imaginário, levando o diretor do Museu de Arte Moderna de Nova York, naquele momento, a uma reflexão intrigante: "O que parece mais real é o mais falso, e o que parece mais distante da realidade cotidiana é talvez o mais real, pois é menos imitação". Essa observação ressoa como um testemunho da profundidade e impacto que a colagem trouxe à arte ocidental, redefinindo os paradigmas da representação e da criatividade.

Figura 04: Natureza Morta com Cadeira de Palha (1912), Pablo Picasso. Uma colagem famosa de Picasso, preservada no Museu Picasso em Paris. Fonte: Museu Picasso, Paris.

A técnica da colagem, em sua essência distinta da tradição pictórica, desempenha um papel fundamental na análise da transformação artística no século XX. Ao observarmos a composição das peças finais, fica evidente que ela incorpora uma ampla variedade de materiais, desde simples recortes até resíduos de processos industriais, fragmentos cotidianos e descartados. No entanto, mais do que a diversidade de materiais, a prática da colagem exige uma predisposição do autor que se afasta radicalmente do paradigma do pintor tradicional.

Nesse contexto, o termo "bricoleur," conforme cunhado por Levi-Strauss, emerge como uma descrição precisa do artista envolvido nesse processo de criação. O "bricoleur" demonstra uma notável capacidade de transcender a mera aplicação de pigmentos sobre a tela, optando por uma abordagem que incorpora tudo o que o cerca como potencial matéria-prima. E ssa abordagem, que amplia infinitamente seu inventário, é motivada pela consciência do artista em relação ao contexto artístico anterior, bem como por uma visão cética que pressupõe que, de certo modo, tudo já foi explorado. Como resultado, o objetivo do "bricoleur" não reside em criar objetos inteiramente novos, mas sim em selecionar, recontextualizar e interpretar elementos já existentes, sub metendo-os ao seu olhar crítico.

> “A proximidade entre cientistas sociais e arte trará outros resultados inovadores. O específico tema da colagem é incorporado por Lévi-Strauss numa fase posterior, quando apresenta sua noção de bricolagem. Para ele, o bricoleur utiliza os meios (matérias- primas, instrumentos) que tem à mão, não realizando seu objetivo a partir de um projeto. Como procedimento técnico e material, a bricolagem pode ser aproximada, enquanto forma, ao pensamento mítico. Sua “característica é ser auxiliada por um repertório cuja composição é heteróclita e que, mesmo sendo extenso, permanece limitado; entretanto, é necessário que o utilize, qualquer que seja a tarefa proposta, pois nada mais tem à mão. Ele se apresenta, assim, como uma espécie de bricolage intelectual, o que explica as relações que se observam entre ambos. Assim como o bricolage, no plano técnico, a reflexão mítica pode alcançar, no plano intelectual, resultados brilhantes e imprevistos” (Lévi-Strauss, 1989:32).

Na exploração da técnica da colagem, o objeto assume uma função singular, deixando p ara trás qualquer tentativa de definição precisa para se transformar em uma matriz de significados em constante mutação. A cada metamorfose, a matéria ganha novos significados, dando origem a uma narrativa plural e efêmera. O resultado final do "bricoleur" se apresenta como uma construção arbitrária, na qual cada fragmento traz consigo a história de oportunidades de transformação e renovação, tornando-se um componente integral de um todo em constante mutação.

A prática da colagem não apenas rompe com a tradição artística, mas também instiga uma profunda reflexão sobre o papel do artista como manipulador e intérprete da matéria circundante. Cada fragmento, nesse contexto, contribui como peça fundamental do quebra-cabeça da expressão artística contemporânea.

Além disso, ao selecionar um objeto e retirá-lo de seu contexto original, uma operação aparentemente simples confere a esse objeto um novo significado. Essa operação desencadeia uma transformação significativa em relação à sua função original, assumindo uma nova função no contexto artístico. Seja um urinário, uma roda ou uma pá de neve, quando esses objetos são descontextualizados, perdem sua utilidade funcional, mas ganham uma notável singularidade e excentricidade. Essa ação estimula a imaginação e o pensamento, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento do movimento da colagem no contexto do Movimento Moderno.

O contexto é uma das propriedades que mais define um objeto, seja ele histórico, cultural, em termos de tamanho, forma ou função. Ao retirar um objeto de seu contexto original, uma infinidade de novas essências potenciais emerge, todas moldadas pela imaginação do observador. Essa transformação atinge seu ponto mais alto quando o artista apropria-se desses objetos agora desprovidos de utilidade e descontextualizados, muitas vezes deixando sua marca ou assinatura neles.

Figura 05: Fonte (1917/64), Marcel Duchamp. Peça de porcelana com 33,5 cm de altura, réplica autorizada da obra original de 1917. Fonte: Eskenazi Museum of Art, Bloomington.

O exemplo máximo dessa ação encontra-se no "Ready-made" de Marcel Duchamp, que é considerado um método mestre e único dentro do universo da colagem. O "Ready- made" pode ser interpretado como "a máquina da peça única" e, de certo modo, como a própria essência da colagem.

Portanto, o "Ready-made" representa um marco na evolução da colagem, permitindo que objetos cotidianos e triviais, ao serem retirados de seus contextos originais, adquiram novos significados e desafiem as noções convencionais de arte. Isso enfatiza a importância da imaginação do observador na interpretação da obra de arte.

A continuidade dessa discussão revela que a colagem é um processo de superposição, e é notável como essa técnica contribui para a dissolução dos contornos e formas originais de ca da objeto, permitindo uma exploração completa da abstração. À primeira vista, uma colagem pode parecer um conjunto de recortes sem sentido ou ordem aparente. No entanto, ao analisar minuciosamente a disposição dos elementos, deparamo-nos com uma composição repleta de questões que merecem reflexão profunda. Camadas sobrepostas acumulam-se como sedimentações, estratificando-se, mas não necessariamente em uma ordem linear. O que aparenta ser um fundo pode, na verdade, ser o estrato superior e vice-versa, seguindo uma lógica crítica. Como resultado, "a obra de colagem revela um calendário através do qual podemos rastrear o momento em que cada peça foi incorporada." (De Molina, 2014, p.31)

Essas composições são mais do que simples colagens; são construções, de maneira semelhante à forma como a arquitetura é construída. Elas mostram de forma clara e distinta as diferentes camadas que compõem uma estrutura, suas diversas funcionalidades, assim como ocorre no exemplo icônico da Villa Savoye, projetada por Le Corbusier. Surpreendentemente, mesmo o renomado arquiteto e pintor suíço não resistiu à experimentação com a arte da

colagem. Paralelamente às suas realizações arquitetônicas, Le Corbusier desenvolveu essa técnica inovadora. Embora possa parecer uma abordagem distinta, é possível argumentar que é por meio dessa vertente colagista que podemos compreender melhor sua arquitetura.

Um exemplo notável desse cruzamento entre arquitetura e colagem é evidenciado no trabalho de Le Corbusier dedicado a seu antigo assistente, Alfred Roth. O que aparentava ser um recorte de uma revista dos anos 50, um fragmento de um periódico colorido, círculos brancos e uma borda negra costurada, na verdade, reflete o significado dos "cinco pontos de uma nova arquitetura" de Le Corbusier. Essa colagem se torna uma manifestação artística que encapsula a essência de sua visão revolucionária da arquitetura, demonstrando como a colagem pode servir como uma linguagem visual para transmitir conceitos arquitetônicos complexos.

No contexto da construção artística, o colagista encontra um novo significado nos resíduos, coletando e ensamblando-os meticulosamente em sua obra. Essa abordagem marca uma ruptura significativa com os paradigmas anteriores, uma vez que o óleo desaparece completamente e a cola é substituída pelo uso de pregos. Nesse cenário, a colagem não apenas transmite profundidade, mas a cria de forma notável, gerando um espaço tridimensional único.

O aspecto essencial de cada objeto deixa de ser central, e conforme Kurt Schwitters argumenta, a matéria em si carece de uma essência intrínseca, com a disposição assumindo um papel de destaque. Cada adição perturba a harmonia da composição, exigindo uma reorganização constante. O espaço, em vez de uma tela convencional, torna-se o quadro da obra, permitindo que a colagem se expanda indefinidamente. Esta é uma das principais lições que o collage moderno nos oferece: o processo nunca atinge um ponto final, mas sim é abandonado deliberadamente, pois o objetivo reside não na colagem finalizada em si, mas no próprio ato de colagem.

Figura 06: Merz Column (1923), Kurt Schwitters. Representação da obra de Schwitters, conhecida por suas colagens e assemblagens.

Um exemplo notável que ilustra essa abordagem de construção no mundo da colagem é o trabalho de Kurt Schwitters. Ele iniciou o movimento Merz, cujo nome deriva da colagem que ele criou a partir de um anúncio do banco Kommerz-und Privatbank. Uma de suas obras mais icônicas, o Merzbau ou Catedral da Miséria Erótica, é uma colagem que ele construiu em seu próprio estúdio e que continuou a expandir ao ponto de invadir outras partes de sua casa. Este processo dinâmico transformou seu espaço em um verdadeiro fluxo de objetos itinerantes, exemplificando vividamente a essência da construção no contexto da colagem.

Ao longo da evolução tecnológica, a fotografia emergiu como uma forma influente de e xpressão no mundo da arte. Este marco trouxe consigo um novo tipo de colagem, no qual não se limitava apenas a incorporar fragmentos de materiais diversos, mas também abraçou a introdução de recortes de fotografias reais, um fenômeno conhecido como fotomontagem. Este avanço provocou uma ruptura significativa na maneira como a arquitetura era representada. Os fragmentos de imagens fotográficas reais, mesmo quando retirados de seus contextos originais, carregam um poder intrínseco e um significado profundo que ressoam com os espectadores. A fotomontagem não se limita a ser uma simples técnica visual, mas se tornou uma ferramenta adicional para a construção e representação de processos específicos. Como resultado, ele oferece uma leitura precisa e estruturada da imagem, fornecendo uma clara indicação da ordem em que cada camada foi sobreposta. Essas superfícies, que são notavelmente planas e muitas vezes próximas à realidade, dialogam entre si para criar uma imagem vívida e tangível na mente do observador. No entanto, de maneira inversa, essas imagens, quando combinadas entre si, transcendem as fronteiras das molduras convencionais

das fotografias, proporcionando ao espectador uma perspectiva mais ampla e dinâmica do que aquela capturada por uma câmera comum.

Figura 07: Fotomontagem do Concurso (1952), Peter Smithson. Uma fotomontagem que explora a intersecção entre arquitetura e arte.

Um exemplo ilustrativo desse uso criativo da fotomontagem é o trabalho de Peter Smithson. Em sua participação no concurso do Golden Lane, ele empregou a fotomontagem para retratar o cenário pós-guerra de Londres. Seu objetivo era se aproximar do espectador e provocar uma reação emocional e reflexiva. Para atingir esse fim, ele também incorporou recortes de revistas contendo imagens de personalidades famosas da época, como Marilyn Monroe e Joe DiMaggio, que serviram não apenas como elementos estéticos, mas também como dispositivos de escala para as perspectivas criadas. Outro renomado arquiteto que demonstrou grande afinidade com essa técnica foi Mies van der Rohe. Ele a utilizou, assim como Le Corbusier, não apenas como uma ferramenta gráfica, mas também como um meio de reflexão que refletia o processo criativo por trás da arquitetura.

O advento das tecnologias avançadas marcou o ingresso da fotografia no mundo da arte. Com isso, uma nova forma de colagem surgiu, na qual não apenas fragmentos de materiais foram introduzidos, mas também recortes de fotografias reais, dando origem à fotomontagem. Essa técnica revolucionária transformou fundamentalmente a representação da arquitetura. Os fragmentos de imagens reais carregam um poder e significado significativos para o olhar humano, mesmo quando retirados de seus contextos originais. A fotomontagem tornou-se uma ferramenta adicional de construção, capaz de demonstrar um processo de formação específico. Como resultado, proporciona uma leitura clara e organizada da imagem, indicando a ordem em que cada camada é sobreposta.

Essas superfícies, com caráter plano e uma proximidade com a realidade, interagem umas com as outras para criar uma imagem tangível em nossa imaginação. No entanto, ao mesmo tempo, essas imagens combinadas quebram completamente com a conhecida moldura fotográfica. Um exemplo notável disso é o trabalho de Peter Smithson, que utilizou a

fotomontagem para criar imagens do concurso do Golden Lane, retratando a Londres pós-guerra em ruínas com a intenção de se aproximar e impactar o espectador. Para ampliar as perspectivas, também foram incorporados recortes de revistas com figuras famosas da época, co mo Marilyn Monroe e Joe DiMaggio, que adicionaram escala às imagens. Outro arquiteto que demonstrou sua paixão por essa técnica foi Mies van der Rohe, que a utilizou, assim como Le Corbusier, como uma ferramenta gráfica e de pensamento para refletir sobre o processo de projetar em arquitetura.

O manuseio de fragmentos evocativos da realidade, combinados tanto com inúmeras ferramentas plásticas quanto entre si, inspirou uma série de obras que transcendem o que jamais foi feito anteriormente. Surgiu uma dança entre o real e o abstrato, o novo e o antigo, o insondável e o limitado, que deu origem à criação de inúmeras utopias. Monumentos são recortados, imagina-se cidades saturadas de espaços inatingíveis, estruturas flutuantes de escalas descomunais, cidades móveis que percorrem o mundo, arquiteturas desafiadoras das leis físicas. Não existem limites quando se trabalha com a montagem. Essas utopias foram o embrião de grande parte da arquitetura contemporânea, graças à sua capacidade de sugestão.

Numerosos arquitetos impactaram com suas utopias graças à fotomontagem, e, como bem observa Molina: “As utopias nascidas no século XX, não sabemos mais se o são, graças à montagem de imagens ou à imaginação combinatória do mundo”. O que é certo é que transformaram o simples ato de unir elementos heterogêneos em uma harmonia de peças tão inverossímeis quanto expressivas. Costant, Archigram, Archizoom, Superstudio e Yona Friedman exemplificam essa ação.

O impacto da fotomontagem nas utopias foi tão profundo que chegou a ser revertido, levando os projetos mais utópicos a funcionarem como uma montagem intrincada, ou seja, como uma realidade fragmentada da qual se obtém uma imagem icônica, como ocorre na Casa do Futuro de Alison e Peter Smithson.

Poderíamos dizer, assim como acontece com o croqui, que a colagem é um processo de distorção para a produção subsequente. Ele define pequenas realidades deformadas para trabalhar com elas. É uma técnica que busca ir além, alcançar o inédito, capturar imagens que p ertencem a um espaço e a um momento e que, juntas, narram a totalidade da realidade. Essa realidade é distorcida pela colagem, pois enfatiza apenas alguns de seus aspectos.

Em última análise, a colagem é uma poderosa ferramenta de trabalho na qual o grau de coerência e realidade perde importância, pois abre um novo mundo de representação das ideias. Enric Miralles também recorreu ao uso da colagem com uma intenção semelhante:

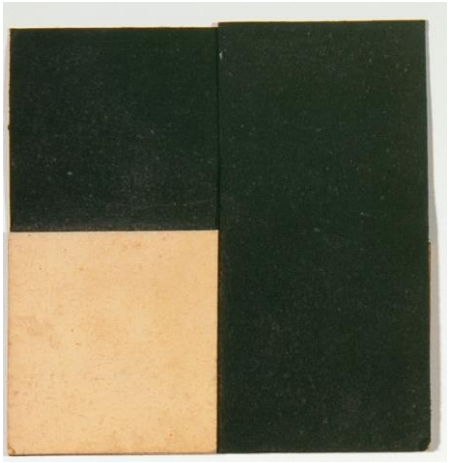
retratar momentos interrompidos que, quando unidos, criam continuidade, como se fosse um quebra-cabeça.

> “É quase uma maneira de registrar as memórias, de juntar os materiais que compõem uma obra de arquitetura. A partir desse conceito, desenvolvi o tema da representação deformante, que captura apenas visões parciais, enquanto a construção do projeto ainda deve ser realizada. Essas visões parciais, laterais, constituem um processo paralelo ao crescente estímulo de coletar materiais de pesquisa que todos os projetos produzem. Essas informações também têm a capacidade de explicar os conteúdos dos projetos.” (Lahuerta, 1996, p 17)

Para finalizar esse capítulo gostaríamos de tratar um pouco sobre a arte da colagem no Brasil é um campo fascinante e diversificado, que merece uma análise aprofundada para compreender sua evolução e influência ao longo do tempo. Neste capítulo, exploraremos o desenvolvimento da colagem como forma de expressão artística no contexto brasileiro, desde s uas raízes históricas até suas manifestações contemporâneas.

Para compreendermos a trajetória da colagem no Brasil, é crucial contextualizá-la em rel ação às influências e movimentos artísticos que moldaram sua evolução. As raízes da colagem no país podem ser rastreadas até o período colonial, quando os artistas europeus introduziram a técnica da colagem em suas obras, incorporando imagens e elementos gráficos em pinturas religiosas e retratos da aristocracia.

O advento do modernismo no início do século XX desempenhou um papel fundamental na consolidação da colagem como meio de expressão artística no Brasil. Artistas como Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Anita Malfatti começaram a experimentar com colagens, explorando a fusão de elementos visuais tradicionais com novas ideias e conceitos. Isso refletiu o espírito inovador da época e contribuiu para a criação de uma linguagem visual única.



. Figura 08: 'Estudo Neoconcreto' (1959), Lygia Clark. Escultura de 10 cm de altura, realizada com a técnica de colagem sobre papel cartão

Na década de 1960, o movimento tropicalista trouxe um novo impulso à arte da colagem no Brasil. Artistas como Hélio Oiticica e Lygia Clark exploraram a colagem como uma forma de expressar ideias políticas e sociais, incorporando elementos do cotidiano, como recortes de jornais e revistas, em suas obras. Essa abordagem ressoou com a contracultura da época e ajudou a solidificar a colagem como uma ferramenta de crítica social e cultural.

Atualmente, a colagem no Brasil é marcada por uma grande diversidade de estilos e abordagens. Artistas contemporâneos exploram uma ampla gama de mídias e técnicas, incluindo colagens digitais, assemblagens e colagens tridimensionais. Além disso, a arte da colagem continua a ser uma forma eficaz de abordar questões contemporâneas, como identidade, gênero, política e meio ambiente.

A arte da colagem no Brasil é um campo em constante evolução que reflete as mudanças sociais, culturais e políticas ao longo de sua história. Desde suas origens nas influências coloniais até suas manifestações contemporâneas diversificadas, a colagem continua a desempenhar um papel vital na expressão artística brasileira. Este estudo buscou traçar uma linha do tempo e apresentar uma visão geral desse fascinante panorama, destacando sua riqueza e complexidade ao longo das décadas.

CAPÍTULO 5 – PERCURSO METODOLÓGICO: *QUAL SUA COR?* OFICINA MOSAICOS DE PAPEL COM ESTUDANTES DA UNLAB

Neste estudo, foi apresentado o percurso metodológico de uma pesquisa cuja proposta c onsistiu em produzir obras de arte utilizando a técnica de colagem denominada “Mosaicos de Pa pel”. Essa técnica foi inspirada e guiada por reflexões e questionamentos sobre a temática “Qual é a sua cor?”. O trabalho dialogou e conectou-se com as manifestações culturais expressas por artistas brasileiros negros e negras, tendo como inspiração as obras da artista, pesquisadora e curadora Rosana Paulino. Além disso, a pesquisa analisou as identidades étnico-raciais dos estudantes da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), situada em Redenção, que participaram das oficinas de “Mosaicos de Papel”. Esse olhar atento sobre a autorrepresentação dos estudantes nos rostos e corpos presentes nas obras de Rosana Paulino buscou oferecer uma compreensão aprofundada de como esses indivíduos percebem a si mesmos e constroem suas identidades em um contexto permeado por questões raciais e culturais.

No contexto metodológico da oficina "Mosaicos de Papel", a técnica da colagem demonstrou ser mais do que uma prática artística; ela se apresentou como uma metáfora potente para a compreensão da complexidade das identidades culturais. A colagem, com sua capacidade de integrar múltiplos elementos em uma composição única, espelha a ideia de rizoma, conforme proposta por Félix Guattari e Gilles Deleuze em 1980.

O rizoma, conforme descrito por Guattari e Deleuze, representa uma estrutura sem uma hierarquia central, onde cada ponto pode se conectar a qualquer outro. Essa metáfora desafia a visão linear e hierárquica do conhecimento e da organização, promovendo a compreensão de que todos os elementos estão interligados em uma rede complexa de relações. No contexto da colagem, essa ideia se manifesta na maneira como diferentes materiais e imagens se unem para criar uma narrativa única e multidimensional.

Similar ao rizoma, a colagem permite a coexistência de múltiplas perspectivas e histórias dentro de uma única obra. Durante a oficina “Qual sua cor?”, os participantes foram in centivados a explorar suas identidades étnico-raciais através da colagem, utilizando uma variedade de materiais que representavam suas experiências pessoais e culturais. Esta prática não apenas fomentou a autoexpressão, mas também destacou como nossas identidades são continuamente formadas e reformadas através da interação complexa de influências. Ao comparar a colagem com o rizoma, podemos ver como cada peça individual contribui para a

totalidade da obra, sem que nenhuma parte seja mais central ou importante do que as outras. Esse processo de justaposição e integração de elementos diversos permite uma reflexão sobre a multiplicidade das identidades e das experiências humanas. Cada fragmento na colagem representa uma parte da história de alguém, que, quando combinada com outras, cria um msaico rico e multifacetado.

Para reescrever a frase de uma pesquisa já finalizada, mantendo o formalismo acadêmico e destacando a importância e o impacto da técnica da colagem, você pode usar o seguinte texto:

A prática da colagem na oficina revelou-se um exercício significativo de descolonização, permitindo aos participantes explorar e afirmar suas identidades de maneiras qu e desafiam as narrativas hegemônicas. Utilizando a colagem como metodologia central, promovemos uma abordagem educacional que valoriza a diversidade e a complexidade das experiências individuais. Esta técnica facilita uma compreensão mais profunda das interconexões que moldam nossas identidades, refletindo o conceito de rizoma, que sugere uma infinidade de caminhos e conexões possíveis dentro de uma rede aberta e infinita.

Em última análise, a colagem, como metáfora do rizoma, nos permite visualizar identidades não como linhas retas ou hierarquias fixas, mas como uma rede dinâmica e viva de relações e significados. Ao integrar essa perspectiva na oficina "Mosaicos de Papel", oferecemos aos participantes a oportunidade de se engajar em um processo de autoexploração e descoberta, compreendendo suas próprias conexões dentro de uma complexa teia de histórias e experiências.

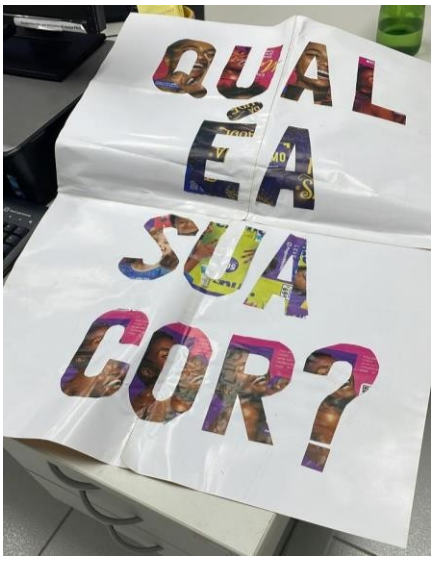


Figura 09: Pergunta provocada na oficina. Imagem capturada durante uma oficina pedagógica, documentando o processo educativo. Arquivo pessoal.

Na oficina “Qual sua cor?”, a técnica da colagem foi enriquecida pela metodologia de in vestigação-ação e complementada com rodas de conversa, criando um ambiente inclusivo e interativo para a exploração das identidades culturais. A investigação-ação, conforme discutida por Kurt Lewin (1946) e Paulo Freire (1970), permite que o pesquisador se envolva ativamente com os sujeitos de estudo em seu contexto natural, promovendo uma compreensão mais profunda e dinâmica das experiências vividas.

Kurt Lewin (1946), pioneiro na metodologia de investigação-ação, enfatiza a importância de um ciclo contínuo de planejamento, ação e reflexão. Na oficina, essa abordagem foi essencial para compreender como os participantes utilizavam a colagem para expressar suas identidades étnico-raciais. Ao envolver-se diretamente no processo criativo, os facilitadores puderam observar e participar das ações dos participantes, capturando as camadas de significados nas escolhas de materiais e na combinação de imagens feitas por eles.

Paulo Freire (1970), em sua abordagem de pedagogia crítica, reforça que a ação reflexiva é fundamental para a emancipação e a transformação social. Durante a oficina, os facilitadores não apenas observavam, mas também se envolviam ativamente com os participantes, atuando como co-criadores e colaboradores. Essa participação ativa permitiu que os facilitadores entendessem não apenas o que os participantes faziam, mas também as razões por trás dessas escolhas, explorando os significados subjacentes às suas criações artísticas.

Para complementar a investigação-ação, utilizamos rodas de conversa ao longo da oficina. Essas rodas de conversa, inspiradas nas práticas de Paulo Freire, serviram como espaços abertos para a troca de ideias, reflexões e experiências entre os participantes e os facilitadores. Durante esses momentos, os participantes puderam compartilhar suas histórias pessoais, discutir suas escolhas artísticas e explorar como suas identidades eram representadas nas colagens. As rodas de conversa foram fundamentais para criar um ambiente de confiança e diálogo, onde todos se sentiam valorizados e respeitados.

Freire (1970) argumenta que o diálogo é essencial para a construção do conhecimento e a emancipação dos indivíduos. As rodas de conversa na oficina “Qual sua cor?” seguiram essa linha de pensamento, permitindo que os participantes explorassem suas identidades em um espaço colaborativo e reflexivo. Essa prática facilitou uma discussão mais rica e profunda sobre como as experiências individuais se interligam com as narrativas culturais mais amplas.

A combinação da investigação-ação com as rodas de conversa permitiu uma análise rica e multifacetada das colagens produzidas. Os facilitadores puderam observar e participar diretamente da criação das obras, enquanto as rodas de conversa ofereceram insights adicionais sobre as motivações e significados por trás das escolhas artísticas. Juntas, essas metodologias criaram um ambiente de aprendizado mútuo e exploração, onde as identidades culturais eram co ntinuamente negociadas e reinterpretadas.

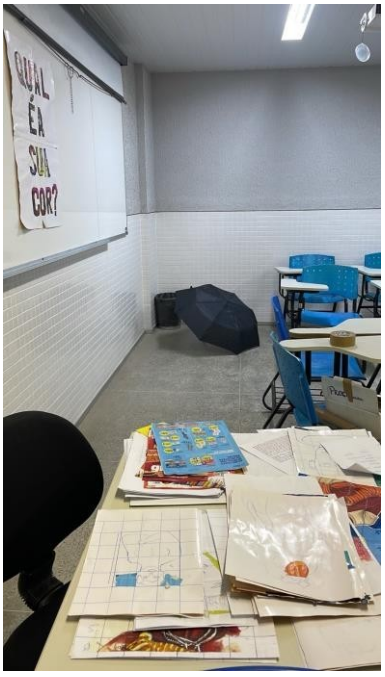


Figura 10: Materiais e ambiente . Fotografia que mostra os materiais utilizados e o ambiente da oficina. Arquivo pessoal.

Durante o desenvolvimento desta investigação, a coleta de dados foi realizada utilizando a técnica de colagem, empregada como um instrumento expressivo. Propusemos a “Oficina Mosaico de Papel” como parte integrante da componente curricular “Samba, Capoeira e Manifestações Culturais Africanas e Afro-Brasileiras” do curso de Licenciatura em Pedagogia, no semestre letivo 2023.1, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Palmares em Acarape, Ceará.

A oficina, intitulada "MOSAICOS DE PAPEL - Qual a sua cor? Samba, Capoeira e Manifestações Culturais Africanas e Afro-Brasileiras", foi conduzida pelo facilitador Nixon Araújo. Realizada em quatro encontros, nas quintas-feiras dos dias 23 e 30 de março, e 06 e 13 de abril, das 18h30 às 20h30, a oficina tinha como objetivo principal a criação de obras de a rte através da técnica de colagem "Mosaicos de Papel".

O foco central da oficina era estimular a reflexão e o questionamento sobre a cor e a identidade cultural dos participantes, inspirando-se nas expressões culturais africanas e afro-brasileiras..

Figura 11: Participantes da oficina Registro dos participantes envolvidos na oficina pedagógica. Arquivo pessoal.

O público-alvo da oficina foram os estudantes da disciplina "Manifestações Culturais, Ancestrais e Religiosas Africanas", ministrada pelo professor Dr. Luis Carlos Ferreira. A carga horária totalizou 8 horas, distribuídas em quatro sessões intensivas. Cada encontro foi projetado para explorar diferentes aspectos e técnicas da colagem e fomentar uma discussão profunda sobre as manifestações culturais de artistas negros no Brasil e no mundo.

No primeiro encontro, os participantes foram introduzidos ao conceito da oficina "Qual a sua cor?" e à técnica dos "Mosaicos de Papel". Esta sessão inicial incluiu uma apresentação detalhada dos materiais que seriam usados e das técnicas de colagem. Além disso, foi proposta uma exposição final das obras criadas. Esse momento também serviu para

a ambientação e interação entre os participantes, permitindo que compartilhassem suas experiências e expectativas para a oficina.

No segundo encontro da oficina, o foco foi na apresentação das referências culturais, destacando as manifestações artísticas retratadas por artistas negros brasileiros e as obras de Rosana Paulino, renomada como inspiração, pesquisadora e curadora. Os participantes aprenderam sobre a técnica de transferência e ampliação de imagem, fundamental para a execução dos trabalhos subsequentes. Essa técnica possibilitou a criação de colagens que capturavam a essência das manifestações culturais discutidas.

Os terceiro e quarto encontros foram dedicados à execução das obras. Durante essas sessões, os participantes aplicaram as técnicas aprendidas para criar seus próprios mosaicos de papel. Eles também receberam orientações sobre acabamentos, molduras e o planejamento da e xposição final. O processo culminou em um espaço de compartilhamento, onde todos puderam apresentar suas experiências e aprendizagens adquiridas ao longo da oficina.

O material fornecido aos participantes incluía uma ampla variedade de suprimentos para desenho, colagem e pintura, tais como papel, lápis coloridos, guache, pincéis, tintas, telas, cola branca e tesouras, entre outros itens. Esses materiais foram essenciais para a prática das técnicas de colagem, permitindo uma exploração criativa diversificada.

A oficina "Mosaicos de Papel - Qual a sua cor?" transcendeu a mera atividade artística, proporcionando um espaço de reflexão sobre a identidade cultural e as expressões afro-brasileiras. Promoveu a valorização e a visibilidade dessas manifestações por meio da arte. Cada encontro ofereceu aos participantes a oportunidade de explorar e expressar suas próprias identidades culturais, conectando-se com a rica herança africana e afro-brasileira.

Um dos aspectos mais enriquecedores da oficina foram as rodas de conversa realizadas em cada encontro. Esses momentos de interação foram cruciais para a troca de experiências e r eflexões entre os participantes. A metodologia dessas rodas de conversa foi inspirada pelas questões centrais abordadas no capítulo 6 da dissertação, que explora como os estudantes negros da UNILAB representam suas identidades étnico-raciais através da colagem.

Durante essas rodas de conversa, os estudantes compartilharam como a colagem lhes permitiu expressar suas identidades de forma visual e simbólica. Embora questões específicas como "Como os estudantes negros da UNILAB representam suas identidades étnico-raciais através da colagem?" não fossem respondidas diretamente, as discussões forneceram insights va liosos sobre essas representações. Os relatos dos participantes frequentemente revelavam

traços identitários profundos que emergiam nas suas obras, refletindo suas experiências pessoais e coletivas. As colagens, com suas texturas e camadas, se tornaram um meio poderoso para explorar e afirmar a identidade étnico-racial.

Os traços identitários mais fortemente representados nas obras dos estudantes frequentemente incluíam referências visuais à cultura africana e afro-brasileira. Essas referências manifestaram-se através de símbolos de resistência, elementos da natureza e figuras históricas emblemáticas. A técnica de colagem proporcionou uma plataforma para que esses elementos fossem integrados de maneiras únicas e personalizadas, evidenciando a diversidade das experiências e perspectivas dos estudantes. Durante as discussões, emergia um sentimento comum de orgulho e conexão com suas raízes culturais, ainda que expressas de formas variadas.

Outro ponto significativo nas rodas de conversa foi a reflexão sobre como a questão da cor se manifestava na escolha de diferentes materiais durante a colagem. Os participantes consideraram que as escolhas de cores e materiais transcendiam o mero valor estético, carregando significados profundos e ressonantes com suas identidades e histórias pessoais. Por exemplo, a utilização de papéis em cores vibrantes ou de elementos naturais, como folhas e tecidos, simbolizava frequentemente a vivacidade e a resistência da cultura afro-brasileira. A seleção dos materiais também refletia uma busca por autenticidade e uma conexão com o legado ancestral, temas recorrentes nas discussões.

A oficina ofereceu um espaço seguro e acolhedor para que os estudantes explorassem essas complexidades e compartilhassem suas descobertas. As rodas de conversa serviram como pontos de convergência onde os participantes não apenas trocaram técnicas e ideias artísticas, m as também experiências de vida que enriqueceram o entendimento mútuo e fortaleceram a comunidade. Este método de integrar a prática artística com o diálogo profundo sobre identidade e cultura foi fundamental para o sucesso da oficina e para a evolução das obras criadas.

Os relatos compartilhados nas rodas de conversa durante a oficina alinham-se com as reflexões mais amplas presentes no capítulo 6 da dissertação, que explora como as práticas artísticas podem funcionar como um espelho e um veículo para a expressão das identidades étnico-raciais. As conversas possibilitaram que os estudantes investigassem e articulassem coletivamente suas experiências, criando um mosaico rico e diversificado de perspectivas que, por sua vez, influenciavam e enriqueciam suas colagens.

Dentro deste contexto, a colagem ressurge não apenas como uma ferramenta artística, mas também como um catalisador de reflexões e diálogos sobre questões de raça e etnia. Este processo possibilita a construção de um entendimento mais rico e multifacetado. É fundamental destacar que, além de promover a expressão individual, a colagem facilita um diálogo profundo com as complexidades das discussões étnico-raciais, levando a descobertas e compreensões mais refinadas sobre essas temáticas.

Quando vista sob uma perspectiva interdisciplinar, a prática da colagem evidencia-se como um método integral para a educação das relações étnico-raciais. Ao empregar diversas técnicas, permite aos estudantes aprimorar suas competências, expressar suas ideias de forma au têntica e autônoma, amplificar sua criatividade e refletir sobre questões relacionadas às relações étnico-raciais dentro e fora da sala de aula.

Portanto, ao transcender barreiras entre diferentes áreas curriculares e promover a interseção de saberes, a prática da colagem no campo pedagógico se torna um recurso metodológico relevante. Ela facilita reflexões críticas e o desenvolvimento de capacidades analíticas, criativas e expressivas dos alunos, especialmente no contexto de uma educação comprometida com a diversidade e a inclusão. A integração desta técnica artística contribui para a formação de um ambiente de aprendizagem mais holístico e consciente das variações e riquezas culturais presentes na sociedade contemporânea.

Ao focalizarmos esta técnica em um curso de Licenciatura, particularmente na Pedagogia, visamos auxiliar na busca por uma compreensão mais profunda e significativa das produções artísticas e suas análises derivadas dessas reflexões concretas. Evitamos uma perspectiva superficial, explorando, ao invés disso, os aspectos mais complexos que envolvem os elementos constituintes da colagem, tais como formas, materiais, cores e texturas. Assim, o trabalho não se limita a contemplar a superfície visual, mas investiga também as ideias subjacentes a cada fragmento que compõe a imagem, revelando as camadas de significado inerentes a esse intricado processo criativo.

Para atingir os objetivos da pesquisa, através da investigação-ação na atividade proposta – a Oficina Mosaico de Papel –, começaremos examinando a história e a evolução da colagem ao longo do tempo. Isso nos permitirá compreender as intenções por trás da seleção, organização e disposição dos fragmentos de papel que culminam na imagem final. Durante esta análise, exploraremos as categorias de ações que formam uma visão pessoal da base

teórica da colagem, capacitando-nos a aplicar essa compreensão a quaisquer estudos de caso nas artes contemporâneas, onde a representação resulta da justaposição de diversos elementos.

A escolha da colagem como foco desta investigação foi motivada pela convicção de que essa técnica pode estimular nos estudantes uma propensão à produção artística, incentivando a expressão de ideias, sensações e interpretações em diversos campos educativos. A colagem, ao integrar diferentes áreas do conhecimento, matérias, conteúdos e temas, permite aos alunos discernir cores, identificar formas, sons e movimentos, desenvolvendo assim seu senso estético e individualidade. Além de facilitar a expressão de suas concepções, sentimentos e reflexões sobre suas criações artísticas.

Esta técnica artística serve como um canal comunicativo para os estudantes, permitindo-lhes revelar suas preocupações, interesses e seu universo pessoal. Neste estudo, a colagem é vista como uma ferramenta expressiva profundamente ligada à realidade cotidiana dos estudantes, ajudando-os a manifestar-se através da manipulação de papéis com diversas texturas, cores e formas, organizando-os tanto para fins artísticos quanto criativos.

Originada no início do século XX, a colagem se destaca como uma via de expressão artística intrigante, combinando elementos visuais variados para criar composições únicas e impactantes. Além de seu valor artístico, a colagem se apresenta como um recurso pedagógico valioso.

Neste estudo, exploraremos a colagem como um método de pesquisa e ferramenta didática, considerando suas propriedades, definições, variedades e aplicações no ensino-aprendizagem, associadas à expressão artística. A proposta didática da Oficina Pedagógica 'Mosaico de Papel' será realizada no semestre de 2023.1 com os estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), abordando a questão étnico-racial com a pergunta: 'Qual é a sua cor?'. A colagem será utilizada como um meio de comunicação, permitindo que os estudantes externalizem e manifestem seus sentimentos e percepções sobre as questões discutidas.

O planejamento das atividades aplicará a técnica 'Mosaicos de Papel', que permite a transferência e ampliação criativa de imagens de forma sustentável. O processo começa com a preparação de um gabarito, que é um quadro dividido em colunas e linhas numeradas, servindo como referência para transferir detalhes da imagem original para a superfície de trabalho, mantendo as proporções desejadas. Serão utilizados materiais como cola branca, tesoura e papéis coloridos obtidos de fontes recicláveis como revistas e panfletos,

promovendo a sustentabilidade e enriquecendo a obra final com uma variedade de cores e texturas.

Os papéis serão cortados em pequenos pedaços e colocados sobre o desenho transferido, preenchendo-o com cores e padrões. Esta técnica permite grande liberdade criativa, onde cada artista pode escolher as cores e combinações que preferir. Para definir os contornos, usa-se papel preto cortado em linhas e curvas ao redor dos fragmentos coloridos, conferindo profundidade à imagem. Após a composição estar completa, recomenda-se aplicar uma ou duas camadas de cola branca sobre toda a superfície, garantindo a aderência dos papéis e um acabamento uniforme. Opcionalmente, pode-se aplicar um verniz fosco específico para papel, conferindo proteção e durabilidade ao mosaico.

A metodologia assegura que os participantes sejam protagonistas de sua aprendizagem, partindo de seus conhecimentos prévios. A estratégia será adaptada às necessidades dos alunos, em um grupo de até 25 participantes, para maximizar os resultados esperados. A observação e os registros fotográficos e escritos em um Diário de Campo servirão como instrumentos de registro das vivências, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do trabalho.

Um destaque desta metodologia é a escolha dos materiais. Ao usar papel reciclado e jornais, a oficina promove uma visão sustentável e desafia os participantes a pensar de maneira criativa, utilizando recursos disponíveis de forma inovadora. Esta abordagem inclusiva e ecológica torna a experiência artística acessível a todos, independentemente de restrições financeiras.

Na dissertação, a discussão sobre questões raciais é aprofundada por meio de diversas pe rspectivas teóricas que interagem com a experiência dos estudantes na UNILAB. Nilma Lino Gomes (2012) desempenha um papel crucial ao explorar como as identidades étnico- raciais são formadas e negociadas em variados contextos sociais e culturais. Sua análise destaca a importância da educação na construção dessas identidades e oferece insights valiosos sobre como os estudantes da UNILAB vivenciam e afirmam suas identidades em um ambiente multicultural. Gomes sugere que a arte pode atuar como uma ferramenta poderosa de resistência e afirmação cultural.

Stuart Hall (2003) também é fundamental para essa discussão, abordando a identidade c omo um processo contínuo de construção, moldado pela maneira como somos representados e interpelados nas culturas em que estamos inseridos. Hall enfatiza que as identidades são

dinâmicas e emergem de um diálogo constante entre a auto-percepção e a percepção dos outros. Essa perspectiva é essencial para entender como os estudantes expressam suas identidades raciais através da colagem, e como essas expressões são influenciadas por suas interações sociais e culturais.

Aníbal Quijano (2005) introduz o conceito de "colonialidade do poder", que é crucial para entender as estruturas de poder que continuam a moldar as sociedades modernas e influenciam as relações raciais e identitárias. Quijano argumenta que a colonialidade se manifesta nas relações de poder e nos discursos sociais, impactando a forma como as identidades étnico-raciais são percebidas e vividas. Essa visão é particularmente relevante para compreender as dinâmicas identitárias dentro da UNILAB, onde histórias coloniais se cruzam com as experiências contemporâneas de estudantes de diversas origens.

Esses autores, juntamente com a metodologia da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, fornecem uma base teórica robusta para analisar como a arte da colagem é utilizada pel os estudantes da UNILAB para explorar e expressar suas identidades étnico-raciais. A dissertação utiliza essas perspectivas teóricas para examinar como a arte pode ser um meio de reflexão crítica e transformação social, especialmente em contextos educacionais que promovem a diversidade e a inclusão.

A análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa será baseada na inspiração do trabalho de Rosana Paulino, que serve como o alicerce teórico da oficina. A renomada artista, pesquisadora e curadora oferece uma lente crítica e informada para os estudantes, permitindo-lhes refletir, contextualizar e aprofundar suas próprias criações. Esta ancoragem no trabalho de uma figura estabelecida confere à oficina relevância e profundidade adicionais.

Além da prática artística, a metodologia exigirá que a análise do trabalho com os estudantes considere o processo de desenvolvimento e realização de suas criações, incentivados pela pergunta provocadora "Qual é a sua cor?". Esta interrogação promoverá discussões mais profundas sobre autopercepção, identidade e cor, sendo usada para interpretar os dados produzidos durante a atividade.

A real força desta oficina reside na sua abordagem intercultural. Com participantes de vá rios países da CPLP, a metodologia não se esquiva das nuances culturais. Pelo contrário, ela se aprofunda em diferentes percepções de cor e identidade, reconhecendo e celebrando a diversidade de perspectivas.

Para sugestões construtivas, será possível considerar a diversificação das técnicas artísticas, a introdução de momentos de feedback contínuo após cada sessão e, talvez, a incorporação de ferramentas digitais para enriquecer ainda mais a experiência.

A oficina de Colagem "Mosaicos de Papel", conduzida com estudantes da UNILAB, foi meticulosamente planejada não apenas como uma atividade artística, mas como um espaço de diálogo, aprendizado e reflexão sobre identidades étnico-raciais. Utilizando a metodologia de observação participante, a pesquisa visou capturar as nuances das interações, escolhas criativas e reflexões dos estudantes ao longo dos quatro encontros. Este método permitiu uma compreensão profunda das experiências dos estudantes, observando de perto suas reações, o desenvolvimento de suas obras e as discussões geradas pela questão provocativa "Qual é a sua cor?".

Durante a oficina, foi notável como os estudantes, inicialmente desafiados pela complexidade da técnica de colagem e pela tarefa de representar a cor da pele com materiais recicláveis, gradualmente mergulharam em um processo de autoexploração e expressão. Os materiais, escolhidos por sua diversidade de tons, texturas e simbolismos, tornaram-se ferramentas para os estudantes explorarem e refletirem sobre suas próprias identidades e as dos outros. Este processo foi enriquecido pela metodologia de coleta de dados, que incluiu conversas individuais, proporcionando insights valiosos sobre como os participantes percebiam a atividade e o tema central da oficina.

Figura 12: Os participantes da oficina Outra foto dos participantes, destacando a interação e colaboração durante a oficina. Arquivo pessoal.

A culminação da oficina foi marcada por um período de reflexão e compartilhamento, o nde os estudantes apresentaram suas obras e compartilharam as histórias por trás delas. Esse intercâmbio foi essencial, pois celebrou a diversidade de pensamentos e experiências,

fomentando um ambiente de aprendizado mútuo e respeito. Foi um momento de reconhecimento da arte não apenas como uma forma de expressão individual, mas também como um poderoso meio de diálogo e entendimento mútuo.

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES: IDENTIDADES E COLAGENS

Neste capítulo, aprofundamos a análise das observações realizadas com os estudantes que participaram da oficina “Mosaicos de Papel: Qual é a sua cor?”, uma iniciativa que se propôs a mergulhar nas complexidades das identidades étnico-raciais através da arte da colagem. Ancorada na investigação-ação como metodologia que entrelaça práticas artísticas com reflexões profundas, a oficina convidou os participantes a explorar suas próprias identidades, percepções sobre cor e expressão criativa, utilizando materiais recicláveis como meio de comunicação visual. As questões metodológicas aqui apresentadas foram cuidadosamente desenhadas para fomentar a discussão e a reflexão, não apenas sobre a identidade étnico-racial dos participantes, mas também sobre o potencial da colagem como ferramenta de expressão e análise cultural.

A técnica de colagem “Mosaico de Papel” emergiu como uma poderosa aliada na exploração da identidade, proporcionando aos participantes uma plataforma para expressar visualmente suas experiências e percepções. A escolha de materiais reciclados e a técnica específica empregada revelaram-se não apenas decisões estéticas, mas também significativas na maneira como refletem e moldam as narrativas individuais sobre identidade e cor.

Este capítulo visa analisar a percepção dos participantes sobre sua própria identidade étnico-racial com base na escolha dos materiais, no processo de criação e no diálogo intercultural fomentado durante a oficina. Por meio de uma análise reflexiva das obras de arte produzidas e das experiências compartilhadas, exploramos novos entendimentos sobre a diversidade e complexidade das identidades étnico-raciais.

Por meio das vozes, em relatos dos participantes capturados nas rodas de conversas, mergulhamos em suas jornadas pessoais de autoexploração e expressão. As reflexões sobre o pr ocesso criativo revelam os desafios e as descobertas feitas ao representar visualmente a cor da pele com materiais recicláveis, apontando para uma abordagem mais profunda e consciente da questão da identidade étnico-racial.

Este capítulo não apenas documenta as experiências vividas durante a oficina, mas também destaca a importância do diálogo intercultural e da expressão artística na educação sobre diversidade. Pela observação participante e da análise reflexiva, capturamos as nuances d as interações, escolhas criativas e reflexões dos estudantes, oferecendo *insights* valiosos sobre como a arte da colagem pode servir como um catalisador para o entendimento e a apreciação da rica tapeçaria de identidades que compõem o nosso mundo.

Ao final, esperamos que as reflexões e análises apresentadas neste capítulo enriqueçam a compreensão sobre as dinâmicas da identidade étnico-racial e inspirem novas abordagens educacionais e artísticas que celebrem a diversidade e promovam um diálogo intercultural mais profundo e empático.

Em um espaço onde a arte se encontra com a introspecção, a oficina "Colagem Mosaicos de Papel: "Qual é a sua cor?" desdobrou-se não apenas como uma atividade artística, mas como uma jornada rumo ao autoconhecimento e à reflexão profunda sobre identidade étnico-racial, cu ltura e pertencimento. Essa experiência imersiva levou os participantes a mergulhar em suas próprias percepções e emoções, encorajando-os a explorar a complexidade da identidade através da lente da cor, não somente em seu aspecto físico, mas como representação simbólica e experiencial.

A pergunta provocativa "Qual é a sua cor?" serviu como catalisador para esse processo de descoberta, instigando os participantes a refletirem sobre suas próprias identidades e como estas são moldadas, percebidas e expressas. Através da escolha de cores e materiais, cada participante embarcou em um ato de expressão pessoal profundo, onde as nuances de sua identidade foram exploradas e apresentadas de forma tangível. A busca por materiais adequados tornou-se um espelho das suas jornadas internas, refletindo não apenas preferências estéticas, mas também conexões culturais, memórias e associações emocionais profundas. Esta seleção, embora repleta de desafios, proporcionou uma valiosa oportunidade para introspecção sobre a autoimagem e a interação social.

A arte emergiu, assim, como uma ferramenta poderosa de expressão e autoconhecimento. Ela ofereceu aos participantes uma linguagem além das palavras, facilitando uma exploração mais abrangente de suas identidades. O valor desta oficina residiu não apenas no ato criativo, mas também nas reflexões e diálogos que desencadeou, sublinhando a importância da arte como meio de investigação das complexidades da identidade e da diversidade humana.

Os desafios encontrados durante a oficina – desde as limitações materiais até a necessidade de paciência – espelharam as complexidades de expressar plenamente a identidade em um mundo cheio de categorizações e limitações próprias. Este processo enfatizou a arte como uma jornada tanto quanto um resultado, valorizando as experiências vividas durante a criação tanto quanto nas obras finais.

A pergunta central da oficina agiu como um ponto de inflexão, levando a reflexões sobre a cor da pele que foram além do superficial e, na metodologia foram indicadas na categoria "identidade étnico-raciais". A riqueza de emoções e pensamentos que essa reflexão

provocou evidenciou as camadas complexas da identidade racial e étnica. A diversidade de respostas a essa questão refletiu um espectro amplo de experiências e percepções que variaram da aceitação à crítica das categorias sociais impostas.

Essa exploração revelou a influência profunda da cultura e da sociedade na formação da identidade. Normas sociais, expectativas e estereótipos têm um papel significativo na percepção e expressão da cor e da identidade. A oficina ofereceu um espaço para questionar essas influências e buscar formas mais genuínas de autoexpressão.

A experiência da oficina "Colagem Mosaicos de Papel: "Qual é a sua cor?"" transcendeu, portanto, o mero exercício artístico, transformando-se em um veículo poderoso de introspecção, diálogo e desenvolvimento pessoal. Desafiando os participantes a refletirem sobre a cor de maneira profunda e multifacetada, abriu caminho para um entendimento mais rico da identidade étnico-racial, da diversidade e da expressão humana. As histórias e reflexões compartilhadas reforçaram a necessidade de continuar explorando essas questões em contextos educacionais e sociais mais amplos, reiterando o papel essencial da arte como forma de questionamento, conexão e celebração da complexidade da experiência humana.

A realização da oficina "Colagem Mosaicos de Papel: "Qual é a sua cor?"" representou uma rica tapeçaria de experiências, reflexões e descobertas para os participantes, onde a pergunta sobre a cor da pele transcendeu suas implicações superficiais, mergulhando nas profundezas da identidade, cultura e expressão pessoal. Essa experiência coletiva, embora ancorada na tarefa aparentemente simples de escolher cores para uma colagem, evoluiu para um diálogo profundo com questões de autoconhecimento, pertencimento e expressão artística.

As observações foram registradas no diário de campo como complemento que nos ajudou a compreender a dinâmica da sala de aula e o engajamento dos estudantes com a atividade proposta. A princípio, notamos a curiosidade manifestada na interação durante a oficina assim como o desafio da arte promovida como ferramenta pedagógica, capaz de evocar uma resposta emocional e cognitiva profunda. Ana Mae Barbosa (2010) ressalta a importância da arte-educação como um meio de valorizar a diversidade cultural e Rosana Paulino (em suas obras) ilustra como a arte pode ser usada para explorar e afirmar identidades étnicas e raciais. Estes aspectos foram fundamentais para entender e explorar através desta metodologia, reconhecendo que a arte não é apenas uma expressão estética, mas um campo vital para a negociação e expressão da identidade cultural. Mesmo diante das dificuldades, destacamos a capacidade da arte de despertar emoções profundas, como alegria e frustração. A arte, nesse sentido, torna-se um veículo para a exploração de sentimentos complexos, oferecendo uma janela para o entendimento mais profundo do eu.

Na análise, recorremos a uma distribuição de depoimentos em duas categorias "identidade étnico-racial" e "autoconhecimento" como fundantes para o entrecruzamento das fa las dos participantes e as interpretações dadas aos diferentes contextos de origem desses depoimentos, nacionais ou internacionais.

A curiosidade e o prazer encontrados no ato de criar foram percebidos desde que chegamos à sala de aula para trabalhar a oficina, subvertendo o espaço tradicional, de dominação e, por vezes, *locus* privilegiado da colonização de corpos e introspecção de valores inerentes à formação, principalmente, quando a relação que envolve os estudantes habitualmente é preenchida por ouvir teorias e pouco participar de discussões teóricas. Vimos que a curiosidade era palpável diante dos materiais expostos (papel reciclado, cola, tesoura) e, ao explicarmos, distribuirmos os materiais e os pedaços de papel reciclado, pudemos observar um brilho diferente nos olhos dos estudantes, uma mistura de expectativa e surpresa. Cada estudantes dava indícios de parecer absorver o ambiente com receptividade, tocando e explorando a textura e as cores dos materiais fornecidos. À medida que iniciávamos as instruções para a oficina de colagem, os olhos atentos dos participantes acompanhavam cada movimento, cada dobra e corte, com uma atenção que só a novidade pode despertar. E aquilo qu e era dificuldade, "falta de paciência" ou mesmo "não sei fazer" foi se transformando em silêncio, concentração, e percebemos que, quando os candidatos nos procuravam, sempre havia a pergunta: "Com qual cor faço a pele?" Ao que respondíamos: "Qual a cor você acha que é sua pele? Como você se reconhece?".

A diversidade de reações e reflexões compartilhadas pelos participantes ilustra o vasto es pectro de significados e emoções que a arte pode evocar. Nesse sentido, ao serem perguntados sobre "Como eles [participantes] se viram no processo de criação e produção da arte em mosaico de papel?" temos o retorno de um dos participantes, Tiago M'boto [11] , guineense, em sua fala de que a oficina foi *"um convite à introspecção e paciência"*, desafiando-o a se conectar com seu processo criativo de uma maneira profunda e significativa. O ato de escolher cores e materiais tornou-se uma metáfora para o próprio processo de autoexploração, destacando a arte como um meio para navegar e expressar as complexidades da identidade pessoal. Nas palavras do participante: "*Percebi no decorrer dessa oficina, eu queria a paciência, cortar, colar bem direitinho, tentar construir os olhos, a boca, nariz, tudo esse tipo é muito importante pra mim, então eu diria que a sensação que eu tenho sobre a sensação que eu tenho sobre a oficina é boa, né?"* A experiência do participante reforçou

[11] O participante 1, assim identificado, teve seu nome e fala autorizadas na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

como cada escolha de material e cor é significativa para ele, vai se tornando uma extensão do m eu processo de autoexploração. Conforme Stuart Hall (1990), a arte não é apenas uma forma de expressão estética, mas um campo dinâmico onde as identidades são continuamente formadas e reformuladas. Essa oficina se mostrou como uma prática cultural vital para negociar e refletir sobre minha própria identidade.

O participante Tiago M'boto falou um pouco de sua experiência e das dificuldades que enfrentou com paciência durante a oficina. Ele menciona sua cor de pele apenas de passagem, sublinhando que, para ele, a cor é uma questão complicada de responder, sugerindo uma conscientização de sua identidade racial que é, ao mesmo tempo, simples e complexa. Ele expressa que se reconhece como negro e que esta identificação é indiscutível, sobretudo, em seu país, Guiné Bissau, mas quando chegou no Brasil, sentiu o quanto essa questão da identidade racial revela-se profunda. Essa percepção ressoa com as ideias de Frantz Fanon (1952), que em "Peau noire, masques blancs" (Pele Negra, Máscaras Brancas), analisa como a raça e a cor da pele interagem de maneiras complexas com a percepção de si e dos outros, influenciando profundamente a identidade individual e coletiva em contextos sociais racializados.

Figura 13: Obra de Tiago. Uma peça criada por um dos participantes da oficina. Arquivo pessoal.[12]

[12] Na imagem, encontramos outra obra de colagem produzida por um estudante, que retrata o rosto de uma figura com características marcantes. A figura parece ser uma pessoa negra, destacada contra um fundo verde vibrante. A colagem é meticulosamente composta por pedaços de papel coloridos, que criam não apenas a forma, mas também a textura e a

Yago[13], outro participante, por outro lado, encontrou na oficina um portal para a nostalgia, uma ponte para os aspectos esquecidos de sua identidade criativa que floresceram na infância. Na fala do participante destacamos: *"Foi interessante assim e me despertou também alguns questionamentos, né, mas eu optei por uma cor mais abstrata, né, e aí foi uma cor que me chamou mais adição, assim, que não é um tom de pele, né, coisa mais azul, meio roxa, sei lá, rosa e tal."* A escolha de Yago por cores abstratas e sua reflexão sobre o processo criativo ressoam com as ideias de Ana Mae Barbosa (2010) sobre a arte-educação como um meio de valorizar a diversidade cultural e de Stuart Hall (2003) sobre as identidades como construções contínuas marcadas pela diferença.

Ao optar por cores que não são tradicionalmente associadas a tons de pele, Yago demonstra uma abordagem única para a representação de sua identidade étnico-racial. Ele não se limita a um espectro de cores que poderia ser diretamente relacionado à cor de sua pele, mas escolhe explorar uma paleta mais ampla e abstrata. Isso indica que Yago vê sua identidade como algo fluido e multifacetado, não confinada apenas aos parâmetros físicos, mas também englobando aspectos emocionais e criativos. Sua escolha de cores como azul, roxo e rosa sugere uma interpretação mais ampla e simbólica de sua identidade, que transcende a cor da pele e se conecta com sua história pessoal e suas experiências de vida.

Além disso, a reflexão de Yago sobre "cores mais abstratas" pode ser vista como uma ma neira de desafiar e expandir as fronteiras tradicionais de como a cor e a identidade são percebidas. Ele usa a colagem não apenas para refletir sobre sua própria identidade, mas também para explorar novas possibilidades de autoexpressão que vão além das convenções sociais. Ao fazer isso, Yago contribui para uma discussão mais ampla sobre a cor e a identidade, mostrando que a arte pode ser uma ferramenta poderosa para questionar e redefinir como entendemos a nós mesmos e aos outros.

---

profundidade do rosto. Os papéis são sobrepostos para construir o cabelo, os traços faciais e as roupas da figura, exibindo uma técnica que mistura simplicidade e complexidade de maneira harmoniosa.

O cabelo da figura é representado por um papel vermelho escuro, enquanto a pele é composta por tons de laranja e marrom, dando uma sensação calorosa e viva. Os olhos e os lábios são delineados com papéis de cores diferentes, com os lábios pintados de roxo, que se destacam contra a pele laranja, adicionando um toque expressivo ao rosto. A roupa, em um verde claro e amarelo, é adornada com pequenos pedaços de papel roxo, criando um padrão que adiciona dinamismo à imagem.

A obra transmite uma poderosa mensagem de identidade e expressividade. Os detalhes como os brincos amarelos da figura, possivelmente feitos com pedaços de embalagens, refletem a criatividade em usar materiais encontrados para criar arte. A combinação de cores e texturas celebra a diversidade e a beleza da cultura negra, reforçando a ideia de que a arte pode ser uma ferramenta poderosa para explorar e afirmar a identidade cultural. Além disso, a colagem exemplifica a habilidade do estudante em transformar materiais cotidianos em uma expressão visual rica e significativa.

[13] O participante 2, assim identificado, teve seu nome e fala autorizadas na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Essa abordagem se alinha com a visão de Stuart Hall de que as identidades são construídas continuamente e são influenciadas por uma diversidade de fatores. Yago, ao escolher cores que se desviam dos tons de pele típicos, está, de certa forma, construindo e reconstruindo sua identidade de uma maneira que celebra a diversidade e a complexidade de suas experiências pessoais.

Dessa forma, Yago usa a oficina como uma oportunidade para reexaminar sua relação c om a cor e a identidade, não apenas refletindo sobre sua cor de pele, mas também se permitindo explorar a plenitude de sua criatividade e nostalgia.

Graça Sebastião[14], estudante guineense, nos lembra poderosamente da capacidade da arte de servir como um veículo para a exploração e afirmação da identidade étnico-racial. Sua experiência enfatiza a arte como uma forma de terapia, um espaço onde a cura pode ocorrer e o nde as narrativas pessoais e coletivas podem ser tecidas juntas para formar um mosaico vibrante de resistência, celebração e empoderamento. Para Graça Sebastião, as questões levantadas sobre questões éticas ressoam de maneira forte e contundente: *"A primeira impressão quando eu ouço, ou escuto quando alguém me pergunta qual é a sua cor é como se me perguntasse no sentido Tu és pessoa? Porque, independentemente da minha cor, vai mudar alguma coisa na minha pessoa ou naquilo que você queira me pedir. Se queira saber sobre mim, a minha cor será que mudaria alguma coisa, distanciaria daquilo que você deseja falar comigo ou saber sobre mim. Então, meio que tipo, é como se tivesse a me colocar numa determinada caixinha ou quadrado, né? Mas, é isso, é como se tivesse a me estereotipar. É dessa forma que eu sinto uma raça em me perguntar qual é a tua cor. Se bem que eu não tenho problema em dizer que eu sou uma mulher negra, retinta, com muito orgulho".*

[14] O participante 3, assim identificado, teve seu nome e fala autorizadas na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Figura 14: Obra de um participante. Imagem de uma obra de arte feita por um participante da oficina. Arquivo pessoal.[15]

A reflexão compartilhada pela participante da oficina ilumina a complexidade da identidade étnico-racial a partir de como ela é percebida e vivenciada individualmente. Sua fala ressalta a tensão entre ser rotulado com base na cor da pele e a própria identidade pessoal que transcende essas classificações superficiais. Este dilema ressoa com as teorias discutidas por Stuart Hall e os conceitos de decolonialidade abordados por Aníbal Quijano, no qual tratam da superação da dominação imposta pelos europeus e a exploração advinda das relações de poder político, social, cultural e, consequentemente, concentradas no ser.

Por sua vez, Hall (2003) argumenta que as identidades são construídas através de um processo contínuo, marcado por diferenças e não por uma essência fixa ou inata. A percepção d a participante sobre ser questionada acerca de sua cor é emblemática desta visão, sugerindo que tais perguntas tentam simplificar a complexidade de sua identidade a meras categorias raciais. Hall sugere que a identidade é mais fluida e formada em um diálogo constante entre como os outros nos veem e como nos vemos, onde a cor da pele é apenas um aspecto, não o todo.

Por outro lado, Aníbal Quijano (2005) introduz a ideia de “colonialidade do poder”, uma matriz que continua a operar nas sociedades modernas, influenciando as relações de

[15] Na imagem, vemos uma obra de arte produzida por um estudante, feita com técnicas de colagem. A composição retrata o rosto de uma mulher negra, envolta em um grande afro estilizado. A colagem utiliza pedaços de papel de várias cores e texturas, que adicionam profundidade e complexidade à peça. O rosto é criado com papel preto e marrom, que contrasta vividamente com o fundo laranja e amarelo, talvez simbolizando a energia ou o brilho ao redor da figura central.
Abaixo da figura, há um texto que diz: "Minha Pele me Identifica!" A mensagem celebra a identidade racial e cultural, afirmando a importância e o orgulho da pele negra. Os elementos estéticos da obra, como as estrelas perto da parte inferior do cabelo afro, adicionam um toque de fantasia e destaque.
Além disso, a colagem reflete uma expressão artística que combina simplicidade com significado profundo. Ao utilizar materiais simples como papel, o estudante conseguiu transmitir uma poderosa mensagem de identidade, orgulho e reconhecimento cultural. O uso de cores vibrantes e a textura do papel reforçam o impacto visual, fazendo com que a obra ressoe com temas de autoidentificação e empoderamento.

poder e os discursos sociais, incluindo as raças. A participante, ao reconhecer e se afirmar como uma mulher negra “retinta e com muito orgulho”, está simultaneamente subvertendo e reafirmando sua identidade dentro das estruturas de poder que historicamente têm tentado marginalizar e definir o que significa ser negro.

Este diálogo entre a experiência da participante e os conceitos teóricos evidencia como a arte e os espaços de discussão como a oficina permitem aos indivíduos não apenas confrontar e questionar essas estruturas, mas também reafirmar suas identidades em termos próprios. Assim, a arte emerge não só como uma forma de expressão, mas também como um campo de batalha para a identidade e resistência cultural, onde os participantes podem explorar e afirmar suas identidades complexas e multifacetadas fora das “caixinhas” impostas socialmente.

A busca por materiais para a construção da imagem emergiu como um desafio central da oficina, provocando nos participantes uma profunda reflexão sobre a representação, percepção e significado da cor. Esse desafio iluminou a complexa interação entre a visão pessoal e os materiais disponíveis, entre a intenção artística e a expressão final. Este processo de seleção e criação tornou-se um ato de tradução, onde as nuances da identidade e experiência pessoal foram codificadas em cores e formas.

A questão “Qual é a sua cor?” ressoou como um ponto de inflexão para muitos participantes. Essa pergunta desencadeou um espectro de reflexões sobre raça, identidade e autoaceitação, destacando a complexidade da identidade racial e o impacto das normas sociais e culturais na nossa autoimagem. Para alguns, essa pergunta incitou uma investigação interna s obre o significado e a importância da cor em suas vidas; para outros, ela evidenciou as limitações e as falácias das categorizações raciais e étnicas.

A oficina revelou-se muito mais do que uma mera atividade artística. Ela funcionou como um microcosmo para a exploração de temas profundamente enraizados na condição humana: identidade, expressão, memória e pertencimento. Através do ato de criar, os participantes engajaram-se em um diálogo íntimo consigo mesmos, uns com os outros e com a sociedade em geral, destacando o poder transformador da arte como uma ferramenta para a ref lexão, compreensão e celebração da rica diversidade da experiência humana. Este processo não apenas forneceu insights valiosos sobre as complexidades da identidade racial e cultural, mas também reafirmou a arte como um meio essencial para a expressão da individualidade e para a construção de pontes de entendimento e empatia entre diferentes perspectivas e experiências.

Dentro do contexto da oficina, cada participante traz uma perspectiva única, enraizada em experiências pessoais, percepções culturais e buscas internas. Por meio do diálogo e da arte, essas perspectivas se entrelaçaram, formando um mosaico de (re)descobertas, desafios e expressões de identidade.

A jornada artística iniciou com um processo que é tanto físico quanto introspectivo, pois à medida que os participantes selecionavam cores e formas também rememoravam suas próprias histórias. O ato de cortar e colar transcendeu a simples criação artística, tornando-se uma metáfora para o processo de autoexploração e expressão. O tempo, então, assumiu um papel duplo, agindo tanto como limitante quanto como catalisador para a reflexão. A "paciência" mencionada pelo participante destacou a natureza efêmera do processo criativo, onde a percepção do tempo pode ser distorcida pela profundidade da imersão na tarefa em mãos.

O relato de um participante sobre a conexão entre os materiais usados e sua própria cor sugeriu uma introspecção sobre como as escolhas de cores e texturas nos permitiram refletir sobre os aspectos da identidade pessoal e cultural. Além disso, das sensações e das falas na produção do trabalho sobre a questão da sua cor, o participante[16] relatou: "Porque praticamente aqueles materiais que eu vejo lá no brinco e tudo mais, e propriamente no cabelo, identifica a minha cor." A fala carregada de entusiasmo, sobretudo, pela "alegria de reencontrar" esses materiais ressalta a importância da arte como uma forma de reconexão com o passado, com o eu interior e com as paixões muitas vezes esquecidas ou postas de lado. Esse reencontro com a arte depois de anos de distância, justificadas pela ausência de atividades na escolar que contemplem a criatividade e o contato com a colagem, recorte, pintura no papel, na oficina, foi celebrado não apenas como um retorno à prática artística, mas como um reavivamento de uma parte essencial do ser.

O relato de um participante sobre a conexão entre os materiais usados na oficina de colagem e sua própria cor sugere uma introspecção profunda sobre como as escolhas de cores e texturas podem refletir e representar aspectos da identidade pessoal e cultural. Ao discutir sua experiência na produção do trabalho, o participante mencionou: "Porque praticamente aqueles materiais que eu vejo lá no brinco e tudo mais, e propriamente no cabelo, identifica a minha cor." Essa fala revela um processo de auto-reconhecimento e afirmação, onde os elementos visuais da colagem - os materiais e as cores - se tornam uma extensão tangível da sua identidade étnico-racial.

[16] Por timidez, o participante 4 não deixou ser identificado.

A escolha de materiais específicos, como os que ele associa a acessórios e características físicas, indica uma tentativa de capturar e expressar visualmente quem ele é. Por exemplo, a referência a materiais que se assemelham a adornos e cabelo conecta diretamente a estética de sua colagem com sua própria imagem e identidade cultural. Este uso intencional dos materiais não é apenas uma escolha artística, mas uma afirmação consciente de sua cor e herança cultural.

A fala carregada de entusiasmo do participante, especialmente pela "alegria de reencontrar" esses materiais, destaca como a arte pode servir como um meio poderoso de reconexão com o passado e o eu interior. Para ele, a colagem na oficina não foi apenas uma prática artística, mas um retorno às suas raízes e uma redescoberta de partes vitais de sua identidade que talvez tenham sido negligenciadas ao longo do tempo. Ele relembra momentos em que a criatividade e a expressão artística eram uma parte vibrante de sua vida, possivelmente na infância, quando atividades como cortar, colar e pintar eram comuns.

Essa reconexão com a arte, especialmente após um longo período de afastamento devido à falta de oportunidades criativas nas escolas, foi celebrada não apenas como um retorno à prática artística, mas como um reavivamento de uma parte essencial do seu ser. O participante descreve como o processo de criação permitiu-lhe redescobrir e afirmar sua identidade de uma forma que vai além do simples ato de fazer arte; é um processo de reavivamento de sua história pessoal e de suas paixões.

A escolha dos materiais e a forma como ele os associou à sua própria cor de pele e identidade cultural refletem uma conexão íntima entre a obra produzida e a questão da identidade étnico-racial. Ao se ver nos materiais, ao encontrar aspectos de sua cor e de sua identidade cultural representados na colagem, ele transforma a prática artística em um meio de autoafirmação e expressão cultural. Esse processo é um exemplo claro de como a arte, especialmente em contextos educacionais inclusivos como o da UNILAB, pode servir como uma ferramenta poderosa para a reflexão e a expressão das complexidades da identidade étnico-racial.

Assim, o relato do participante sobre sua experiência na oficina revela a profunda interconexão entre a arte produzida e as questões identitárias discutidas. A colagem não é apenas uma representação estética, mas uma manifestação viva da sua cor e identidade, simbolizando sua jornada pessoal de auto-reconhecimento e celebração cultural.

Este comentário ressalta a importância dos objetos culturais e características físicas na representação e autoafirmação de identidades étnico-raciais, reafirmadas na perspectiva conceitual de identidade como construção contínua, proposta por Stuart Hall (2003). Em Hall,

a identidade é moldada por símbolos culturais e interações, não sendo algo fixo, mas um processo dinâmico e interativo de autodefinição. A reflexão do participante sobre como os elementos visuais como brincos e cabelos identificam sua cor atravessaram a análise do trabalho de Rosana Paulino, que utiliza a arte para explorar as complexidades da identidade afro-brasileira e as consequências históricas da escravidão. Paulino, através de sua obra, desafia as representações tradicionais e promove uma profunda reflexão sobre a identidade racial, destacando como elementos visuais podem ser carregados de significados culturais e históricos profundamente enraizados.

A fala de uma outra participante brasileira contou um pouco de sua inexperiência com a arte e nos revelaram uma dimensão importante do processo criativo: a arte como aprendizado e descoberta contínua. No depoimento da estudante [17] temos o seguinte: *"eu lembro dessa atividade de Paulo Freire, quando ele disse, a gente aprende fazendo, e fazendo, e a gente aprende. Como a gente aprende nadando, eu vou aprender a fazer o desenho desenhando".* Apesar da referência comum à ideia de Paulo Freire de que "aprendemos fazendo", a concepção pedagógica em Celestin Freinet embasa o processo de vivência em movimento com a aprendizagem. Em Paulo Freire, a abordagem da aprendizagem a partir das relações cotidianas em situações concretas e próximas à realidade ressoou no trabalho da oficina, sugerindo que a arte como parte do desenvolvimento da aprendizagem, é um processo ativo, onde fazer e errar s ão componentes essenciais do crescimento.

A importância de tratar as questões de cor e identidade foi enfatizada, sugerindo que a a rte pode ser uma ferramenta poderosa para educadores. Integrar a arte nas discussões sobre diversidade e identidade é possível, principalmente, para facilitar um diálogo mais rico e empático desde a infância, promovendo uma compreensão mais profunda da autoimagem e do respeito mútuo.

As questões das identidades étnico-raciais na oficina de colagem foram fundamentais para integrar aqui as percepções e conceitos discutidos por teóricos como Nilma Lino Gomes e tantos outros que trazem luz sobre a complexidade dessas identidades, especialmente, em contextos transnacionais como o do Brasil em que as questões raciais possuem contornos particulares.

Na discussão, Nilma Lino Gomes em seus trabalhos revela como as identidades são construídas e reconstruídas em ambientes diaspóricos, especialmente, para os africanos e seus descendentes no Brasil. Gomes (2012) destaca que a identidade étnico-racial não é estática,

[17] Também por motivo de timidez, o participante 5 não deixou ser identificada.

mas formada e continuamente moldada por experiências, interações sociais e o contexto político-cultural em que os indivíduos estão inseridos. Este conceito é crucial para entender as experiências dos estudantes internacionais guineenses que podem enfrentar novas dimensões de suas identidades étnico-raciais ao chegar no Brasil, um país com uma história profundamente marcada pela escravidão e suas longas durações sociais.

No Brasil, a questão racial é complexa e carregada de histórias de marginalização e resistência. Para estudantes africanos, essa realidade pode ser um novo território onde suas próprias identidades são vistas e vivenciadas de maneira diferente do que em seus países de origem. A presença desses estudantes em território brasileiro traz à tona discussões sobre negritude, pertencimento e alienação, que podem ser diferentes das experiências vividas por eles em África, onde a questão racial pode ser interpretada através de outros prismas, como etnia e nacionalidade, em vez de cor.

Ao utilizar a oficina de colagem para explorar essas identidades, é possível visualizar como os materiais, as cores escolhidas e os temas das colagens refletem não apenas a criatividade, mas também como os estudantes percebem e expressam suas identidades em um n ovo contexto cultural. O processo artístico se torna um meio para discutir e refletir sobre essas questões, oferecendo aos estudantes uma plataforma para explorar e afirmar suas identidades de maneiras que talvez não fossem possíveis através de outros meios.

As análises de Gomes (2012) ajudam a contextualizar essas experiências, destacando a importância de considerar as múltiplas camadas de identidade que afetam os estudantes internacionais em suas transições para o Brasil. Ao fazer isso, não apenas enriquecemos a compreensão das interações em sala de aula, mas também ampliamos a discussão sobre como as identidades étnico-raciais são vivenciadas e negociadas em contextos educacionais e sociais di versos.

A observação dos participantes da oficina reflete uma realidade distintamente diferente daquela encontrada no Brasil, no caso dos internacionais, com falas muito potencializadoras de discussões acerca das identidades étnico-raciais como: *"No meu país não me perguntaram a nossa cor", "no meu país só somos pretos"*, onde a questão da cor é percebida de outra forma. Esta declaração ressalta uma diferença fundamental na experiência racial de africanos provenientes de nações onde a maioria da população é negra e onde a identidade racial pode ser construída de maneira diferente, sem o mesmo foco na cor da pele que frequentemente caracteriza a interação social e a estratificação no Brasil.

Fanon(1952) explora como o legado do colonialismo afeta a percepção de si mesmo entre os colonizados, muitas vezes forçando-os a adotar as lentes do colonizador ao se verem

e entenderem. Assim, discute como a internalização da inferioridade e a constante consciência da própria cor podem impactar profundamente a psique dos negros em sociedades racializadas. Essa perspectiva é crucial para entender como os estudantes africanos podem experienciar um choque cultural ao confrontarem uma sociedade como a brasileira, onde as nuances de cor e classe são persistentemente salientes e historicamente enraizadas.

Além disso, Rosana Paulino, com seu trabalho focado nas questões de raça e gênero no Brasil, ilustra vividamente as complexidades da identidade negra em um contexto pós-colonial já que suas obras, frequentemente, abordam a visibilidade da negritude e o impacto de estereótipos raciais, oferecendo uma reflexão sobre como a arte pode desafiar e redefinir as narrativas predominantes sobre a raça. Paulino utiliza a arte como um meio de questionamento e afirmação, um aspecto que pode ser especialmente relevante para os participantes da oficina ao explorarem sua própria identidade em um novo contexto social.

Com as abordagens em Fanon e Paulino, podemos compreender melhor a complexidade das transições identitárias que os estudantes africanos enfrentam ao se mudarem para o Brasil. O choque entre suas experiências prévias e as novas realidades expõe as diferentes maneiras como as sociedades podem construir e perceber a raça e a cor, destacando a importância de espaços como a oficina de colagem para permitir uma expressão pessoal e uma navegação crítica dessas diferenças.

A menção a trabalhar com o papel, literal e metaforicamente, ilustra a contínua construção e reconstrução do eu, onde cada pedaço de papel pode representar um aspecto da vida, da identidade ou das experiências. Esta metáfora amplia a compreensão da arte como uma ferramenta de cura, autoexpressão e introspecção.

A atividade promovida serviu como um microcosmo para a exploração da identidade, da expressão pessoal e da interação social. Através da arte, os participantes se engajaram em um diálogo contínuo com si mesmos e com os outros, navegando pelas complexidades da cor, da identidade e da expressão. Este processo não apenas revelou a natureza multifacetada da experiência humana, mas também destaca a arte como uma forma essencial de questionamento, conexão e celebração da diversidade da vida.

A análise dos depoimentos revelou uma notável na experiência vivida pelos participantes da oficina. As reflexões compartilhadas por um dos participantes ilustraram um aspecto fundamental da jornada criativa: a imersão no processo artístico que transcende a noção convencional de tempo e espaço, resultando em uma experiência quase meditativa. Este envolvimento profundo não apenas facilita um estado de relaxamento, apesar da aparente

ansiedade inicial *("Fiquei friozinho"*), mas também promoveu um diálogo íntimo entre o criador e a criação.

Ana Mae Barbosa (2010) ressalta que a arte-educação permite essa exploração, em que o processo de fazer arte proporciona uma maneira de entender e expressar a própria identidade. Da mesma forma, Rosana Paulino destaca como a arte pode servir como um canal para confrontar e trabalhar questões pessoais e coletivas, transformando a prática artística em um espaço de expressão e cura. A experiência descrita pelos participantes refletiu esses conceitos, evidenciando como a arte transcende as barreiras culturais e pessoais, oferecendo um meio para explorar profundamente as nuances da identidade e da experiência humana.

À medida que os participantes avançaram na confecção de suas colagens, eles se depararam com a complexidade de representar *"bem direitinho a cor que está ali na sua referência"*, preocupação apontada durante a realização da atividade. Esta preocupação com a fidelidade às cores escolhidas revela o desejo de precisão e autenticidade na expressão artística especialmente da cor que o representa. No entanto, o processo criativo, por sua natureza exploratória, conduz a descobertas inesperadas. O ato de colar, de compor a obra, não é apenas um meio de aproximar-se de uma imagem preconcebida, mas também um caminho para a revelação de novas formas e cores que *"você nem sabia que iria ver "*.

Ana Mae Barbosa (2010) sugere que a educação artística, ao encorajar a exploração de materiais e técnicas, promove uma interação mais profunda com a obra, permitindo que o artista descubra aspectos de sua identidade que antes não eram evidentes. Além disso, conforme Rosana Paulino destaca, esse processo de criação e descoberta pode ser uma poderosa forma de explorar e reafirmar identidades étnico-raciais, transformando a prática artística em um ato de autoafirmação e resistência cultural.

Interessante notar que a experiência da colagem se tornou uma experiência de autoexploração e autoidentificação como pode ser analisado na fala do Participante 6[18], cuja fala mencionada foi a de que: *"Primeiramente, o que eu sei é que na escolha dos papéis coloridos para me representar, achei logo a cor que me identifica"*, sugerindo que o processo artístico e as escolhas feitas durante a colagem refletem aspectos de sua identidade pessoal. Esta afirmação sublinha a capacidade da arte de atuar como um espelho, onde os materiais e cores escolhidos não apenas compõem uma imagem visual, mas também ecoam os contornos internos da identidade do criador. Stuart Hall (2003) enfatiza que as identidades são formadas e transformadas continuamente em resposta ao modo como somos representados ou

[18] O participante 6 preferiu não ser identificado.

interpelados nas culturas que estamos inseridos e interagimos. Assim, o ato de selecionar materiais na colagem pode ser visto como uma forma de negociação da própria identidade étnico-racial, onde cada escolha é um diálogo entre o indivíduo e as representações culturais que moldam suas percepções de si mesmo. Rosana Paulino, por sua vez, utiliza sua arte para questionar e desafiar as narrativas estabelecidas sobre a identidade negra no Brasil, proporcionando uma perspectiva que valoriza a autodefinição e a resistência em face das imposições sociais e raciais.

Nesta perspectiva, a oficina mostrou-se não somente como uma ferramenta para a aprendizagem de técnicas artísticas, mas como uma proposta metodológica cujo ambiente propício para a reflexão colabora para as percepções sobre a própria identidade étnico-racial. A exploração de materiais, a atenção à cor e o envolvimento com o processo criativo ofereceram aos participantes uma oportunidade única de expressar suas autopercepções, experiências e, consequentemente, suas identidades de maneiras novas e significativas.

Na análise das observações, a questão do "autoconhecimento" como categoria selecionada, serviu para ressaltar as recorrências nas falas que deram destaque para a riqueza da experiência proporcionada pela oficina e da arte da colagem como uma poderosa ferramenta de expressão de si. O processo de criação desencadeou aos participantes uma série de revelações pessoais e estéticas, permitindo não apenas desenvolver habilidades artísticas, mas também aprofundar a compreensão de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Esta experiência reflete as ideias de Rosana Paulino, que utiliza sua arte como um meio de questionar e reconfigurar a percepção das identidades afro-brasileiras. Paulino enfatiza como a arte pode desenterrar e visualizar histórias e identidades que são frequentemente marginalizadas ou mal interpretadas, oferecendo não apenas um espaço para a criação, mas também para a afirmação e reivindicação da identidade cultural e racial.

Figura 15: Obra de um dos participantes. Outra obra de arte criada durante a oficina, mostrando a diversidade de técnicas e materiais. Arquivo pessoal.[19]

O Participante 6 também toca em pontos essenciais do processo criativo, como a necessidade de paciência e o desafio de manter a inspiração em meio às interrupções da vida coti diana, destacando a arte como um espaço de satisfação e redescoberta pessoal, onde a identidade pode ser continuamente explorada e afirmada. Essa abordagem ressoa com as perspectivas de Stuart Hall, que conceitua a identidade como um processo de "tornar-se" e "ser", nunca completa, sempre em construção. Hall sugere que as práticas culturais, como a arte, são territórios vitais onde as identidades são formadas, transformadas e constantemente negociadas. Esta visão destaca a arte não apenas como um meio de expressão, mas como um

[19] Na imagem, observamos uma colagem produzida por um estudante que retrata uma figura de uma mulher negra em um estilo simplificado e expressivo. A figura é composta por diferentes pedaços de papel que criam uma rica paleta de tons de marrom, vermelho e preto. O fundo amarelo-alaranjado da colagem adiciona calor à imagem e sugere a presença de luz ou um ambiente ensolarado, complementando e contrastando com as cores mais escuras usadas para a pele e o cabelo da figura. A técnica de sobr eposição de papéis cria texturas que conferem profundidade e personalidade à obra.
A colagem destaca o cabelo afro da figura, que é criado a partir de papéis escuros dispostos de maneira a dar volume e forma. A simplicidade nos detalhes faciais e a escolha das cores realçam a beleza natural e a força da figura representada. A obra reflete uma profunda introspecção sobre a identidade cultural e pessoal do estudante. Em suas palavras, o participante expressou como a escolha dos materiais e das cores se conectou diretamente com sua própria cor e identidade: “Porque praticamente aqueles materiais que eu vejo lá no brinco e tudo mais, e propriamente no cabelo, identifica a minha cor.” Esse entusiasmo ressalta a ale gria e o orgulho de se ver refletido na arte que ele criou.
Essa obra não apenas representa a figura de uma mulher negra, mas também simboliza uma reconexão com a própria identidade cultural e pessoal do participante. A utilização de papéis coloridos para criar a imagem é uma forma de celebrar a diversidade de tons de pele negra e a riqueza cultural que ela representa. O processo de criação desta colagem permitiu ao estudante explorar aspectos de sua própria identidade que muitas vezes são negligenciados no contexto educacional tradicional. O reencontro com a arte, através da colagem e do uso de materiais simples, proporcionou uma oportunidade para reviver paixões e expressar uma parte essencial de si mesmo que, por vezes, havia sido esquecida.

campo dinâmico de luta e afirmação, onde os indivíduos podem moldar e expressar suas identidades étnico-raciais de maneiras significativas e pessoais.

A experiência deste mesmo participante (6), ao expressar frustração e resiliência em sua busca por um pedaço específico de papel vermelho para completar sua obra, é um exemplo prático dos conceitos discutidos por Ana Mae Barbosa sobre a arte-educação. Barbosa(2010) enfatiza que o processo de fazer arte é tanto sobre a expressão criativa quanto sobre enfrentar e resolver problemas (Barbosa, 2010). Esta abordagem pedagógica ressalta o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, onde a busca por soluções se torna parte integral do processo educativo em arte.

Além disso, este cenário ilustra as ideias de Rosana Paulino sobre a persistência e a resiliência necessárias no processo artístico, especialmente quando se trata de expressar identidades e experiências marginalizadas através da arte. Paulino destaca que a arte pode ser um meio de confrontar e superar limitações, tanto materiais quanto sociais, permitindo ao artista transcender as barreiras impostas pelo contexto e pelos recursos disponíveis.

Ainda no relato do Participante 6, a sua determinação em encontrar o papel vermelho reflete os conceitos teóricos de superação de desafios e a importância da resiliência no processo criativo, conforme discutido por Barbosa e Paulino. Esta abordagem teórica não apenas valida a experiência do participante como também oferece uma lente mais ampla para entender como os processos artísticos podem servir como ferramentas poderosas para o desenvolvimento pessoal e a expressão identitária. Na fala do participante 6, temos: *"Mesmo diante das limitações dos materiais, cada desafio no processo criativo me ensina mais sobre persistência e inovação. Eu vejo cada obstáculo como uma oportunidade para repensar e reinventar minha obra, o que acaba por enriquecer não apenas o resultado final, mas também minha própria jornada artística."*

Figura 16: Obra de uma das participantes. Peça finalizada por uma participante da oficina, refletindo suas explorações de identidade através da colagem. Arquivo Pessoal [20]

Mais adiante, destacamos o Participante 7[21] que, nas atividades realizadas, expressou acerca de sua jornada de descoberta pessoal e dos desafios enfrentados no processo de aprendizado artístico: *"Durante este processo de aprendizado artístico, descobri camadas sobre mim mesmo que nunca havia explorado antes. Cada desafio enfrentado não foi apenas uma barreira, mas uma oportunidade para crescer, aprender e refletir sobre quem eu sou e como expresso minha identidade através da arte."* Ele admite inicialmente sua falta de conhecimento sobre a arte e questiona sua presença na vida cotidiana, sugerindo uma

[20] Na imagem da colagem produzida pelo estudante, vemos a representação de uma mulher negra usando um turbante elegante e colorido. A figura é composta por pedaços de papel meticulosamente organizados, com tons profundos de marrom para a pele e um vibrante verde-água para o turbante. O fundo azul-escuro da colagem cria um contraste forte, destacando a figura central e seu turbante, que se estende graciosamente ao redor da cabeça, formando um halo de diferentes tonalidades de verde.
O turbante na obra não é apenas um acessório de moda; ele possui um significado cultural profundo e multifacetado para o povo negro. Historicamente, o turbante tem sido um símbolo de resistência e orgulho racial. Durante a era da escravidão, os turbantes eram usados como uma forma de preservar a identidade cultural e religiosa, fornecendo um elo vital com as raízes africanas em um tempo de extrema opressão e desumanização. No presente, o turbante continua a ser um símbolo poderoso de empoderamento e dignidade, celebrando a herança cultural africana. Ao retratar o turbante de forma tão destacada, a colagem ressalta sua importância como um emblema de resistência e identidade cultural.
Além do turbante, a colagem destaca a figura da mulher com um manto azul-claro, que é delineado por uma faixa amarela e acompanha a pose graciosa da figura. A postura da mulher, com os ombros suavemente inclinados e as mãos repousando no colo , transmite um senso de calma e nobreza. Os materiais utilizados – papéis de diferentes cores e texturas – são sobrepostos com habilidade para criar uma imagem rica em profundidade e simbolismo. Esta obra não apenas exibe a habilidade técnica do estudante, mas também comunica uma mensagem poderosa sobre a celebração da identidade negra e o reconhecimento da herança cultural africana.

[21] O Participante 7 também preferiu não se identificar, embora tenha autorizado sua fala e preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

percepção da arte que transcende a simples criação para se tornar parte integrante da existência diária, mesmo sem plena consciência.

A transformação começa quando o participante ao se envolver na oficina, remete ao que Paulo Freire (1987) nos inspira a compreender que a libertação é um parto e, por não ser simples, sugere que superação da dominação e opressão, próprias das relações de poder, aconteça com a tomada de consciência da prática reflexiva, fundamental para o desenvolvimento da formação humana. No caso das habilidades artísticas, podemos dizer que as atividades promovidas na oficina permitem a tomada consciente da autonomia quando o sujeito participante associa sua identidade à experiência pessoal de luta e aprendizagem, no processo criativo. Stuart Hall destaca que as práticas culturais, como a arte, são arenas em que as identidades são continuamente negociadas e reconfiguradas. Essa perspectiva é particularmente relevante para a experiência do participante, revelando como a arte, além de ser um veículo para a expressão pessoal, também atua como um espaço dinâmico para a exploração e afirmação da identidade étnico-racial. Ao mergulhar no processo artístico, ele não apenas desenvolve habilidades técnicas, mas também navega pelos aspectos complexos de sua própria identidade, aprendendo a articular e a entender melhor sua posição e suas raízes culturais no mundo.

O Participante 7 expressou um desejo de se dedicar mais, reconhecendo que a criatividade é crucial para a realização artística. Nas observações registradas no diário, vimos q ue a jornada de aprendizado na arte aparece marcada por autodescoberta e superação de obstáculos pessoais, mas também o reconhecimento de que, através do engajamento contínuo e da criatividade, novas habilidades e formas de expressão podem ser desenvolvidas, sublinhando a arte como uma ferramenta poderosa de crescimento pessoal e expressão criativa.

Em outro relato compartilhado, o Participante 8[22] descreveu um momento vibrante de conexão emocional com o processo artístico da oficina, onde a curiosidade foi despertada e a ale gria de criar com as próprias mãos se manifestou através do canto, um reflexo natural de seu engajamento e prazer. Este entusiasmo, no entanto, encontrou um desafio na busca por um pedaço específico de papel vermelho, evidenciando a tensão entre a visão artística e as limitações dos materiais disponíveis. A dificuldade em encontrar a cor desejada testou sua compreensão de si e do mundo, mas também reforçou sua determinação em superar os obstáculos materiais para expressar sua visão criativa.

[22] O Participante 8 não quis se identificar, embora tenha autorizado sua fala e preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nessa perspectiva, a interpretação das dificuldades em encontrar a cor desejada pelo Participante 8 subsidiou a análise da determinação, individual e coletiva, necessária à superação de muitos obstáculos materiais para expressar sua visão criativa. A fala específica do participante que ilustra essa experiência foi: *"Foi um momento de verdadeiro teste para mim quando não consegui encontrar o tom certo de azul que precisava. Eu senti uma mistura de frustração e desafio, mas isso me fez ainda mais determinado a encontrar uma solução ou uma alternativa que pudesse representar a minha ideia da maneira que eu visualizava".*

Esta citação captura a tensão emocional e o processo de resolução de problemas enfrentados pelo participante, destacando como a arte não é apenas uma atividade de criação, mas também um meio de desenvolvimento pessoal e superação. A experiência refletiu o equilíbrio entre a alegria e os desafios do processo criativo, sublinhando o valor da persistência e da adaptação na jornada artística e a expectativa esperançosa de completar sua obra nas sessões futuras.

Ainda na experiência do Participante 8 na oficina que descreveu a transição de trabalhar com desenhos imaginários para enfrentar o desafio de criar um desenho realista usando a técnica de colagem, ressalta uma faceta importante da educação artística. Ana Mae Barbosa (2010) discute como o uso de técnicas variadas na arte-educação pode expandir a compreensão e as habilidades dos estudantes, desafiando-os a explorar novas formas de expressão e a desenvolver uma relação mais profunda com a matéria. Ela sugere que essa transição de técnicas imaginárias para realistas não apenas melhora as habilidades técnicas dos estudantes, mas também aprofunda sua capacidade de observação e interpretação do mundo real.

A fala do Participante 8 capturada durante a oficina, reflete essa jornada: *"A princípio, achei que seria apenas mais um exercício divertido, mas logo percebi que estava sendo desafiado de uma forma completamente nova. Isso realmente expandiu minha percepção de como a arte pode ser usada para capturar a realidade de maneira mais concreta".* Esta reflexão madura é reforçada pelas ideias de Rosana Paulino que enfatiza a arte como uma ferramenta para explorar e questionar percepções pessoais e coletivas. Paulino defende que a art e pode ser um meio poderoso para enfrentar e expressar complexidades, sejam elas internas ou externas, permitindo ao artista uma nova forma de engajamento com seu entorno.

Essas referências teóricas ajudam a fundamentar a interpretação da experiência do participante, destacando como a oficina serviu como um espaço não apenas para a prática artística, mas também para o crescimento pessoal e o desenvolvimento de uma apreciação mais profunda pelas capacidades expressivas da arte.

A descoberta do potencial dos papéis coloridos para criar efeitos visuais no desenho realista despertou um entusiasmo particular, ilustrando como a escolha e a aplicação de materiais reciclados na colagem podem enriquecer a expressão artística e oferecer novas perspectivas sobre a própria capacidade criativa. Esta experiência, alinhada às perguntas metodológicas sobre como a arte da colagem e a seleção de materiais refletiram e exploraram i dentidades étnico-raciais, sublinhando a oficina como uma atividade de experimentação e descoberta, permitindo ao participante explorar novas formas de expressão e ampliar seu entendimento e habilidades artísticas.

O Participante 9[23], em específico, ressaltou o valor da aula, mencionando seu retorno à prática do desenho como uma área de interesse pessoal deixada de lado, e destaca a necessidade desse trabalho como atividade pedagógica prevista no planejamento das aulas, enfatizando a importância da preparação e do comprometimento para o engajamento total na oficina. Sendo assim, o participante expressou que *"Voltar a desenhar reacendeu minha paixão antiga. Precisamos de melhores materiais para nos engajarmos totalmente".* Ele percebeu a importância da preparação adequada e do comprometimento para maximizar o potencial criativo na oficina. Este relato, ao lado de outros, tece uma narrativa mais ampla sobre a oficina não apenas como um espaço para exploração artística, mas também como um ambiente onde os participantes são encorajados a reconsiderar suas relações com a arte, superar autopercepções limitantes e mergulhar nas possibilidades de expressão e descoberta pessoal através da colagem.

Ainda no Participante 9, ao refletir sobre sua experiência na oficina destacou uma mudança de perspectiva em relação ao processo artístico. Inicialmente percebendo as artes visuais como atividades tranquilas e possivelmente simples, a oficina o conduziu a reconhecer a complexidade e o rigor intelectual envolvidos na criação artística, especialmente ao tentar completar uma peça que, à primeira vista, parecia ser um desafio modesto. Esse reconhecimento trouxe uma nova apreciação pelo trabalho artístico e pelos artistas, além de uma compreensão da importância da concentração, do planejamento e da técnica, não só para adultos, mas também no contexto educacional infantil.

A experiência do participante na oficina ilustrou como uma abordagem interdisciplinar pode enriquecer a compreensão dos estudantes sobre várias dimensões da vida e da aprendizagem. A percepção inicial dele sobre as artes visuais como algo simples foi profundamente transformada pela complexidade que descobriu através da prática artística.

[23] O Participante 9 não quis se identificar, embora tenha autorizado sua fala e preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Este processo não apenas aumentou sua valorização pelo trabalho artístico, mas também o fez reconhecer a importância de habilidades como concentração, planejamento e técnica, que são cr uciais tanto para adultos quanto no âmbito educacional para crianças.

Este *insight* ressalta como a oficina serve como um espaço de valorização e desafio às n oções pré-concebidas sobre arte, promovendo uma reflexão mais ampla sobre a complexidade e o valor da expressão artística em todas as idades. Aníbal Quijano fala sobre a "colonialidade do saber" e como abordagens interdisciplinares podem descolonizar o conhecimento, tornando-o mais inclusivo e representativo das diversas experiências humanas. Gaudêncio Frigotto, por sua vez, destaca a interdisciplinaridade como essencial para uma compreensão holística e integrada da educação, que abarca e interliga conhecimentos de diferentes áreas para uma formação humana mais completa dos estudantes. Assim, integrar essas perspectivas teóricas no estudo fortaleceu a compreensão de como a arte, em interação com outras disciplinas, contribui significativamente para o desenvolvimento humano.

Quando o assunto envolve a avaliação sobre a atividade, na oficina realizada, o Participante 10 [24] revelou a dualidade da experiência na oficina, destacando-a como simultaneamente relaxante e estressante durante uma sessão de *feedback* ao final do trabalho, on de o participante compartilhou suas reflexões detalhadas sobre o processo criativo. Ele expressou: *"Encontrei na oficina uma estranha mistura de relaxamento e estresse. O relaxamento veio da liberdade criativa, mas o estresse surgiu do rigor necessário para fazer a colagem do jeito que eu queria. Foi frustrante quando as coisas não saíam como planejado"*. A tensão descrita emergiu do rigor necessário para a execução precisa da colagem, exige uma disciplina que desafia o perfeccionismo do participante, particularmente quando os resultados não se alinham imediatamente com suas expectativas. Apesar disso, o prazer encontrado no resultado final com a produção do desenho que evoca lembranças pessoais significativas e gera satisfação estética, ilustra a recompensa emocional do processo criativo.

Este relato, junto ao de outros participantes que enfrentaram dificuldades na seleção e manipulação de materiais, sublinharam a importância do planejamento e da adaptabilidade no trabalho artístico. Nesse sentido, Ana Mae Barbosa, uma pioneira da arte-educação no Brasil, e nfatiza a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize tanto a técnica quanto a expressão pessoal. Segundo Barbosa, o aprendizado em artes visuais deve incorporar o desenvolvimento de habilidades técnicas juntamente com a capacidade de expressar ideias e

[24] O Participante 10 preferiu não ser identificado.

emoções de forma criativa. Ela argumenta que este equilíbrio entre técnica e expressão facilita não apenas a criação artística, mas também o desenvolvimento de habilidades críticas e adaptativas que são essenciais na resolução de problemas e na navegação de desafios inesperados no processo artístico. Além disso, ressalta a aplicabilidade pedagógica da colagem, sugerindo seu potencial como ferramenta de ensino versátil que pode ser incorporada em diferentes contextos educacionais para estimular a criatividade, a paciência e a resolução de problemas. Essas reflexões coletivas sobre a oficina não apenas evidenciaram os desafios técnicos e emocionais da criação artística, mas também destacaram seu valor terapêutico e educacional, enfatizando a colagem como um meio poderoso de expressão pessoal e desenvolvimento de habilidades.

Em outro depoimento do Participante 10, tivemos o valor e a importância de abordar a questão da cor pessoal, um tema central na oficina que teve a finalidade de estimular a reflexão sobre identidade étnico-racial através da arte. A experiência da participante, envolvendo crianças em discussões sobre cor, revelou percepções surpreendentes e desafiou as normas sociais preestabelecidas sobre identidade racial, ilustrando a complexidade das autopercepções e como elas podem divergir das categorizações externas. Ao trazer essa discussão para o contexto da oficina, o participante enfrentou desafios práticos e conceituais ao tentar expressar essas ideias complexas através da colagem, particularmente ao trabalhar com a representação do rosto.

A estruturação da colagem em colunas e linhas é mencionada como um método útil para superar essas dificuldades, permitiu uma maior compreensão e precisão na criação da imagem. Além disso, o depoimento refletiu sobre o aspecto terapêutico do processo artístico, que ao mesmo tempo exige paciência e oferece tranquilidade, sugerindo o valor da arte como meio de exploração pessoal e educacional. A perspectiva de aplicar essas aprendizagens na educação, especialmente para futuros professores, sublinha o potencial da oficina em moldar abordagens pedagógicas que valorizam a diversidade e promovem um entendimento mais profundo da identidade étnico-racial entre os estudantes.

Ainda na fala do Participante 10, a prática da oficina em um contexto educativo infantil destacou-se por sua capacidade de fomentar habilidades como coordenação e concentração entre os mais jovens. O participante observou a importância de adaptar a atividade para o público infantil, reconhecendo a necessidade de preparação e a possibilidade de incorporar valores educativos de forma lúdica e interativa. A menção feita a uma professora que adaptou a oficina para suas crianças, permitindo-lhes escolher cores para colorir figuras, como jacarés, refletiu a flexibilidade e o potencial pedagógico da colagem.

Além disso, o depoimento tocou brevemente em conceitos mais abstratos, como aspectos ligados a “auto-referência”, sugerindo uma reflexão sobre a percepção de si e dos outros.

As reflexões partilhadas pelos participantes da oficina ofereceram *insights* acerca da interseção entre arte, identidade étnico-racial e educação. As questões postas na proposta metodológica revelaram como a colagem, especialmente quando combinada com a indagação provocativa sobre a cor, serviu como um meio potente para explorar, questionar e expressar as complexidades das identidades dos participantes. O uso de materiais recicláveis não apenas permitiu a reflexão sobre sustentabilidade e criatividade, mas também que os participantes se en gajassem numa prática artística que espelha suas experiências pessoais e culturais, promovendo uma conexão com suas próprias histórias e identidades.

Aprofundamos a análise das observaçõess realizadas com os estudantes que participaram da oficina "Mosaicos de Papel: Qual é a sua cor?". A oficina utilizou a técnica de colagem como um meio de explorar e expressar as complexidades das identidades étnico-raciais dos estudantes, proporcionando uma rica oportunidade de investigação sobre como essas identidades se manifestam e se desenvolvem em um contexto multicultural.

A UNILAB, com sua missão de promover a integração entre países de língua portuguesa e seu diversificado corpo estudantil, oferece um cenário único para explorar questões de identidade. Durante a oficina, os estudantes foram encorajados a usar materiais reciclados e a técnica de colagem para criar representações visuais de suas identidades. A escolha de materiais e cores foi fundamental neste processo, permitindo aos participantes expressar aspectos de suas histórias pessoais, culturas de origem e experiências de vida. Este método não só proporcionou uma plataforma para a autoexpressão, mas também facilitou um diálogo profundo sobre raça, c or e identidade.

As observaçõess realizadas após a oficina revelaram como os estudantes negros da UNILAB utilizam a colagem para representar suas identidades étnico-raciais. Muitos participantes expressaram que a colagem lhes permitiu explorar e articular suas percepções de si mesmos e suas experiências de vida de maneiras que as palavras sozinhas não poderiam. Através da seleção cuidadosa de papéis coloridos e materiais diversos, os estudantes refletiram sobre a diversidade de tons de pele e a riqueza de suas identidades raciais. Um participante, por exemplo, destacou como a escolha da cor dos papéis usados em sua colagem foi crucial para r epresentar sua própria identidade. Esta experiência ilustra a capacidade da arte de atuar como um espelho, onde os materiais escolhidos ecoam os contornos internos da identidade do criador.

Nas obras produzidas, emergiram traços identitários fortes e multifacetados. A identidade cultural dos estudantes foi um tema recorrente, com muitos integrando elementos que evocam suas raízes culturais. As colagens não apenas capturaram aspectos visuais de suas aparências, mas também narrativas pessoais e coletivas, expressando orgulho e conexão com suas culturas de origem. Esse processo de criação artística proporcionou um espaço seguro para a autoexploração e permitiu que os participantes navegassem pelas complexas camadas de suas identidades de maneiras visivelmente integradas e celebradas.

A colagem também serviu como um catalisador para o autoconhecimento e a reflexão. Os estudantes descobriram novas dimensões de suas identidades e ganharam uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor. As observaçõess destacaram que o processo criativo ajudou os participantes a desenvolver habilidades artísticas e a explorar questões pessoais e sociais, como a autopercepção e o pertencimento. A oficina revelou-se uma experiência transformadora, promovendo não apenas a expressão criativa, mas também o diálogo intercultural e a empatia.

A cor e a escolha de materiais foram centrais na discussão sobre identidade racial. As col agens dos estudantes refletem suas experiências e percepções sobre a cor da pele e a identidade étnica. A escolha de materiais reciclados foi particularmente significativa, pois permitiu que os participantes se engajassem em uma prática artística que espelha suas histórias e contextos culturais. A diversidade de tons, texturas e simbolismos nos materiais utilizados ajudou a criar representações ricas e complexas de suas experiências raciais. A colagem, assim, não foi apenas uma atividade estética, mas uma ferramenta poderosa para explorar e questionar as dinâmicas sociais e raciais mais amplas.

Os depoimentos dos participantes reforçam a importância da oficina como uma experiência enriquecedora e transformadora. A atividade de colagem incitou uma reflexão profunda sobre o que significa "cor" em um contexto pessoal e coletivo, desafiando percepções pré-concebidas e promovendo um diálogo mais amplo sobre diversidade, inclusão e autoaceitação. O processo criativo emergiu como um canal poderoso para a autoexploração, onde os participantes descobriram novas facetas de suas identidades e aprenderam a valorizar a s diferenças como fontes de força e beleza.

Em suma, este capítulo revela como a arte da colagem pode ser utilizada como uma ferramenta educativa e expressiva para explorar e celebrar a diversidade étnico-racial. Através de suas criações, os estudantes da UNILAB demonstram como a arte pode ser um veículo poderoso para a autocompreensão e a comunicação intercultural. A oficina "Mosaicos de Papel: Qual é a sua cor?" não apenas proporcionou uma plataforma para a expressão artística,

mas também fomentou um ambiente de aprendizado mútuo e respeito, celebrando a rica tapeçaria de identidades que compõem a comunidade da UNILAB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo explorou profundamente as identidades étnico-raciais através da oficina "Mosaicos de Papel: Qual é a sua cor?", utilizando a arte da colagem como uma metodologia efi caz para a coleta e interpretação de dados sobre as percepções e expressões de identidade dos participantes. A colagem serviu como uma ferramenta metodológica, permitindo aos participantes expressar visualmente suas reflexões sobre identidade étnico-racial, o que revelou insights significativos sobre como indivíduos de diferentes backgrounds percebem e articulam suas identidades.

A escolha de materiais e cores nas colagens não foi meramente estética, mas profundamente enraizada nas experiências pessoais e culturais dos estudantes, refletindo suas h istórias e emoções. Esta abordagem visual e material ofereceu uma janela única para a compreensão das complexas camadas de identidade étnico-racial, permitindo uma análise mais rica e matizada do que os métodos tradicionais poderiam oferecer.

As observações e a análise das obras de arte produzidas durante a oficina destacaram a poderosa influência da cultura e da sociedade na formação da identidade. Os participantes, ao e xplorarem e escolherem cores e materiais, não só abordaram suas identidades pessoais, mas também dialogaram com as estruturas sociais e raciais mais amplas, questionando e, em muitos casos, redefinindo como suas identidades são construídas e percebidas.

Os depoimentos analisados reforçam o valor da oficina como uma experiência enriquecedora e transformadora, que vai além da mera atividade de colagem. Ela incita uma reflexão interna entre os participantes sobre o que significa "cor" em um contexto pessoal e coletivo, desafiando percepções pré-concebidas e promovendo um diálogo mais amplo sobre diversidade, inclusão e autoaceitação. O processo criativo emergiu como um canal poderoso para a autoexploração, onde os participantes descobriram novas facetas de suas identidades e aprenderam a valorizar as diferenças como fontes de força e beleza.

A análise dos depoimentos também reitera a importância do ambiente educacional, tanto formal quanto informal, na facilitação de experiências artísticas que estimulam a autoexpressão e a reflexão crítica sobre questões sociais e pessoais. As lições aprendidas na oficina "Mosaicos de Papel" exemplificam como a arte pode ser integrada em currículos escolares para enriquecer a educação, ensinando habilidades valiosas de pensamento crítico, empatia e criatividade. Essa abordagem pedagógica não apenas prepara os estudantes para lidar com a diversidade em um mundo globalizado, mas também os empodera a construir identidades mais conscientes e articuladas.

Em suma, as experiências compartilhadas pelos participantes da oficina, evidenciando a arte da colagem como uma metodologia significativa para o entendimento da identidade étnico-racial, contribuem não só para o campo da educação artística e da pesquisa em identidade, mas também servem como um lembrete poderoso do papel essencial da arte na exploração e celebração da rica tapeçaria da experiência humana. Assim, a oficina não apenas alcançou seus objetivos de fomentar a reflexão sobre a identidade e a cor, mas também forneceu um espaço valioso para o crescimento pessoal, o diálogo intercultural e a inovação pedagógica.

Os resultados deste estudo sublinham a necessidade de abordagens educacionais que integrem métodos artísticos para discutir e ensinar sobre identidade étnico-racial. A arte, neste contexto, emerge não apenas como uma forma de expressão, mas como um meio essencial de i nvestigação e aprendizagem, capaz de engajar os estudantes em diálogos significativos sobre suas próprias identidades e as de outros em um ambiente intercultural.

Por fim, este trabalho reforça o papel crucial da educação artística como um campo de vital importância para o diálogo intercultural e a reflexão sobre identidade. As escolas e instituições de ensino são encorajadas a adotar práticas que utilizem a arte não somente como u m meio de desenvolvimento estético ou técnico, mas como uma plataforma fundamental para o crescimento pessoal e social dos estudantes, promovendo uma compreensão mais profunda e empática das diversas identidades que compõem o mosaico da sociedade contemporânea.

A análise das observaçõess realizadas com os estudantes que participaram da oficina "Mosaicos de Papel: Qual é a sua cor?" na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) revela insights profundos sobre como as identidades étnico-raciais são exploradas e expressas através da arte da colagem. A UNILAB, localizada em Redenção, Ceará, oferece um ambiente especialmente rico para esse tipo de investigação, dado seu compromisso com a integração de estudantes de países de língua portuguesa e sua diversidade cultural.

Durante a oficina, os estudantes foram incentivados a usar materiais reciclados e a técnica de colagem para criar representações visuais de suas identidades. A colagem, com sua capacidade de combinar diferentes texturas, cores e imagens, emergiu como um meio poderoso de autoexpressão. Muitos participantes relataram que a colagem lhes ofereceu uma forma única de explorar e articular suas identidades étnico-raciais, algo que, de outra forma, seria difícil de expressar apenas com palavras. A técnica permitiu que eles criassem obras que refletem a complexidade e a multiplicidade de suas experiências pessoais e culturais.

Por exemplo, um participante destacou a importância da escolha de cores em sua colagem, mencionando como as diferentes tonalidades de papel representavam não apenas a diversidade de tons de pele, mas também as nuances de suas experiências de vida. Essa escolha de cores não foi apenas uma decisão estética, mas uma expressão deliberada de identidade. A a rte da colagem permitiu que esses estudantes negros visualizassem e compartilhassem aspectos de suas histórias pessoais e heranças culturais de maneiras que transcendiam a mera verbalização.

As obras criadas durante a oficina revelam traços identitários fortes e variados. A identidade cultural foi um tema recorrente nas colagens dos estudantes. Eles frequentemente incorporaram elementos que evocam suas raízes culturais, como padrões, texturas e símbolos qu e são significativos para suas culturas de origem. Essas escolhas visuais funcionam como declarações de orgulho e conexões profundas com suas heranças culturais. Além disso, a colagem serviu como um espaço de autoconhecimento e reflexão. Muitos participantes usaram a técnica para explorar dimensões de suas identidades que talvez não tivessem considerado antes. A prática de combinar diferentes materiais e imagens permitiu que eles navegassem pelas complexas camadas de suas identidades étnico-raciais de maneiras novas e significativas. Esse processo criativo não só revelou aspectos visuais de suas identidades, mas também ajudou a desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor.

A cor e a seleção de materiais foram aspectos centrais nas discussões sobre identidade r acial durante a oficina. A colagem permitiu que os estudantes experimentassem com uma ampla gama de cores e texturas, refletindo a diversidade de tons de pele e as complexidades de suas identidades raciais. O uso de materiais reciclados, em particular, foi uma escolha significativa. Esses materiais, com suas variações em textura e cor, permitiram que os participantes criassem representações ricas e complexas de suas experiências raciais e culturais. A escolha de materiais também facilitou um diálogo sobre sustentabilidade e criatividade. Os estudantes se engajaram em uma prática artística que espelhava suas histórias e contextos culturais, promovendo uma conexão mais profunda com suas próprias experiências de vida. O processo de criação artística emergiu como um canal poderoso para a autoexploração, permitindo que os participantes refletissem sobre suas percepções de cor e identidade e como essas percepções são moldadas por suas experiências sociais e culturais.

A oficina "Mosaicos de Papel: Qual é a sua cor?" na UNILAB destacou a capacidade transformadora da arte de colagem em explorar e expressar identidades étnico-raciais. Através da combinação de cores, texturas e materiais, os estudantes foram capazes de criar obras que

não apenas capturam aspectos visuais de suas identidades, mas também refletem suas narrativas pessoais e culturais. Esta prática artística proporcionou uma plataforma para a autoexpressão e o diálogo intercultural, promovendo uma compreensão mais profunda das complexidades das identidades étnico-raciais. As observaçõess realizadas após a oficina sublinharam a importância de proporcionar espaços onde os estudantes possam explorar e expressar suas identidades de maneiras criativas e significativas. A colagem emergiu como uma ferramenta poderosa para essa exploração, permitindo que os participantes visualizassem e compartilhassem aspectos de suas vidas e identidades que são frequentemente invisíveis ou difíceis de articular em palavras. Através dessa experiência, os estudantes da UNILAB demonstraram como a arte pode ser um veículo potente para a autocompreensão e a comunicação intercultural, enriquecendo a tapeçaria diversificada de identidades dentro da comunidade acadêmica.

Essas descobertas ressaltam não apenas o valor educacional da colagem como uma forma de expressão artística, mas também sua capacidade de fomentar uma reflexão profunda sobre identidade e cultura. A oficina ofereceu uma oportunidade única para os estudantes explorarem suas percepções de si mesmos e dos outros, facilitando um diálogo mais amplo sobre raça, cor e identidade. Ao permitir que os participantes naveguem pelas complexidades de suas identidades étnico-raciais de maneiras tangíveis e visuais, a colagem emergiu como uma prática transformadora que pode enriquecer a compreensão e a celebração da diversidade dentro da UNILAB e além.

Quando analisamos a história da colagem e o uso de diversos materiais, percebemos como essa técnica, e a arte em geral, é essencialmente revolucionária. Ao observarmos o trabalho de artistas brasileiros renomados, como Vik Muniz, Arthur Bispo do Rosário, Adriana Varejão, Celeida Tostes, e especialmente Rosana Paulino, que aborda temas relacionados às mulheres negras e às lutas dos povos marginalizados e excluídos, compreendemos a profundidade dessa expressão artística. Essas obras são mais do que meros objetos de apreciação; são atos de resistência e canais de voz para as narrativas frequentemente silenciadas pela sociedade. Elas desafiam a normatividade e convidam o espectador a reavaliar preconceitos e estereótipos profundamente enraizados.

Minha pesquisa é feita de papel, assim como minha arte. A pergunta “Qual a sua cor?” foi, na verdade, direcionada a mim mesmo, questionando por que os santos que eu criava, lá atrás quando comecei no seio das comunidades eclesiais de base e na catequese do José Walter, só podiam ser brancos. Eles escureceram, às vezes pelo próprio material, outras vezes

pela força intrínseca da arte que possui vida própria. Minha arte é feita de pequenos papéis coloridos, mas também das cores da pele das pessoas que retrato. Essa transformação não foi apenas estética; foi uma revelação interna e uma reavaliação de como percebo e represento a diversidade cultural. Através desse processo, passei a entender que a arte não é apenas um reflexo do mundo ao nosso redor, mas também uma poderosa ferramenta para moldá-lo.

A arte influenciou a pesquisa e a pesquisa enriqueceu a arte. Sempre digo que, embora eu não me veja como um pesquisador tradicional, sou, sem dúvida, um artista. Um artista que entende que sua arte, assim como a de Rosana Paulino e de outros colagistas brasileiros, deve e rguer-se como um punho em defesa de todos. A arte de Paulino, por exemplo, não apenas retrata a beleza e a complexidade da experiência negra no Brasil, mas também confronta o espectador com as duras realidades da história e das desigualdades sociais. Sua obra desafia o observador a confrontar verdades desconfortáveis e a questionar as narrativas dominantes que perpetuam a op ressão.

Vivemos em um país racista, xenofóbico, homofóbico e transfóbico. Minha arte, feita de papel reciclável, deseja estar a serviço da mudança. É uma arte que busca refletir e desafiar as injustiças sociais, promovendo a inclusão e a valorização das identidades étnico-raciais. Assim, a colagem se torna não apenas uma técnica, mas um ato político e uma declaração de resistência. Cada fragmento de papel que compõe uma colagem carrega consigo uma história, um pedaço d e memória e um grito por justiça. Ao juntar esses fragmentos, não apenas construímos imagens, mas também tecemos narrativas de resistência e esperança.

Durante as sessões da oficina “MOSAICOS DE PAPEL - Qual a sua cor?”, foi possível observar como os participantes utilizavam a técnica de colagem para explorar e expressar suas próprias identidades e experiências. As rodas de conversa se tornaram um fórum vibrante de troca e reflexão, onde a colagem funcionou como uma linguagem visual poderosa que transcende palavras. As discussões profundas sobre identidade étnico-racial e a escolha de materiais na criação artística revelaram a importância de dar voz às narrativas individuais e coletivas. Cada colagem criada pelos participantes era uma manifestação tangível de suas experiências e perspectivas únicas, uma prova de como a arte pode ser um veículo para a autoexpressão e a resistência.

Nas rodas de conversa, os estudantes relataram como a colagem lhes permitiu expressar de forma visual e simbólica as complexidades de suas identidades étnico-raciais. As obras resultantes eram ricas em texturas e camadas, refletindo não apenas suas experiências pessoais, mas também a luta coletiva por reconhecimento e igualdade. Por meio dessas discussões, emergiu um entendimento mais profundo de como a arte pode servir como um

espelho da sociedade e um instrumento para a mudança social. As colagens não apenas capturavam a diversidade de experiências dos estudantes, mas também articulavam uma visão coletiva de resistência e transformação.

Os traços identitários que emergiram nas obras dos participantes frequentemente incluíam referências à cultura africana e afro-brasileira, como símbolos de resistência, elementos da natureza e figuras históricas emblemáticas. Esses elementos não eram apenas decorativos, mas representavam um profundo orgulho e conexão com suas raízes culturais. A té cnica de colagem permitiu que esses elementos fossem integrados de maneiras únicas e personalizadas, destacando a diversidade de experiências e perspectivas dos estudantes. Cada pedaço de papel, cada camada adicionada, contribuía para uma narrativa visual que celebrava a resiliência e a riqueza das tradições culturais afro-brasileiras.

Além disso, as rodas de conversa exploraram como a questão da cor se manifestava no uso de diferentes materiais durante a colagem. As escolhas de cores e materiais pelos participantes não eram meramente estéticas, mas carregavam significados profundos e ressonantes com suas identidades e histórias pessoais. Por exemplo, o uso de papéis de cores vibrantes ou de elementos naturais como folhas e tecidos frequentemente simbolizava a vivacidade e a resistência da cultura afro-brasileira. Essas escolhas refletiam uma busca por autenticidade e uma conexão com o legado ancestral, temas que eram frequentemente abordados nas discussões. A maneira como os participantes escolhiam e manipulavam os materiais era uma extensão de suas identidades e uma expressão de suas histórias pessoais.

A oficina proporcionou um espaço seguro e acolhedor onde os estudantes puderam explorar essas complexidades e compartilhar suas descobertas. As rodas de conversa atuaram c omo um ponto de convergência, onde os participantes não só trocaram técnicas e ideias artísticas, mas também experiências de vida que enriqueciam o entendimento mútuo e fortaleciam a comunidade. Este método de integração da prática artística com o diálogo profundo sobre identidade e cultura contribuiu significativamente para o sucesso da oficina e para a evolução das obras criadas. Cada sessão não era apenas uma oportunidade para criar arte, mas também um momento para construir comunidade e fortalecer laços através da partilha de experiências e da exploração coletiva de temas de identidade e cultura.

Os relatos compartilhados nas rodas de conversa durante a oficina estão alinhados com as reflexões mais amplas do capítulo 6 da dissertação, que examina como as práticas artísticas podem servir como um espelho e um veículo para a expressão das identidades étnico-raciais. As conversas permitiram que os estudantes explorassem e articulassem suas experiências de forma coletiva, criando um mosaico rico e diversificado de perspectivas que, por sua vez,

informavam e enriqueciam suas colagens. As discussões não apenas enriqueceram as colagens criadas, mas também ampliaram a compreensão dos participantes sobre as complexidades da identidade étnico-racial e da resistência cultural.

À medida que refletimos sobre os resultados dessa oficina e a metodologia adotada, torna-se evidente que a arte da colagem, em sua essência, é uma ferramenta poderosa para a educação e a conscientização social. Ela não só facilita a expressão individual, mas também promove uma compreensão mais profunda e empática das experiências dos outros. Em um país marcado por profundas desigualdades, a colagem oferece uma plataforma acessível e inclusiva para a expressão e a resistência. A oficina "MOSAICOS DE PAPEL - Qual a sua cor?" demonstrou como a arte pode ser um catalisador para o diálogo, a reflexão e a ação, incentivando os participantes a se envolverem ativamente na luta por justiça e igualdade. Através da colagem, os estudantes não só exploraram e expressaram suas identidades, mas também participaram de uma prática coletiva de resistência e transformação social, mostrando que a arte pode ser um veículo poderoso para a mudança.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil**: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BARTH, F. Introduction. In F. BARTH (Ed.), **Ethnic Groups and Boundaries**: The Social Organization of Culture Difference. Prospect Heights, IL: Waveland Press, 1969. p. 9-38.

BERNARDO, Juliana Ferreira. **Colagem nos meios imagéticos contemporâneos**. São, Paulo,[sn]2012.

BLOJ, C. De cuando la "ficción" supera la "realidad": apuntes sobre la identidad nacional costarricense. I parte. **Revista de Filosofía**, n. 97, p. 3-41, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CAMARGO, F. B. **A arte de ensinar arte**. São Paulo: Editora Senac-São Paulo, 1992.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade**.** In: CODO, W.; LANE, S. T. M (Orgs.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

DE MOLINA, S. **Collage y arquitectura. La forma intrusa en la construcción del proyecto moderno**. Sevilla: Recolectores Urbanos, 2014.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ECHEVERRÍA, B. **La modernidad de lo barroco**. Cidade do México: Era, 2000.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Antología, Bolívar Echeverría, Crítica de la Modernidad Capitalista**. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolívia, 2011. Disponível em: [http://comunizar.com.ar/wp-content/uploads/Echeverria-Bolivar-Critica-De-La-Modernidad-Capitalista.pdf]. Acessado em 31 out. 2023.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Una epistemología del sur: la reinvención del conocimiento e la emancipação social**. México: Siglo XXI Editores/ Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAHUERTA, J. **Enric Miralles**. Obra Completa. Madrid: Electa, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Cubismo e a Vida Cotidiana. **Revista do Arquivo Municipal**, v. , n.18, p.241-245, 1935a.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papirus, 1985.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina**: la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2017.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Autêntica Editora, 2003.

MIRANDA, Marina Rodrigues. **Arte e educação:** a formação do olhar. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S. l.], v. 27, n. 1, 2011. DOI: 10.21573/vol27n12011.19971. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/19971. Acesso em: 24 mar. 2024.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

PAZ, O. **Los privilegios de la vista**. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Rosana Paulinho**: a costura da memória. São Paulo, 2018/2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 113-142.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Barroco: os paradoxos da razão**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WALDMAN, D. The social construction of identity: a theoretical framework for social work practice. **Social Work in Health Care**, v. 31, n. 3, p. 303-321, 2000.

WALSH, C. **Pedagogias decoloniais**: práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)viver. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.

WALSH, C.; Mignolo, W. D. **On decoloniality**: concepts, analytics, praxis. Durham: Duke University Press, 2016.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re- existir e re-viver. In: Candau, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018.